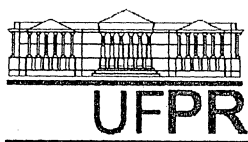


**A CONSTITUIÇÃO DA ESCOLA COMO UM ESPAÇO
DE FORMAÇÃO DO COLONO JUNTO AOS
PROJETOS DE COLONIZAÇÃO DO NORTE
MATOGROSSENSE: ALTA FLORESTA
1976 A 1996.**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre em Educação.
Curso de Pós-Graduação - Mestrado em Educação
- Setor de Educação - Universidade Federal do
Paraná.

Orientadora: Prof.^a Serlei Maria Fischer Ranzi.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PARECER

Defesa de Dissertação de **ROSANE DUARTE ROSA** para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO.

Os abaixo-assinados, DR^a SERLEI MARIA FISCHER RANZI ; DR^a ARLENE ANÉLIA RENK E CARLOS EDUARDO VIEIRA argüiram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: **"A CONSTITUIÇÃO DA ESCOLA COMO UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO DO COLONO JUNTO AOS PROJETOS DE COLONIZAÇÃO DO NORTE MATO-GROSSENSE: ALTA FLORESTA 1976 À 1996"**.

Procedida a arguição, segundo o Protocolo, aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

Professores

DR^a SERLEI MARIA FISCHER RANZI (Presidente)

DR^a ARLENE ANÉLIA RENK (Membro Titular)

DR. CARLOS EDUARDO VIEIRA (Membro Titular)

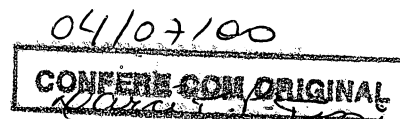
Apreciação

Serlei
Arlene

Carlos



Curitiba, 05 de novembro de 1999



Associação
Prof^a Dr^a Maria Auxiliadora M. dos Santos Schmidt
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação

RESUMO

Diante da hipótese de que houve um processo de formação do colono, e que para isso a escola se constituiu como um dos espaços formativos destinados a adaptação e fixação destes homens em plena selva Amazônica, iniciei uma proposta de investigar o processo de colonização de Alta Floresta. Dediquei-me a estudar os primeiros anos da colonização, utilizando para isso entrevistas com os colonos, moradores do projeto, e outras fontes documentais da época.

No primeiro capítulo, abordamos a década de 70, quando o Estado promove uma política de ocupação dos espaços vazios e expansão da fronteira agrícola. No norte de Mato Grosso essa ocupação é feita pela parceria entre Estado e empresa privada. A Indeco como empresa colonizadora privada, venceu o processo de licitação e fez a ocupação das terras. Enquanto isso, a propaganda era divulgada sul, mais precisamente no Estado do Paraná. Coordenando e participando de cada dia de trabalho, Ariosto, projetava já nos primeiros momentos, a sua imagem de bandeirante do século XX.

No segundo capítulo trataremos da chegada dos colonos e das relações que se estabeleceram na colonização. Depois do primeiro encontro essa relação de negócios transformava-se em confiança, admiração e dependência, definida pelos colonos, como uma relação paternal. O carisma somado à liderança, foram o leme do processo formativo dos colonos. No entanto, contrariando os planos de Ariosto, os garimpeiros descobriram ouro na região, e invadiram o projeto. Assim por mais de dez anos, colonizador, colonos e garimpeiros, ocuparam o mesmo espaço na colonização.

A escola nesse contexto se constituiu no lugar onde as relações culturais foram sendo desenvolvidas no sentido de formar um novo colono. Assim no terceiro capítulo vamos falar sobre sua função social que era muito ampla, na projeção de um futuro promissor. Na cidade a escola-Indeco, funcionava sob a proteção do colonizador que se fazia presente nas comemorações e para resolver os problemas administrativos e financeiros. Na zona rural foi edificada a escola-igreja, sob a orientação do padre e estruturada de acordo com os moldes da igreja católica.

Concluimos que o vínculo estabelecido entre os colonos e o projeto de colonização, seja pela distância e isolamento, ou pelo espírito de solidariedade, é resultado de um processo formativo tão eficaz, que até hoje, deixar o projeto para os colonos é algo fora de questão, pois segundo eles, Alta Floresta é o melhor lugar do mundo para se viver.

Dedico este trabalho aos colonos de Alta Floresta, homens, mulheres e crianças que em busca do sonho de ser dono do seu pedaço de chão se colocaram a caminhar. Descendentes dos imigrantes europeus, como eu também sou, vivemos na esperança de um dia encontrar um lugar onde possamos viver dignamente, sem medo do futuro, e acreditando que nossos filhos terão enfim, uma terra como herança.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À minha orientadora, uma pessoa que admirável, que usou da sabedoria e de cautela na hora da definição da orientação, mas que depois disso tornou-se realmente uma orientadora responsável, como poucas. Acompanhando e incentivando o meu trabalho, que com certeza, também é muito dela, fez com que cada momento de orientação fosse um momento ímpar de aprendizado.

AGRADECIMENTOS

A toda minha família pelo incentivo, principalmente a meus pais pelo apoio e carinho; e meus três maninhos que sempre foram os grandes e eternos companheiros da *Zane*.

Ao Valter, falando de amor, porque a obra do acaso nos colocou diante um do outro num momento tão especial da minha vida. Ouvindo e opinando sobre o que eu escrevia, me ajudou a vencer o tempo e concluir este trabalho.

A todos os professores do mestrado, destacando a Prof. Acácia e Dativa que acreditaram no meu projeto e deram, tanto a oportunidade, como valiosas contribuições para que este trabalho se tornasse realidade.

Aos meus colegas de mestrado, hoje meus amigos dos quais a presença e o calor humano, me fizeram gostar da tão fria e distante Curitiba, a ponto querer viver aqui.

Aos membros da banca examinadora, Prof. Carlos e Arlene, pela graça e simpatia associada a seriedade das contribuições dadas ao meu trabalho.

À minha instituição – Universidade do Estado de Mato Grosso – que mesmo diante de alguns imprevistos provocados pela incompetência de alguns funcionários, manteve a bolsa de estudos que viabilizou a parte financeira deste período de estudos.

A todos que colaboraram na pesquisa, principalmente as pessoas entrevistadas, que cedendo um tempo de suas vidas, forneceram informações preciosas, sem as quais este trabalho não poderia ser realizado.

Ao Professor Sidney pela atenção e preciosa colaboração na revisão dos originais deste trabalho.

A todos aqueles que durante o tempo de mestrado, conviveram comigo, pois na atuação de cada um, nas presenças e ausências, nos atritos e consensos, deixaram a sua contribuição para que eu chegasse até aqui.

A todos vocês muito obrigado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
I CAPÍTULO – O PROJETO DE COLONIZAÇÃO E A MISSÃO DE COLONIZAR DE ARIOSTO DA RIVA.	
1. O projeto de Colonização de Alta Floresta – 1976 a 1996.....	31
2. O Bandeirante do Século XX.....	54
II CAPÍTULO – OS PRIMEIROS ANOS DA COLONIZAÇÃO	
1. A chegada dos colonos e os primeiros anos na nova terra.....	81
2. O colonizador e o colono.....	101
3. O colonizador e os garimpeiros.....	119
III CAPÍTULO – O ESPAÇO ESCOLAR COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO DO COLONO	
1. A Escola: um dos espaços de formação do colono	144
2. Uma escola para celebrar a colonização e projetar o futuro cidadão AltaFlorestense.....	156
3. Escola ou igreja na formação do colono.....	188
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	201
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	208

INTRODUÇÃO

A colonização da Amazônia é sem dúvida um novo capítulo na história de vida de uma população migrante em busca do seu pedaço de terra. São homens e mulheres que enfrentam qualquer tipo de adversidade e se submetem aos mais variados regimes de distribuição e ocupação de terra para conquistarem o seu espaço. Assim como medir, como entender os motivos que levaram homens comuns a se tornarem homens tão fortes e capazes de resistir a tudo e a todos para encontrar um lugar onde pudessem dar um futuro melhor para seus filhos.

Na verdade esses homens e mulheres, pela sua condição de migrantes, sempre caminharam de um lado para outro em busca de algo, não desistindo nunca, acreditando no desconhecido, fazendo histórias e obedecendo uma voz interior que os mandava avançar. Mas avançar para onde? Em busca do que? Quem são eles afinal? Eles eram pessoas comuns, pequenos agricultores a procura de uma terra maior, um lugar para garantir o futuro dos filhos. Homens e mulheres em busca de um sonho que deveria se tornar realidade. Na verdade esses homens e mulheres eram apenas mais um número de pessoas que cresce a cada dia e que não possuem condições de sustentar suas famílias. São uma parcela da sociedade que, castigados pela sua posição de desvantagem na pirâmide social do país, não conseguem possuir e manter sua propriedade de terra para sobreviver e por isso são impelidos a procurar outros locais de trabalho.

O sonho da terra farta, da terra grande, do espaço para trabalhar com toda a família se constituiu num terreno fértil onde foi lançada mais uma vez a semente da colonização. Uma semente de esperança de terra para trabalhar, de reconstrução da família, de escola para os filhos estudar e até mesmo de riqueza, de poder. Enfim de um mundo de sonhos sem limites. Foi assim que uma empresa privada de colonização apostou nos colonos do sul, mais especificamente do Estado do Paraná, para construir em plena Amazônia um projeto de colonização que deveria tornar-se um novo pólo agrícola para o país.

Esses colonos que não conhecem outro caminho, senão a busca de uma alternativa que os leve a posse da terra, ficaram encantados com a forma com que Alta Floresta se projetava, nada mais nada menos, do que como a terra prometida. Então os colonos dirigiram-se novamente para a conquista da terra, que no caso de Alta Floresta, acenava novamente com a possibilidade de enfim encontrar a sua propriedade e a garantia de um futuro promissor.

O projeto de colonização de Alta Floresta, principalmente no seu período inicial que foi eleito para este estudo, de 1976 a 1996, é a materialização desse sonho definido *a priori* pelo seu colonizador como “*Sonho que se sonha a dois não é mais sonho, é realidade*”. (FOLHA DA FLORESTA, 1989, p.03). Entretanto essa realidade, às vezes, esconde-se, e por outra, deixa-se revelar nas relações sociais que demarcam a identidade de um povo sonhador.

A promessa de trabalho, escola e família como elementos reais que formam uma nova sociedade, senão pela organização, com certeza pelo cenário, vão se constituir na base da promoção das propagandas da empresa sobre o projeto. Vivendo a experiência de fazerem parte desse projeto, os colonos com seus próprios conhecimentos e organizações, vão colaborar na construção de uma nova consciência de ocupação da terra que será sempre orientada pela Indeco¹. Desse modo, para estudar a colonização do município de Alta Floresta, mais precisamente o processo formativo que se desenvolveu no projeto para que os colonos fossem acolhidos e incentivados a permanecerem em suas propriedades, bem como o papel que a escola assumiu diante deste processo, foram levadas em consideração algumas das relações estabelecidas no projeto de colonização.

O entendimento do conjunto dessas relações é que possibilitaram, ao lado das análises teóricas, uma compreensão mais aprofundada da realidade vivida pelos colonos e colonizador. Uma realidade que se configura no exato momento em que o governo federal cria uma política de ocupação das terras devolutas e o governo do Estado de Mato Grosso incorpora a colonização privada como modelo de ocupação.

¹INDECO – Integração, Desenvolvimento e Colonização foi a empresa privada que implantou o projeto de colonização GLEBA INDECO no norte de Mato Grosso. Essa empresa pertencia a Ariosto da Riva, o colonizador, que a partir desse projeto tornou-se uma pessoa muito conhecida na região. E que dentro do projeto era adorado pelos colonos e assim foi condecorado como o Bandeirante do século XX.

Nesse momento, Ariosto da Riva se coloca como um empresário bem sucedido e capaz de realizar uma ocupação destinada ao sucesso. Assim surge a história do colonizador, como idealizador e fundador da cidade de Alta Floresta. Uma personalidade por vezes contraditória que, sem dúvida, foi um homem com uma visão muito grande, e que guardando traços de sua experiência profissional iniciada com garimpos, ousou investir na colonização privada em Mato Grosso.

Essa ousadia estava pautada na certeza de que, com uma fórmula bem simples – terra boa e colono ideal – poderia criar um negócio para a vida toda, como realmente foi e ainda continua sendo para os seus descendentes.

Ariosto contou com uma imagem que ele projetou e foi projetada pela cidade de Alta Floresta. Ele conduziu todo o processo de colonização e comandou pessoalmente, com o seu carisma e liderança, todas as ações desenvolvidas na colonização. Com um alto grau de controle da área e dominação de todo o processo, ele se fez amado por uns e odiado por outros, mas cumpriu aquilo que objetivou e colocou como meta: criar na Amazônia um modelo de colonização.

Considerado como um exemplo de colonização, o seu projeto ganhou apoio dos governos, estadual e federal, e, ainda, de alguns empresários que foram sendo convencidos pelo colonizador de que investir na Amazônia era, sem dúvida, um negócio promissor.

Essa característica própria de Ariosto, que era capaz de vender seus sonhos e de fazer com que aqueles que o cercavam, sentissem que aquele sonho era deles também, se evidenciou muito na relação que ele estabeleceu com os colonos. O colonizador sempre se demonstrou um homem simples, acessível e muito compreensivo, que participava de todos os momentos do projeto, desde as pesquisas de exploração da área até a construção da cidade.

Com isso a existência de um processo formativo dos colonos, pode se confirmar também quando se analisa a relação do colonizador com os seus colonos. Uma relação que se deu em função de que era necessário a adaptação e permanência dos colonos no projeto. Conceber a realidade amazônica como sua morada e construir uma identidade com a nova terra, capaz de suprir a ausência da sua terra de origem, eram condições primordiais para que os colonos jamais abandonassem o projeto. A partir do momento que comprava o seu lote de terra, Alta Floresta se tornava para os colonos, a garantia de um futuro melhor e a sua própria razão de existir.

A menção de que existiu esse processo formativo dos colonos e que este se dava nas relações estabelecidas entre os indivíduos que ali se estabeleceram, remete-nos a discussão de que existiu no projeto uma *“concepção abrangente da educação, na qual a formação é resultante da experiência de vida, do contato com o ambiente cultural.”* (VIEIRA, 1999, p.224). Isso exige de quem se propõe a estudar os processos formativos,

utilizando para isso a análise de uma determinada realidade, como no caso dos colonos do projeto de Alta Floresta, *“uma ampla visão da cultura, das várias iniciativas culturais que em cada momento histórico determinado, exerceram ou exercem uma ação formadora sobre a personalidade dos homens”*. (VIEIRA, 1999, p.224).

E para conhecer a cultura e as várias iniciativas culturais que estiveram presentes no início da colonização, bem como de algumas relações que se estabeleceram dentro do projeto, é que nos propomos a estudar como este processo de colonização se estruturou e conseguiu tornar-se um sucesso, um modelo para toda a região.

Entender como os colonos foram levados a assumirem o projeto de modo obediente, e produtivo, com certeza passa pela compreensão do como a colonizadora, representada pelo colonizador e seus pares, atuou na preparação dos colonos para que eles pudessem viver na nova terra. Sendo assim, algumas questões como: qual a relação entre escola e Indeco? Qual o papel da escola no projeto? Como a igreja atuava na organização das comunidades e na preparação da escola? Enfim, de como a escola se constituiu no espaço comunitário com uma função social ampla? Essas e outras perguntas ao serem respondidas, podem fornecer dados importantes para compreender como determinadas organizações privadas usam de instituições, como a escola, para formar um cidadão de acordo com seus padrões e para atender as suas expectativas.

Mais do que isso, seria buscar a compreensão de como determinados espaços, podem ser considerados em certos momentos como neutros, democráticos e na verdade possuir uma função muito bem definida pelos seus idealizadores, de como conduzi-los de acordo com seus interesses para atingir seus objetivos.

É preciso lembrar que, a escolha da escola como um dos espaços de formação dos colonos não se deve a sua condição de espaço educativo formal. Mas sim, porque a escola se constituiu dentro do projeto, como um espaço eleito para uma ampla missão social, que se projetava para além da instituição escolar alcançando todas as relações estabelecidas dentro e fora do projeto. Essa preocupação de não centralizar o estudo em um determinado espaço é porque seria

um equívoco pensar que um centro homogêneo de difusão de idéias seja suficiente para produzir transformações sociais.[...] a cultura é composta de múltiplas ambiências: a família, a região, a língua, a classe social, a religião, a escola, o trabalho, enfim, na expressão de Gramsci, as diversas sociedades que produzem os horizontes culturais de formação da personalidade do indivíduo em sociedade. A cultura de uma época é o resultado do embate e da interação das concepções de mundo e das práticas sociais que perpassam essas diferentes ambiências sociais.(VIEIRA, 1999, p.197 e 232.).

A proposta de estudar como aconteceu o processo de formação do colono Altaflorestense, utilizando a escola como um dos elementos básicos para compreender este processo, levará em consideração também a atuação da família, da igreja, e outros que conviveram neste mesmo espaço. E as relações

estabelecidas entre os colonos, com o colonizador e os seus colaboradores, em situações vivenciadas na escola, considerado como espaço de livre acesso para todos, é que vão dar ao colono Altaflorestense uma personalidade própria. Construída pelas múltiplas relações que ali foram estabelecida, a personalidade coletiva do colono da Amazônia, apesar do curto espaço de tempo, produziu no colono do sul uma nova cultura.

A produção de uma nova cultura – modo de vida e processos de formação – demanda uma intervenção resoluta do Estado nos domínios da sociedade civil. Aquele espaço de vida estatal que promove resultados formativos eficientes, sem grandes sanções, já que a pressão educativa sobre o indivíduo ocorre à medida que ele é integrado ao homem coletivo, às funções do Estado, produzindo o consentimento e, assim, mobilizando e integrando a vontade do indivíduo no interior do projeto estatal.(VIEIRA, 1999, p.211).

Deste modo, foram sendo conciliados os interesses dos colonos em possuírem um pedaço de terra, com a política do Estado, que através da iniciativa privada, promoveu a ocupação efetiva do norte de Mato Grosso. Mesmo que para isso fosse usado uma propaganda maior do que a região poderia realmente oferecer aos colonos, em relação a sua expectativa do futuro promissor para toda a família.

Conhecer a história vivida pelos colonos no projeto possibilitará o entendimento de como determinados espaços e pessoas podem dar um caráter específico a uma determinada realidade. E assim mostrará o entendimento que denota a importância desse estudo, de que na singularidade do processo de

ocupação do norte Matogrossense, podemos encontrar elementos que vão colaborar na compreensão do papel da formação humana, quando observadas em determinados processos históricos.

No caso da colonização privada, esse processo de formação atingiu dimensões tão grandes, a ponto de criar não só o colono obediente e produtivo, mas sim, o colono comprometido em se tornar um exemplo de cidadão preocupado em apontar uma solução para a crise econômica do país. Nesse contexto é possível verificar ainda o papel da instituição privada que ao fazer uso das instituições e recursos públicos, conseguem mascarar aparentes problemas sociais como tem sido a questão da ocupação da terra.

O projeto de Alta Floresta atendia uma política do governo militar que era a ocupação dos espaços vazios e a expansão da fronteira agrícola. O governo usou das habilidades do empresário Ariosto da Riva, para projetar na Amazônia e na região, a eficiência e a necessidade da parceria entre o Estado e a empresa privada como uma saída para a crise econômica do país.

Nesse contexto as escolas tiveram uma participação decisiva no projeto de colonização que fica muito evidente quando se analisa as relações educativas, formais ou não, que aconteciam neste espaço. A escola tornou-se um espaço de socialização dos colonos, onde todos passaram a serem vistos e tratados como iguais, diante do mesmo processo de formação. Essa equalização dos colonos permitiu que a programação feita pela empresa colonizadora se

estendesse a todos, formando um exército de defensores do projeto, através de sua própria identificação com o trabalho de construção de uma nova realidade.

Quando se entrevista os colonos de Alta Floresta é comum observar que todos relembram da época da chegada dos primeiros colonos, como se tivessem vivenciado aquele período. Assim todos possuem uma memória que demonstra essa estreita identificação dos colonos com o processo de construção do projeto. E como *“a construção da identidade social é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade que se faz por meio da negociação direta com outros.”* (POLLAK, 1992, p.204), também a memória e a identidade podem então ser negociadas, e deixam, de serem consideradas como um fenômeno particulares de uma pessoa ou grupo.

A identidade social construída se mantém viva nas falas, no modo de recordar o passado cheio de fatos contraditórios que vão sendo conhecidos e desvendados a medida que são julgados pela realidade presente. Esse passado sempre presente *“tem sido quase sempre uma história de feridas abertas pela memória, não sendo no fundo senão uma manifestação, entre outras, das interrogações atuais e palpitante sobre certos períodos que não passam.”* (ROUSSO, apud FERREIRA, 1996, p.95).

Verificar os fatos, acontecimentos e as experiências de vida dos colonos no processo de colonização, que aconteceram e continuam acontecendo

e, por vezes, quando são vividas por aqueles que construíram o projeto, demonstram que os privilégios não eram para todos. Ou ainda, que o sonho não ultrapassou a barreira da realização individual do colonizador, e que foi materializado pela construção de uma legião de admiradores e defensores do projeto, formados pela ação coletiva de instituições como a família, igreja e escola.

Se existe algum papel reservado aos pesquisadores, este deve ser o de contribuir – ou mais incisivamente – o de lutar por um espaço que possa ser estendido para que outras vozes sejam ouvidas e contar outra história. Sobre esse *“passado que traz consigo um índice misterioso, que o impele a redenção... não existem nas vozes que escutamos ecos que emudeceram? [...] nesse caso como a cada geração, foi nos concedida uma frágil força mecânica para a qual o passado dirige um apelo. E esse apelo não pode ser rejeitado impunemente.”* (BENJAMIM, 1985, p.223). Nessas palavras de Benjamim podemos encontrar um forte motivo para enfrentar a história oficial do projeto de colonização e buscar na fala dos colonos, espaços para que eles falem sobre as suas participações nesse projeto. Assim é preciso ensaiar a escrita de uma história que mostre, em última análise, o amplo sentido das relações que se estabelecem dentro de um processo de colonização privada.

É nesta vertente que se primou pelo uso da história oral, pois

a fonte oral é viva, por isso é parcial. [...] não só porque é inacabada mas também porque nos põe em confronto com o outro. E nós como historiadores nos transformamos e transformamos aqueles que visitamos. Desse modo a subjetividade inerente a fonte oral é o que a torna útil, distinta e absolutamente necessária para a história completa. (VILANOVA, 1994, p.46).

A utilização da fonte oral, e também de outras fontes como jornais, revistas e arquivos, para a compreensão do processo de colonização de Alta Floresta, são muito importantes e necessárias para a escrita de uma história, não circunscrita ao relato de fatos importantes que levaram o projeto ao sucesso, mas para compreender a participação efetiva dos colonos na construção de uma cidade em plena Amazônia.

Ao pressupor a existência de um processo formativo na colonização, mediado pelo colonizador, nos remete a necessidade de conhecer melhor Ariosto da Riva para entender como esse processo se configurou, posto que, ele conduziu pessoalmente todos os passos do projeto. Desde a elaboração do projeto até o seu auge, como modelo de colonização, Ariosto atuou como o colonizador e ganhou a admiração e respeito de todos os envolvidos.

Utilizar a trajetória de vida do colonizador, como uma das referências para entender como as relações formativas do colono foram sendo estabelecidas dentro do projeto, nos remete a necessidade de rever o tratamento dado a biografia como método de trabalho, posto que, *“produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como relato coerente de uma sequência*

de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda a tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.”(BORDIEU, 1996, p. 185). Por isso a trajetória de Ariosto será feita não somente em função de uma história pessoal e linear, mas sim com as falas dos colonos, artigos de jornais e revistas e observação do contexto em que o projeto foi desenvolvido.

Diante dessas afirmativas em relação a importância da utilização da fonte oral, em conjunto com outras fontes, para entender como ocorreu a formação dos colonos Altaflorestenses, é que primamos pela entrevista como um dos instrumento para a coleta de dados neste trabalho.

Buscar nas histórias de vida dos primeiros colonos, a memória de um tempo que definiu as suas relações e forjou nestes homens uma identidade tão forte, capaz de resistirem a qualquer adversidade para se manterem no projeto, pode ser considerado um dos exemplos, de como processos de formação humana perpassam todas as relações estabelecidas dentro de uma determinada sociedade.

Esse estudo sobre a colonização, usando a história de vida dos colonos é mais uma oportunidade de abordarmos a questão da ocupação do norte de Mato Grosso, que também traz na sua essência a questão da posse da terra. E para que as vozes de um passado não tão distante, que já começam a serem confundidas e negadas em função das lembranças dos atos heróicos do

colonizador, desapareçam totalmente é que analisaremos o projeto de colonização de Alta Floresta através das experiências vividas pelos seus colonos, presentes desde o início da colonização, e que participaram do processo de formação de um colono Altaflorestense.

Para as entrevistas foram selecionadas vinte pessoas que apresentavam um requisito básico de seleção: eles chegaram em Alta Floresta nos primeiros anos de colonização (1976, 1977, 1978). Com o intuito de utilizar suas próprias histórias de vida em relação ao projeto para fazerem parte desta pesquisa, realizamos um primeiro contato para estudar a possibilidade de gravar uma entrevista.

Depois desse primeiro encontro analisamos que, dentre estas, apenas dez teriam realmente condições de colaborar com informações necessárias a compreensão das questões levantadas em relação ao processo formativo do colono. De acordo com um roteiro de questões que abordavam o processo de colonização, os entrevistados foram recordando a história do projeto usando como parâmetro a sua participação no desenvolvimento de Alta Floresta.

As entrevistas ocorreram em espaços solicitados pelos próprios entrevistados. Assim a primeira delas foi realizada no Parque Zoobotânico de Alta Floresta, onde o artista plástico “Paulinho” indicou como um lugar especial para ele, que como toda a cidade de Alta Floresta, pode ser considerado “*então como uma paixão, isso daqui é uma paixão, é onde eu posso caminhar toda*

manhã sem ter preocupação. E é um dos fatos que eu escolhi esse lugar pra gente conversar, pelo fato da tranquilidade que isso daqui proporciona.” (MARTINS, Paulo Roberto, 24 jan. 1999).

A seguir foram realizadas duas entrevistas num mesmo dia. Uma com a primeira diretora da escola “Vitória Furlani da Riva” a Sra. Amélia, que nos recebeu na sua Lanchonete, que segundo ela foi conseguida graças ao seu empenho e trabalho. Como ela foi uma das importantes colaboradoras de Ariosto da Riva na ampla função dada a escola, ela atribuiu o seu sucesso, e de muitas outras pessoas no projeto, como uma conquista proporcionada pelo colonizador *“que na hora de construir a minha casa, que foi a primeira neste local onde hoje é a Casa Velha (nome da Lanchonete e Pizzaria), a Indeco praticamente me deu o terreno, eu paguei um valor simbólico.[...] Então muita gente teve esse tipo de ajuda aqui, embora eu tivesse o meu salário eles me ajudaram muito.”* (MASSARELLI, Amélia P. Marins, 02 fev.1999).

A outra entrevista foi realizada no sítio do professor Francisco, ele foi um dos colonos que, devido a mecanização das terras no norte do Paraná, ficou sem lugar para plantar e assim seguiu com toda a família para o norte de Mato Grosso. Logo que chegou na região teve uma surpresa pois a maioria dos moradores eram provenientes do mesmo lugar que ele, ou seja do município de Assis Chateaubriand- PR.; e assim foi indicado para continuar uma atividade que já exercera no Paraná: ser professor da escola da zona rural.

Durante muitos anos ele atuou como professor na escolinha próxima da sua casa e somente agora com a criação dos núcleos de ensino na zona rural é que ele passou a dar aulas na cidade. Porém continua morando na mesma propriedade, e até na mesma casa que construiu quando chegou em Alta Floresta. *“eu gosto de Alta Floresta, aqui é minha casa, eu acho que aqui é o meu lugar, eu acho que eu não vou sair de Alta Floresta nunca.”* (SILVA, Francisco Luiz, 02 fev. 1999).

Na sequência foram feitas mais duas entrevistas, uma das quais se realizou num ambiente muito especial, que foi justamente na secretaria de agricultura do Município. O entrevistado, um ex-funcionário da Indeco, hoje funcionário da prefeitura num dos setores que era visto como primordial para o projeto que sempre foi a agricultura. Esse senhor que participou desde a abertura da estrada J-1 até a preparação do último projeto da Indeco que foi Apiacás, foi também um grande colaborador de Ariosto da Riva, que mesmo investindo no setor de agropecuária, ainda vê a cidade com o futuro defendido por Ariosto, que era de que Alta Floresta se tornasse um grande pólo agrícola. *“Eu me sinto realizado, de ter concretizado esse sonho e de ter construído minha família também, me sinto feliz né, porque depois de ter passado por tudo, hoje eu posso ver esse trabalho realizado.”* (OLIVEIRA, Valdir Telles, 06 fev. 1999).

No mesmo dia também foi entrevistado o Sr. Hitor, descendente de

italianos que colonizaram Santa Catarina e depois se dirigiram para o Oeste do Paraná, mais precisamente para a cidade de Medianeira, e que também sentiu a necessidade de procurar novos horizontes. Assim o fez quando escolheu Alta Floresta para montar uma filial da empresa que tinha junto com seus irmãos, e que já não comportava todos. Foi sozinho para Alta Floresta, mas logo depois constituiu família e nos recebeu em seu escritório na empresa que até hoje se localiza no mesmo endereço, onde numa tarde de agosto, de acordo com suas informações, mais precisamente no dia “*20 de agosto de 1977, às 16:00 horas nós encostamos o caminhão aqui na frente, eu tenho isso filmado a nossa chegada do caminhão, do fusca é (pausa) o local que simplesmente a máquina de esteira tinha derrubado o mato e feito um monte a cinqüenta metros no fundo.*” (TEZA, Hitor, 06 fev. 1999).

Hoje é um empresário que guarda na lembrança os momentos em que o garimpo imperou como atividade econômica, e que acabou tendo que adaptar a sua loja que vendia essencialmente produtos agrícolas, as necessidades dos garimpeiros comercializando também materiais para o garimpo. Mas afirma também que nunca deixou de pensar no futuro e assim investiu no setor de agropecuária, e como um convicto Altaflorestense, defende a cidade como um excelente lugar para se viver e criar os filhos.

Uma das pessoas mais apaixonadas por Alta Floresta, Dalva, é com certeza uma das pessoas entrevistadas, que mais se identifica com o processo de

formação do colono até porque, como filha de colonos ela chegou a Alta Floresta ainda criança. Assim todas as suas falas demonstram que, mesmo sendo ainda uma criança, ela viveu e sentiu todos os encantos e desencantos de deixar uma sociedade organizada e isolar-se dentro da mata, onde nem mesmo vizinhos eles tinham e então *“vizinho demorou 40 dias para ver o primeiro vizinho. Quando a gente viu saiu correndo de medo, não sabia quem era, parecia que estava vendo um fantasma porque nunca tinha visto ninguém por ali.”* (OLIVEIRA, Dalva Lellis, 09 fev. 1999). Recebidos em sua casa, a entrevista foi um momento de recordações de muitos fatos importantes para a pesquisa, que contou com algumas informações de seu companheiro, Ceir Ruelis. Ele se fez presente durante toda a entrevista e auxiliou com a confirmação de alguns fatos e também de algumas datas.

Outro momento ímpar das entrevistas foi a colaboração do Sr. Benedito, mais conhecido como “Dito Risonho”, que nos recebeu em sua casa para um café e também para conversar longamente sobre os primeiros anos de chegada desse que foi o primeiro colono de Alta Floresta. O Sr. Benedito foi a primeira pessoa que comprou um lote de terra no projeto, um negócio que fez com o Ariosto da Riva, e que de acordo com seu relato só aconteceu porque primeiro ele mesmo realizou uma experiência,

eu falei para o Seu Ariosto: - Me dá um facão pra mim e uma caneca. Ele me disse: Pra que você quer um facão e uma caneca? Eu respondi: Não se preocupe. Então eu bebi água três dias em Alta

Floresta, pois se a água for boa e eu não ficar doente com certeza ninguém vai ficar. E a terra se for só pedra a gente pega o facão e enfia e com uma enfiada na terra a gente vê. (MENDES, Benedito, 11 fev. 1999).

Como a sua experiência deu resultado positivo ele continua no seu lote até hoje, também manteve a sua plantação de café que segundo ele, continua produzindo. Em frente ao pé de jaca que ele plantou quando chegou na propriedade ele falou do seu orgulho em ter vencido todas as dificuldades e de ter dado a sua família uma chance de um futuro melhor.

Como a agricultura sempre foi a bandeira que o colonizador acenou para os colonos, um dos importantes colaboradores do projeto na preparação e orientação do colono para a atividade agrícola foi o Sr. Divino, um técnico agrícola que trabalhou na Indeco, na escola e que hoje está assumindo a secretaria municipal de agricultura pela terceira vez. A entrevista foi realizada em sua casa que se localiza nos fundos do viveiro de mudas “Comudas”, de sua propriedade e que trabalha com a produção de mudas de diversas culturas.

A história do Sr. Divino em Alta Floresta com relação ao trabalho desenvolvido nesses vinte e três anos se confunde com as atividades agrícolas experimentadas no projeto. Ele já trabalhou com todas as culturas que foram sendo testadas ao longo dos anos e quando interrogado sobre essa questão das experimentações ele disse *“Veja bem eu acho que muitas experiências já foram feitas, muita coisa errada aconteceu né, justamente pela falta de observação, nós não tínhamos nada, tudo tinha que ser feito.”* (ARAÚJO, Divino Corrêa, 13

fev. 1999). Participando ativamente da vida política da cidade, já foi representante do legislativo municipal e durante sua gestão atuou como presidente da Câmara de Vereadores.

A professora Maria Antonieta nos recebeu em seu ambiente de trabalho e depois em sua casa. Símbolo das suas conquistas a escola, que já foi a sua primeira casa é um local muito interessante pois ali durante os primeiros anos de morada foi compartilhada com muitas pessoas que chegavam no projeto.

Neste espaço ela colaborou com o projeto no sentido de acolher os colonos, que muitas vezes se dirigiam para o projeto sem um local para morar e enquanto construíam suas casas ficavam hospedados na casa dela. Isso porque o seu esposo na época era funcionário da Indeco e como fazia parte do seu trabalho demonstrar as terras, eles acabaram se tornando uma referência para as pessoas que chegavam no projeto. Seu esposo foi um dos poucos funcionários da Indeco que deixou a empresa seduzido pelo garimpo, onde infelizmente perdeu a vida. A relação de Maria Antonieta com o colonizador é uma das mais marcantes na sua descrição mais do que emocionada, do momento em que Ariosto da Riva faz a doação de uma área destinada a construção da sua segunda escola,

ele perguntou se eu havia me esquecido ou se eu quis deixar para assinar o projeto lá na frente dele, na presença dele. Aí a gente riu e tal, aí eu disse que não, e que realmente tinha sido esquecimento

mesmo, então ele disse: Foi melhor assim porque agora você assina aqui na minha mesa. Aí eu fui pegar a caneta da mão dele e quando ele foi me dar a caneta, eu senti tanta gratidão por ele que eu peguei e beijei a mão dele, quando eu beijei a mão dele, ele com o mesmo gesto, quando assinei, e quando eu fui devolver a caneta para ele, ele beijou as minhas duas mãos e aí aquele gesto assim para mim, e eu falei: Meu Deus, como pode? Ele está me dando 4.000 metros de terras e eu. Ele ter esse gesto eu achei muito carinhoso por parte dele, ele era uma pessoa muito atenciosa, muito, muito atenciosa; muito caridosa também e ele valorizava e muito as pessoas.(CRUZ, Maria Antonieta, 14 fev. e 1999).

Entrevistar os colonos trouxe grandes surpresas e uma delas foi conhecer o Sr. Ercio e ao mesmo tempo a sua chácara que pode ser considerado como um exemplo de ocupação racional na Amazônia. O Sr. Ercio é um pioneiro tanto no projeto como na atividade de piscicultura na região. Foi justamente entre os seus tanques de alevinos que ele nos recebeu para contar como um construtor que participou da construção da maioria dos prédios da cidade, encontrou nesta atividade uma forma de preservar os peixes da Amazônia e também de gerir recursos para manter uma propriedade tida como modelo para a região.

Ousadia e perspicácia entrelaçaram as falas desse descendente de alemães que viu no projeto de Alta Floresta uma chance de refazer a sua vida e de construir ali o seu sonho através do trabalho, pois segundo ele *“o trabalho é o que une a família e enquanto existir trabalho vai existir a família.”* (LUEDKE, Ercio. 18 fev. 1999). Assim com base no trabalho familiar desenvolve uma atividade que segundo ele deverá ser a atividade adequada para

a ocupação da região sem destruir a natureza.

Todas as pessoas que participaram das entrevistas se demonstraram muito interessados e ficaram muito felizes em poder contribuir com a escrita da história da sua cidade. Além disso, ninguém fez ressalvas sobre a sua fala, autorizando a utilização da entrevista na íntegra, bem como da identificação dos mesmos, o que não ocorreu em trabalhos desenvolvidos anteriormente. Como exemplo disso podemos citar as dissertações de mestrado sobre Alta Floresta de JATENE(1983) e GUIMARÃES NETO(1986), ambas defendidas na UNICAMP. Naquele período a colonização ainda se encontrava em pleno funcionamento e de acordo com as professoras a identificação dos colonos poderia causar represálias por parte do colonizador.

Atualmente os colonos já não demonstram nenhuma preocupação com as suas afirmações, até porque os colonos entrevistados, explicitam em suas falas, uma admiração muito grande pelo colonizador. E que mesmo admitindo a existência de atitudes condenáveis realizadas por ele no passado, eles as consideram como necessárias para aquele momento. Os relatos partem das suas próprias histórias de vida e das relações que estes estabeleceram os demais integrantes do projeto.

Assim em busca da história da vida dos primeiros colonos, encontramos em suas falas, os indicativos de que realmente existiu um processo de formação para que eles permanecessem no projeto até hoje. Nas entrevistas,

que poderíamos defini-las como parte da história de vida dos colonos, encontramos um material que possibilitou a interpretação de fatos que aconteceram durante o período de colonização, bem como, do porquê desses homens e mulheres tanto se empenharem na construção desse projeto. Além disso, mesmo diante de todas dificuldades, os colonos, elegeram Alta Floresta, como a exemplo do seu colonizador, o lugar para ideal para viver.

Enquanto pesquisadora tive a possibilidade de vivenciar uma situação ambígua, onde a necessidade de interpretar cientificamente, certos dados e informações sobre o projeto de colonização, contracenava com a minha própria história de vida, pois também pertenço a uma família de colonos. Deste modo, não foi nada fácil desvencilhar-me de alguns conceitos que se misturam com sentimentos pessoais e realizar uma análise científica de fatos com os quais convivi. E também de falar de pessoas pelas quais ainda possuo, grande admiração e respeito, com imparcialidade.

Seduzidos pela propaganda da terra farta e de um futuro melhor, algumas pessoas de minha família, mais precisamente o meu avô, e logo depois meu pai, vieram conhecer o projeto. Em poucos meses já haviam vendido tudo o que possuíamos no sul e se dirigido para o projeto onde fixamos residência. Assim, eu ainda menina comecei, juntamente com toda a família a viver o mesmo processo de colonização.

Minha formação escolar, no ensino fundamental e médio, se deu na

Escola Vitória Furlani da Riva onde conheci o Sr. Ariosto da Riva, assim como todos os seus familiares. Foi lá que, no dia a dia do colégio, participando de todas as atividades promovidas pela escola-Indeco que comecei a formar minha opinião sobre esse processo no qual eu estava inserida. E o interesse de trabalhar com a história da formação deste povo, que também foi minha, resultou em reflexões a cerca das histórias de vidas que foram sendo construídas no projeto.

Se por um lado, a relação com minha própria história dificultava a interpretação dos dados, por outro considero que a minha experiência e o meu contato com os entrevistados, de colono para colono, possibilitou uma abertura maior em relação as informações, que só seriam dadas, a quem também vivenciou o mesmo fato. E poderia, junto com o entrevistado buscar na sua memória, a lembrança de fatos que seriam abordados por já saber previamente da sua existência.

Ao abordar questões como as relações que foram sendo estabelecidas no processo de colonização, como as comemorações cívicas, o momento da acolhida, a criação dos viveiros de mudas de café, a formação das comunidades, o papel mediador dos padres, enfim todas essas questões podemos observar uma preocupação muito grande, por parte do colonizador em observar pessoalmente tudo o que era feito na escola.

A relação escola-Indeco (zona urbana) escola-igreja (zona rural) se

estruturou de tal modo que era muito difícil distinguir de onde procedia a coordenação dos trabalhos realizados. Assim quando se encerrava o ano letivo sempre havia comemorações que iam desde as homenagens festivas ao colonizador até a celebração eucarística pelo padre. Mas o que realmente importava nesses momentos para os coordenadores da escola era, sem dúvida, a participação dos colonos que prestigiavam o evento e aprendiam com seus filhos a cantar e aplaudir o colonizador.

Quais as expectativas do colono para si e para sua família? O que significa vivenciar mais uma vez o processo de colonização? Quais eram e ainda são os seus sonhos, ilusões, decepções e suas esperanças para o futuro? Essas são perguntas que com certeza, estão presente na vida desses homens, mulheres e crianças que convivem com a luta pela posse da terra. E que podem, em última análise, fornecer elementos para repensar a questão da necessidade de compreender os processos formativos que permeiam todas as relações sociais, culturais ou econômicas, seja no embate pela posse da terra, ou em qualquer situação vivenciada pelos homens.

No primeiro capítulo deste trabalho abordamos o processo de colonização de Alta Floresta e de como este projeto foi planejado e executado pelo colonizador e seus colaboradores. Um processo que se inicia com a compra de uma grande propriedade de terras destinadas à implantação de um projeto de colonização e vai tomando forma a medida que a mata vai dando lugar as

construções projetadas pelo homem.

No momento em que cada elemento da colonização estava sendo definido, como a escolha dos colonos e a projeção do colonizador como homem sério e honesto, Ariosto se preocupou em coordenar pessoalmente todas as ações. A imagem do empresário empreendedor, capaz de garantir a quem tivesse coragem de desbravar as selvas amazônicas, um futuro garantido para si e para todos os seus familiares, é caracterização de Ariosto que vai projetar e ser projetada pelo sucesso da cidade.

Uma das principais metas do colonizador era o seu envolvimento diário com a vida dos colonos, desse modo, no segundo capítulo vamos demonstrar como foram os primeiros anos no projeto. Da chegada dos colonos em caminhões de mudanças, até as suas formas de organização da comunidade e da vida particular em cada propriedade. Serão abordados os aspectos do relacionamento entre colonizador e os colonos, e depois com os garimpeiros, enfim da sua presença nas relações estabelecidas dentro do projeto. Sobre tudo, o esquema de formação do colono que se inicia com a preparação de uma equipe de funcionários para acolher e orientar cada novo morador do projeto. Depois se fortalece no dia a dia com a presença viva do próprio colonizador que sempre acompanhava cada momento da colonização.

A relação do colonizador com os colonos era considerada como uma relação entre pai e filhos. Ele visitava os colonos, compartilhava das suas

experiências na nova terra, e com toda a sua influência, orientava e auxiliava a cada um em seus problemas mais específicos e particulares como no caso de questões familiares.

Contudo essa dedicação não foi estendida a todos que se dirigiram para o projeto, pois a colonização particular apresenta duas características fundamentais que são a seletividade e a ordenação. Assim as pessoas que não se enquadram no padrão previamente estabelecido pelo projeto, não podem ser incorporadas posteriormente. Esse foi o caso dos garimpeiros que depois de descobrir o ouro na região de Alta Floresta tentaram invadir o projeto, posto que, não eram bem vindos. Essa tentativa dos garimpeiros de forçar a entrada no projeto foi entendida como invasão. Assim os colonos, com o incentivo do colonizador, decidiram expulsar os garimpeiros que não aceitaram a situação passivamente. Diante do conflito entre colonos e garimpeiros, Ariosto da Riva teve respaldo para convocar a polícia militar e até o exército para expulsá-los da área.

Ao contrário do que aconteceu com os garimpeiros, os colonos eram sempre bem vindos e a presença deles no projeto era acompanhada com todo o interesse de quem tinha terras, e queria arrebanhar um sem número de pessoas para vendê-las. Depois que esses candidatos a colonos do projeto compravam o seu lote de terra, aí sim, tudo era feito para que eles se sentissem muito bem tratados e incentivados a ocuparem as suas propriedades o mais rápido possível.

Mesmo enfrentando todos os tipos de adversidades e perigos os colonos permanecem no projeto até hoje, e nem a sedução da aparente riqueza do garimpo foi capaz de fazer os colonos mudarem de idéia. As estratégias do colonizador, que sempre jogou com o sonho de um futuro melhor foram eficazes para a formação de um colono que atendesse as suas expectativas, ou seja, um colono que assumisse o projeto como seu e que fizesse de tudo para projetá-lo como modelo de ocupação racional.

Os anos de chegada no projeto foram momentos de muitas dificuldades e de inseguranças, deste modo qualquer ameaça ao sonho de construir um futuro melhor deixava os colonos desesperados e dispostos a tudo, pois o único bem que lhe restava era o seu lote de terras. Diante da fragilidade do colono Ariosto aparecia como o salvador, o defensor, das famílias, da igreja, dos bons costumes, enfim de uma educação que deveria garantir o mínimo de civilidade em uma região tão inóspita e selvagem.

No terceiro capítulo vamos demonstrar como a escola se constituiu em um dos espaços de formação do colonos e cumpriu a sua função como espaço de divulgação e socialização da cultura. A escola que sempre esteve presente no projeto, desde a propaganda até a sua efetivação como centro comunitário. formação de uma nova comunidade normalmente se iniciava pela construção da escola, ponto de encontro de todas as gentes, sem distinção de raça, credo ou situação financeira, afinal de contas todos se enquadravam num

requisito: eram colonos Isso devido ao processo de formação das comunidades pois, quem liderou a implantação das escolas, que também era a igreja da comunidade, foi um padre². Ele deu as escolas uma função muito ampla onde os colonos iam aprender, ensinar, rezar, comemorar, ou chorar, enfim identificar e sentir-se parte da colonização.

Essa escola que era organizada pela igreja e que contava sempre com a presença do colonizador, possibilitou, desde a divulgação das idéias do colonizador, até mesmo a consecução de alguns dos seus objetivos. Preparando os colonos para aceitarem a sua condição de colono, em uma nova comunidade e que para tanto, os mesmos deveriam se comportarem de acordo com o que a comunidade precisava e esperava dele. Era a formação de um cidadão comprometido com as questões sociais da região e do Brasil, que precisava demonstrar que para a crise havia uma saída. E esta saída podia ser interpretada no papel da colonização e seus integrantes que se dispuseram a trabalhar com coragem e bravura para enfrentar até mesmo o perigo das selvas e matas inexploradas do país e construir ali um lugar onde pudessem fixar-se com suas famílias.

² Padre Geraldo da Silva Araújo é sacerdote Sacramentino de N^{ra} Sr^a. Veio para o norte de Mato Grosso no ano de 1974, fixando-se inicialmente em Sinop. Ele atendia os soldados do 9º BEC, e acabou seguindo-os e mais tarde se instalando em Colider. Com a construção da rodovia J-1, ele resolveu dar assistência aos construtores da estrada e acabou conhecendo Ariosto da Riva. Como ele já enfrentava problemas com o colonizador de Colider, resolveu instalar-se definitivamente em Alta Floresta. Ele fazia a acolhida dos colonos e foi o fundador da maioria das comunidades da zona rural. Permaneceu em Alta Floresta até 94, realizando seu trabalho pastoral.

Enfim, diante de todas essas questões que abordamos nesta pesquisa, entendemos realmente existiu um trabalho organizado e muito bem estruturado de formação do colono e que Ariosto da Riva, não era um cidadão comum que o acaso fez colonizador, mas alguém realmente preparado para dirigir esse processo. A forma criteriosa de escolher seus pares e de medir cada situação fez do colonizador, assim como do processo por ele dirigido, assuntos que ao serem estudados trazem a baila uma infinidade de questões que ainda precisam de investigação.

Como nossa pesquisa foi direcionada aos processos formativos, considero que ainda outros espaços do projeto ao serem investigados possam trazer uma compreensão mais geral desse processo. Nesse sentido é que colocamos nas considerações finais a possibilidade de uma pesquisa ainda maior com relação aos projetos de colonização a partir da concepção de vida do colono.

CAPÍTULO I

O PROJETO DE COLONIZAÇÃO E A MISSÃO DE COLONIZAR DE ARIOSTO DA RIVA

O Príncipe deve mostrar-se amante das virtudes, honrando os homens virtuosos e os que excedem em alguma arte. Deve encorajar os seus cidadãos a acreditar que podem exercer as suas atividades em calma, seja no comércio, na agricultura ou em qualquer outra. Que um não tema melhorar suas propriedades por medo que lhe sejam tiradas.[...] deve além disso, nas épocas convenientes do ano manter o povo ocupado com festas e espetáculos. Como toda cidade é dividida em corporações ou classe sociais, deve manter em mente tal universo, reunir-se com eles, de vez em quando, mostrar-se humano e magnânimo, mantendo sempre firme a majestade de sua posição essa deve ser mantida sempre. (MAQUIAVEL, 1996, p. 133)

1. O projeto de colonização de Alta Floresta – 1976 a 1996

O Município de Alta Floresta possui uma área de 6.089,59 km² e está situado no extremo norte do Estado de Mato Grosso à 830 km da capital Cuiabá. No início da sua colonização possuía uma área de 1.100.000 hectares pertencentes ao município de Aripuanã. Pela sua localização e biodiversidade poderia ser definido como um verdadeiro paraíso ecológico³. Considerada o **Portal da Amazônia** por ser um dos pontos onde se encontram dois ecossistemas: o cerrado e a floresta Amazônica, este é o **habitat** de animais selvagens e de plantas exóticas de rara beleza que convivem numa sincronia pela manutenção da vida.

A construção da cidade de Alta Floresta teve seu início no mês de maio de 1976, no entanto muito antes dessa data foi sendo articulada a viabilização do projeto, como viagens de reconhecimento da área promovidas pelo colonizador. Portanto podemos dizer que não se tratava de mais uma tentativa de ocupação da Amazônia, mas sim, de um projeto muito bem organizado e com toda as chances de ser um sucesso como ainda não ocorrera no processo de ocupação.

³ Dentre os aspectos físicos naturais podemos observar um clima tropical chuvoso com nítida estação de seca e outra de chuva com temperaturas entre 20° a 38° C, tendo em média 26°C. No tocante a pluviosidade, pode atingir médias muito elevadas, algumas vezes superior a 2.750 mm. Os solos de Alta Floresta são variáveis, predominando o grupo Podzólico (amarelo e vermelho-amarelo) e em pequenos percentuais Latossolos e Hidromórficos. A vegetação é composta por um quadro constituído por Floresta Ambriófila Aberta Densa, Floresta Estacional e Savana. A hidrografia do município é constituída pelos rios Apiacás, Teles Pires, Carlinda, Santa Helena e Cristalino. Esses são cursos de água que fazem parte da bacia Amazônica, sendo tributários do Rio Tapajós que drena o Estado do Pará.

Nos anos 70, o governo do país estava a cargo dos militares o que nos reportam a uma política que pregava a necessidade de ocupação da Amazônia, devido a duas razões: sendo a primeira a necessidade de ocupar os espaços vazios⁴ para que aí não se formasse grupos de resistência ao regime imposto.

Sobre essa questão existem várias referências que constataam a existência nestas áreas de grupos de guerrilhas como: a do Araguaia e da região próxima ao São Geraldo; e para reforçar tal tese, de acordo com Anibal Fernando na Folha de São Paulo de 2 de janeiro de 1976, temos

mais uma referência à guerrilha havida na área: A guerra de guerrilha malogrou na Amazônia basicamente por dois motivos: o isolamento dos guerrilheiros, que foram facilmente cercados em consequência da má localização da área escolhida para as operações e a pouca cultura da população, que não chegou a entender Marx". Essa afirmação foi feita ontem pelo general Milton Tavares de Souza, comandante da 10ª Região Militar, em conferência pronunciada no encerramento de um ciclo de estudos promovido pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra. Essa foi a primeira vez que um general do Exército falou publicamente e fez ligeiras avaliações sobre o movimento guerrilheiro que surgiu entre 1970 e 1974 na região sul do Estado do Pará e no norte de Goiás, próximo ao rio Araguaia. (IANNI, 1981, p. 194).

A segunda razão era a preocupação de tentar resolver os conflitos pela posse da terra no sul do país que estavam tornando-se cada vez mais intensos. E também de problemas socio-econômicos, como a perda das lavouras causadas por fortes geadas no sul e pela seca no nordeste. A região sul, além de sofrer

⁴ Espaços vazios é uma designação dada pelo governo do regime militar às áreas de terra devolutas estaduais que ainda não haviam sido ocupadas.

com as geadas, enfrentava questão da mecanização da agricultura, onde a mão-de-obra do pequeno agricultor estava sendo substituída pela máquina.

Aliado a todas essas questões, a construção da Usina de Itaipú, havia provocado a inundação de grande parte de terra produtiva, pertencente a pequenos proprietários e deixado muitos deles sem opção de continuar morando na região. Todas essas questões estavam causando sérios problemas sociais e o governo resolveu tomar uma medida de controle e direção dos fluxos migratórios, uma estratégia para aliviar as tensões sociais geradas em regiões onde a questão da terra estava se tornando sangrenta. Assim a política do governo *“Tratava-se pois, mais de uma questão de ‘segurança interna’, de colonização e reforma agrária do que de uma questão de ‘segurança externa’, de uma geopolítica inspirada na doutrina da defesa nacional.”* (PRETI, 1993, p.14).

Com o intuito de formar na região norte do país uma nova fronteira agrícola⁵ é que houve um significativo aumento no número de projetos de colonização particular registrados pelo INCRA⁶.

⁵FRONTEIRA AGRÍCOLA, “devido a sua importância dentro do nosso processo histórico é uma questão que nos remete a sua análise a várias dimensões(PRETI, 1994, p.31) E assim vamos ter vários conceitos do que seja esse movimento de expansão de fronteira agrícola dentro do Brasil. MONBEIG nos diz que “um estudo mais profundo desse movimento só é possível após uma coleta farta de documentação sobre o solo., focos de atração, vias de circulação, tipos de culturas, rendimentos agrícolas, o que permitiria uma imagem correta da franja pioneira (frentes de colonização) que em determinado momento possibilitaria a constatação da importância que as crises econômicas exercem sobre os seus deslocamentos.”

6.Segundo dados do Instituto Nacional de Reforma Agrária de Mato Grosso em 1970 o número de projetos de colonização privada que era de apenas quatro passou para sessenta e sete projetos, dentre os quais a maioria deles situados na região norte de Mato Grosso.

A expansão da fronteira agrícola em direção ao norte do Estado de Mato Grosso é com certeza, parte de uma política de colonização agrícola promovida pelo governo federal que coloca como meta a implantação de exploração da mão-de-obra familiar na fronteira. Pois este espaço tanto de expansão da produção agrícola, como de oferta de trabalho, é sempre entendido como um local de vazio demográfico. Com o objetivo principal de amenizar os conflitos de terra existente em locais onde a produção não necessita mais de grande quantidade de trabalho manual, são criados outros espaços para onde são direcionados os colonos evitando assim problemas sociais e conflitos pela posse de terra.

Daí a possibilidade da instalação de um projeto de colonização privada, que teve espaço para se constituir em plena Amazônia, e depois de tornar-se para essa região, um modelo de colonização⁷. Sobre a importância do

⁷ Em função do rápido crescimento e estruturação de Alta Floresta, o projeto de colonização passou a fazer parte do discurso dos políticos e dos noticiários de jornais, revistas e televisão como sendo um modelo de ocupação do norte de Mato Grosso. Como exemplo podemos citar a fala de Roberto Campos, no Seminário "encontro do Centro-oeste, a nova fronteira", realizado em Brasília/1981, que estabeleceu conceitos definitivos sobre a ocupação da Amazônia e o centro-oeste, situando com prioridade essas duas regiões. No encerramento desse seminário o governador de Mato Grosso, Frederico Campos citou "Alta Floresta como um dos mais importantes projetos de colonização surgidos nas áreas pioneiras do norte amazônico". (REVISTA ALTA FLORESTA ANO 7, 1983, p.39). A Jornalista norte Americana Ellen Bronfield Geld esteve em Alta Floresta e escreveu nos Jornais: o Estado de São Paulo e ao New York Times que ela havia descoberto em meio a selva Amazônica um "outro Brasil em que há todos os tipos de oportunidades para quem deseja trabalhar, todos os tipos de desafio para quem tem coragem. Um Brasil que, talvez seja o melhor lugar do mundo para a juventude viver". (SUPLEMENTO DA INDECO, 1983, p. 7) Dentre essas reportagens, algumas referenciam o projeto como um modelo de reforma agrária. No entender do presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Alta Floresta, Ademar Leal, "nessa região não existe conflitos pois temos terra sobrando e a Indeco com seu projeto de colonização já deu uma lição de como se pode fazer reforma agrária (FOLHA DE LONDRINA, 1986, p.23). Atualmente uma reportagem nos chamou a atenção pois, netos do Sr. Ariosto da Riva publicaram um artigo relembando que "Dez anos depois de sua fundação, alta Floresta já era um sucesso. E o orgulhoso Ariosto da Riva figurava nas manchetes dos principais jornais e revistas do Brasil como o homem da reforma agrária agrária. (REVISTA TERRA, 1999, p.46).

Projeto de Alta Floresta e a dimensão por este alcançada em seu 10º aniversário, a Folha de Londrina se manifestou nos seguintes termos:

Sem dúvida alguma, um exemplo de ocupação racional da Amazônia se encontra em Alta Floresta. Privilegiada, com 10 anos de vida a cidade comanda uma economia exuberante e diversificada. Construída a partir do projeto de Ariosto da Riva, empresário paulista, Alta Floresta é hoje uma cidade que conta com toda a estrutura necessária a uma sobrevivência digna e humana.[...] Vale a pena conhecer um pouco dessa aventura vitoriosa. (FOLHA DE LONDRINA, 1986, p.2).

O projeto de Alta Floresta começou quando, da necessidade de integração da Amazônia à economia nacional. Nessa época o Governo Federal entregou ao Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA), a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), ao Banco da Amazônia (BASA) e ao Banco do Brasil (BB) a incumbência de planejar e organizar a ocupação das terras devolutas estaduais que se encontram situadas nas regiões centro - oeste e norte do país. Esses órgãos em conjunto dão início, ao processo de ocupação, usando como estratégia a construção de grandes rodovias de integração, ligando as regiões não ocupadas com os centros urbanos mais próximos destas. Desse modo foram sendo construídas as rodovias Transamazônica e a Cuiabá - Santarém – BR 163, ao longo das quais deveriam ser assentadas mais de 100.000 famílias de pequenos agricultores.

A construção da BR 163 teve duas frentes de trabalho, uma que ficou a cargo do 9º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército Brasileiro que

mudou-se do Rio Grande do Sul para Cuiabá e aí se instalou para construir quase 800 km de estradas referente ao trecho Cuiabá até a Serra do Cachimbo ao sul do Pará. E no sentido

inverso o 8º Batalhão de Engenharia e Construção (8º BEC) descia numa segunda frente, do interior do Pará em direção ao Estado de Mato Grosso. Avançando uma média de cinco quilômetros diários e o festejado encontro se deu em 1976, no sul do Pará, após cinco anos de penoso trabalho, quando foram inaugurados 1.777 km da BR – 163, a rodovia que cortou o Brasil pelo centro e ligou Cuiabá a Santarém.(ARAÚJO, 1999, p.81).

Foi ao longo dessa rodovia que se tornou conhecida como a **estrada dos colonos**, posto que, foi construída justamente para receber os colonos (sendo a maioria provenientes da região sul mais especificamente da região norte e oeste do Paraná), que foram sendo implantados os projetos de colonização do norte de Mato Grosso, dentre esses, os projetos de Sinop – Gleba Celeste, Colíder – Gleba Cafezal, INDECO – Gleba Indeco, que mais tarde tornou-se Alta Floresta.

Neste período os projetos de assentamento do Incra no sul do Pará e no Estado de Rondônia já demonstravam sinais de fracasso, pois os colonos abandonavam as suas propriedades por falta de condições mínimas de subsistência e pela forma de ocupação que vinha sendo feita em relação ao cultivo da terra. Pois a

estrutura agrária da Amazônia é dominada por certas constantes histórias de extroversão, mercantilismo predatório e monopólio que marcam suas principais características. O extrativismo como forma

predominante de economia deu a tônica a essa sociedade agrária reforçando ainda mais os condicionamentos geográficos. Essa economia de coleta e de exploração crua de recursos naturais marginalizou a agricultura gerando instabilidade generalizada da sociedade agrária Amazônica e a dispersão dos núcleos de povoamento na região. (IANNI,1981, p.92).

Desse modo, com uma economia baseada no extrativismo e num processo de cultivo inadequado para a região os assentamentos oficiais faliram, dentre outros motivos, pelo desconhecimento dos agricultores das potencialidades produtivas da região. Além disso, para realizar ali aquilo que eles tinham de tradição que era o cultivo da terra, utilizavam um sistema de exploração predatória. Associada a estas questões estava a falta de apoio e incentivos por parte do governo em relação aos trabalhadores rurais que depois de algum tempo foram abandonados a própria sorte naquela região inóspita.

Com base nestes acontecimentos o INCRA reorganizou o seu procedimento, e em conjunto com a Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso (CODEMAT), entregou a ocupação do norte do Estado de Mato Grosso aos projetos de colonização de iniciativa privada. A possibilidade de uma colonização privada, ocorre devido aos incentivos fiscais que

são instrumentos de Política Econômica que se constituem na renúncia, total ou parcial do Governo, aos impostos devidos, em favor da iniciativa privada objetivando o aceleração do desenvolvimento espacial e setorial. Sendo imposto devido, a decisão de aumentar ou reduzir essa renúncia é ato e ação incontestes do governo. Mas o que ocorre na prática é a acumulação do capital no setor privado. Na aliança entre o Estado e a empresa privada, o que tem ocorrido é a crescente expansão do setor privado. A rigor o

que ocorre é a formação e a expansão do capital privado, sob a proteção econômica e política do Estado.(IANNI, 1981, p.228).

Essa política de expansão se concretizou em Mato Grosso quando o governo do Estado colocou à venda, terras devolutas estaduais, em processo de licitação e empresas particulares adquiriram grandes extensões de terras para posteriormente, implantar aí seus projetos de colonização privada. Desse modo, o Governo Federal abriu a Amazônia para os projetos de colonização ordenada e sob o controle e tutela do Estado.

Apesar da colonização privada se constituir numa nova estratégia de implantação, a política de ocupação dos espaços vazios continuou a mesma, ou seja, o que realmente importava para o governo é que, através desse decreto, foi criado uma nova forma de ordenação do movimento migratório, prevendo uma ocupação seletiva e ordenada. Essa política deu amplos poderes para os empresários colonizadores que tornavam-se proprietário das terras devolutas, adquiridas após um processo de licitação do governo estadual.

O lote de terra adquirido pela colonizadora era cortado em pequenos lotes que, depois seriam comercializados com os colonos, que se submeteriam ao processo de desenvolvimento do projeto de acordo com as diretrizes do colonizador. Assim as estratégias do governo militar podem ser consideradas políticas de

um governo que se caracteriza por um quadro autoritário onde se predomina uma política que se impõe pelo controle da vigilância

social. [...] E que em nome do desenvolvimento econômico e do bem estar social o governo autoritário justificou e estimulou a colonização particular na Amazônia, sob a força dos decretos-lei. Os empresários e os grandes proprietários dentro da ficção da legalidade, tiveram respaldo para avançar sobre os direitos dos trabalhadores em geral. (GUIMARÃES NETO, 1986, p.56).

A colonização privada ou “*dirigida como parte de um referencial mais amplo, a política agrária, compreende a ocupação efetiva de áreas territoriais até então incultas e despovoadas, com o objetivo de serem incorporadas produtivamente ao restante do país*”.(JATENE, 1983, p.20). Essa política foi sendo implantada a partir do decreto nº 59428 que colocava o processo de colonização privada, como um processo ordenado e seletivo, capaz de conduzir o colono a sua própria emancipação econômica.

A ocupação dos espaços vazios e a expansão da fronteira agrícola são duas afirmações no mínimo contraditórias. Pois como seria possível falar de espaços vazios, de regiões inabitadas, desertas, vazias onde habitavam tribos indígenas e posseiros que haviam se dirigido para a região durante o ciclo da borracha e também de algumas famílias que tentavam adentrar na área para conseguir um pedaço de terra.

Dentre os povos indígenas presentes na região podemos citar os kreen-akarôre,⁸ cuja existência foi confirmada em

8. A região era habitada por tribos kreen-Akarôre e outras como Munduruku, Apiaká e Kayabis . Segundo PRET diversas expedições que comprovam a existência de indígenas foram feitas entre 1971 a 1973. Com a demarcação d reserva do Xingú, a maioria dos índios abandonaram essa região, no entanto alguns remanescente dessas tribos aind permanecem como é o caso dos Kreen-akarôre e Kayabis.

1950 quando um avião sobrevoou suas aldeias e em 1956 quando o inglês Richard Manson descendo o rio Iriri tentou contato com os índios, mas foi morto a flechadas e bordunadas. Em 1968 os levantamentos aéreos realizados na região haviam confirmado a existência de oito aldeias de Kreen-akarôre numa área de aproximadamente 300 km de extensão. Calculava-se a existência de mais ou menos 1.500 índios ou até muito mais, pois cada aldeia devia agrupar pelo menos de 200 a 300 indígenas.(PRETI, 1993, p.18).

Mas com a abertura da BR – 163 tão logo os soldados do 9º BEC chegaram até os índios e fizeram um primeiro contato, também já chegavam na região, os funcionários das colonizadoras, depois os colonos, os garimpeiros e também os posseiros, que acabaram convivendo um determinado período de transição onde todos ocupavam o mesmo espaço, e é claro que isso tornou-se um problema principalmente para o índio.

O contato com o branco fazia os índios recuarem e fugirem assustados deslocando as suas aldeias cada vez mais para dentro da mata. No entanto essa estratégia foi ineficiente, pois com o passar do tempo as armas utilizadas pelos brancos acabaram sendo superiores não só pela força, mas principalmente pela capacidade de ludibriar os indígenas. Assim os índios acabaram sucumbindo aos poucos. Derrotados, desagregados, destribalizados, os Kreen-akarôre passaram a viver como mendigos nos arredores da estradas pedindo alimentos e até prostituindo suas mulheres em troca de objetos. A colonizadora Indeco sempre afirmou que não existiam índios na região de Alta Floresta, porém o processo de licitação das terras foi realizado quase que

secretamente, e as negociações foram tratados a revelia dos indígenas e pequenos lavradores que habitavam a região.

Quando a Indeco tomou posse das terras ela teve alguns conflitos na área, mas que sempre foram negados pelo colonizador. Um dos exemplos disso é a pedra do índio que se encontra nas proximidades da cidade de Alta Floresta e até hoje possui vestígios da presença desses povos, como machados de pedra e outros. A esse respeito, referindo-se a expulsão dos indígenas que se encontravam nas terras da Indeco, um dos funcionários da colonizadora afirmou categoricamente: *“nós aqui domamos os índios e fizemos a limpeza da área.”*(GUIMARÃES NETO, 1986, p. 83).

Nessa época não eram raras, às vezes, em que as expedições visitavam a região, dentre elas, a própria Indeco que procuravam conhecer o potencial das terras. Alguns posseiros que planejavam invadir a área e conseguir para si, uma propriedade nas terras devolutas do Estado, já estavam nas imediações.

Com as tentativas de invasão o governo tomou medidas de controle para evitar que posseiros invadissem a área de propriedade de sua propriedade. Uma dessas medidas se configurou na preparação de uma barreira que o *“16º BEC instalou na altura da entrada para Colider, na serra dos sinais. Isto porém não conseguiu impedir que umas dez famílias, vindas de Colider clandestinamente ocupassem, em agosto de 1977, uma área da Gleba do Braço*

Sul, entre os quilômetros 715 e 721 da rodovia federal.” (PRETI, 1993, p. 23).

Os posseiros não se intimidaram com a situação e continuaram lutando pela permanência na região. Essa resistência acabou forçando o governo a criar outras alternativas de assentamento que atendesse essas pessoas e assim foi dada origem aos projetos de assentamentos cooperativos (PACs).⁹ Quando o acesso ao local onde deveria ser instalado o projeto da Gleba Indeco¹⁰ só era possível por meio de aviões, Ariosto da Riva relatou que *“para vir de avião até essa área, fazer o sobrevôo e voltar, pois não havia gasolina o suficiente. Então o sobrevôo eu fazia via Goiânia, Barra do Garças, BR –80. Descia na estrada reabastecia com gasolina que levava no próprio avião.”* (FOLHA DE LONDRINA, 1986, p.03).

Houve também algumas expedições feitas pelo rio e que contou inclusive com a presença do Sr. Ariosto e mais vinte e cinco funcionários da Indeco que desceram o rio Teles Pires de barco até onde seria instalada a sede do projeto, ou seja, a cidade de Alta Floresta, durante essa expedição que pode ser considerada como uma verdadeira aventura por rios ainda não navegados por homens brancos o colonizador relata que

⁹PACs são projetos de assentamento que se instalaram na região para atender justamente estas famílias de posseiros e também para criarem o sistema cooperativo com os colonos do sul. Dentre os projetos que seguiram essa política de assentamento podemos citar Terra Nova do Norte, Guarantã do Norte, Matupá e outros.

¹⁰GLEBA INDECO era a denominação dada ao projeto de colonização de Alta Floresta. Inicialmente o município, assim como a cidade ainda não possuía a denominação Alta Floresta, pois segundo informações da Indeco esse nome foi escolhido através de um concurso realizado nas escolas de Cuiabá no ano de 1979.

no barco além dos homens, alimentação, remédio, gerador de força era levado o combustível. E foi na margem do Teles Pires que se construiu no muque uma pista de pouso. Mas para chegar até a pista, uma outra aventura foi necessário enfrentar: a travessia da cachoeira Sete Quedas. Foi preciso abrir uma picada e transportar por seis quilômetros o barco, motores e alimentos. Levamos quarenta dias. Nessa pista fizemos análise de solo, e encontramos PH de 6 e 6,5. Ali nos plantamos dendê, café, cacau. Começamos a fazer algumas experiências agrícolas. (FOLHA DE LONDRINA, 1986, p.3 e 4).

Essas pesquisas sobre a fertilidade do solo foram levadas muito a sério pois, para uma projeto destinado a um futuro agrícola, comprovar que as terras eram realmente férteis, era condição primordial. Com isso a colonizadora se preocupou muito em comprovar as suas expectativas em relação a fertilidade do solo buscando respaldo em algumas instituições de renome como

o instituto Agrônomo de Campinas e junto à professores do Rio de Janeiro e Piracicaba. Além disso contou também com o apoio do projeto Radar da Amazônia (projeto RADAM) que rastreava e mapeava a região amazônica, indicando as suas potencialidades agrícolas, apontando inclusive a área de castanhais nativos, dentre as quais Alta Floresta era uma delas. E o resultado não poderia ser outro: estamos numa área privilegiada da Amazônia. (GUIMARÃES NETO, 1986, p. 99).

Enquanto essas pesquisas eram realizadas, o Governo do Estado através da Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso de Mato Grosso, colocava a venda por meio do edital nº 03/73 de 25/03/73 um lote de terra equivalente a 2.000.000 hectares de terras devolutas e localizadas no município de Aripuanã e destinadas para fins exclusivos de colonização. Essas terras eram divididas em dois lotes: um à margem direita do rio Juruena de

400.000 hectares e outro à esquerda com 1.600.000 hectares.

Neste momento, surgiu um impasse, pois o governo queria vender o lote todo, mas a Indeco só queria o lote de 400.000 hectares que faziam divisa com uma propriedade de 700.000 hectares que o Sr. Ariosto havia adquirido de uma empresa chamada INDIA do Rio de Janeiro.

Diante dessa situação, a empresa manteve a sua proposta com a seguinte justificativa do Sr. Ariosto: *“Eu tinha consciência de que se eu pegasse uma área grande demais não teria condições de cumprir as obrigações assumidas. Mesmo porque essa área de 1.600.000 de hectares era do outro lado do rio Juruena e aqui eram só 400.000 hectares. Eu preferi os 400 mil perto do que 1.600.000 longe.”* (FOLHA DE LONDRINA, 1986, p.4). E o governador do Estado de Mato Grosso José Fragelli acabou cedendo e assim, a Indeco de posse de 1.100.000 hectares inicia o processo de colonização privada, mas sob o controle e tutela do estado.

Esse processo foi dividido em duas etapas. Na primeira foi realizada a abertura da estrada J-1, que partia do quilômetro 643 da BR- 163 em direção à região oeste, onde deveria ser construída a cidade de Alta Floresta. Essa etapa durou dois anos (1974 – 1976), pois a própria Indeco construiu os 148 km de estrada, assim como as pontes, bueiros e até de uma balsa para atravessar o rio Teles Pires, que foi montada nas margens do rio. Sobre essa etapa de trabalho,

uma das mais árduas do processo de colonização, o Sr. Telles nos diz que foi um período onde todos trabalhavam muito,

então as vezes a gente trabalhava 24 horas por dia de trator, de patrôla, de caminhão; chegou a ter noventa pessoas trabalhando no mesmo dia, fazendo pontes, boeiros, calçando as estradas para chegar o mais rápido possível. Na época tinha dois turnos, um de dia e o outro a noite, por causa dos insetos que atacavam durante o dia e por que estavam com pressa de começar o projeto da Indeco. (OLIVEIRA, Valdir Telles, 06 fev. 1999).

Na segunda etapa, foi construída a cidade e iniciado as vendas das terras. A chegada no lugar onde deveria ser a sede do projeto e futura cidade se deu no dia 19/05/76 quando os tratores chegaram no local onde hoje funciona o Batalhão da Polícia Militar. Ali foi erguido um novo acampamento, que fornecia abrigo e alimentação, tanto para funcionários como para os visitantes e primeiros compradores. Nessa data comemora-se o aniversário de Alta Floresta, que segundo os construtores da estrada, foi um dia como outro qualquer, pois na verdade para eles apenas estava começando a construção de uma cidade dentro da floresta amazônica, então como tantos outros foi só mais um dia de “trabalho duro”.

Na cidade, a infra-estrutura, como estradas, escola, hospital e outras, foram sendo construídas tudo ao mesmo tempo, o Sr. Ariosto fala dessa época de muita preocupação com o projeto pois,

para colonizar, principalmente com o pequeno e o médio você tem sucesso se tiver uma terra muito boa, e que dê uma boa resposta. Agora independente da qualidade da terra, que é vital, você precisa

de infra-estrutura para poder dar apoio para o pessoal que vem para cá. Então tendo a terra boa, nós procuramos desde o início dar esse apoio. Fizemos logo na cidade hospital, colégio, escola, armazém procurando dotar a região de uma certa infra-estrutura para inspirar confiança no colono que aqui chegasse. (JORNAL DA CIDADE, 1986, p.4).

Durante a construção dessa infra-estrutura na cidade, foram também ao mesmo tempo sendo feitas a demarcação dos lotes urbanos e rurais e a construção das estradas vicinais. Enquanto isso no sul, mais precisamente na região norte do Estado do Paraná, eram instalados os escritórios de venda de terras e por toda essa região os corretores de terra iniciavam o processo de organização de caravanas para conhecer o projeto Indeco. Dentre os folhetos de propaganda esse texto, em particular, demonstra muito bem como a propaganda que era feita:

Torne-se um rico agricultor em Alta Floresta. Esse suplemento foi idealizado especialmente para aquelas pessoas que, com vontade de progredir e mesmo sendo trabalhadoras, não tem conseguido campo ou chance para desenvolver-se e assim propiciar melhores condições de vida para os seus familiares. O norte de Mato Grosso com suas terras férteis, isentas de geadas ou inundações, temperatura média anual de 24 a 26 graus, regime de chuva em torno de mil milímetros anuais e bem distribuídas é uma das raríssimas oportunidades que o Brasil de hoje está lhe oferecendo. Alta Floresta é mais do que isso: é uma certeza de êxito. Lá não existe crise, não se fala em crise, sobram terras e falta mão de obra para tudo. (SUPLEMENTO DA INDECO, 1980, p.01)

Essa propaganda era realizada também nas cidades onde não havia escritórios da Indeco por meio dos corretores de terra que faziam uma reunião na casa de alguém na cidade e pediam que para isso, o dono da casa convidasse

seus amigos. Durante a reunião eram exibidos slides com imagens do projeto

Indeco, a professora Maria Antonieta, relembra que

a gente via muito os filmes, né... sabe aqueles slides com aquelas matas lindas, maravilhosas, aquela estrada assim, que sumia de vista, as árvores enormes (risos) que dois homens não abraçavam, o corretor vinha e mostrava e o pessoal tomava conhecimento do próprio trabalho feito pela colonizadora aí eles já levavam. Geralmente eles convidavam para uma reunião na casa de uma pessoa da cidade para mostrar o slides, aí já dava vontade mesmo de vir conhecer.(CRUZ, Maria Antonieta, 14 fev. 1999).

Como disse a professora, as imagens eram tão convincentes que a maioria das pessoas que assistiam aos slides acabavam se dirigindo para o projeto para conhecê-lo. Para isso a própria colonizadora organizava caravanas de compradores de terra e custeava as viagens até o projeto. No entanto, quando lá chegavam e eram oferecidos lotes de terras; quem comprasse não pagava a viagem, mas se caso não ficasse com o lote teria que pagar as despesas.

Além das propagandas feitas pelos corretores eram comum no sul, naquela época, devido aos problemas sociais que já foram citados, as pessoas estarem procurando um novo local para viver. Assim quando alguém voltava dessas viagens para conhecer a região norte do país, faziam uma reunião para relatar o que viram e se era mesmo possível tentar construir uma nova vida na região amazônica. Nestas reuniões eram tratadas questões referente à fertilidade do solo, o clima, condições de subsistência, entendidas como infra-estrutura necessária como hospital, escola, armazém, condição das estradas e

principalmente veracidade dos títulos de terra.

No momento em que essas pessoas vinham até Alta Floresta para conhecerem e comprovarem as propagandas feitas pelos corretores e outros, eram levados até os colonos residentes para conhecer e conversar com eles sobre as vantagens de estar morando no projeto. Quando eles voltavam para as suas terras de origem eram constantemente abordados para informarem-se do projeto, e não eram raras, às vezes, onde se ouviam longos discursos sobre a seriedade do colonizador, da fertilidade das terras e da possibilidade de viver em Alta Floresta tão bem ou melhor do que se vivia lá. E mais ainda, que a própria pessoa já havia vendido tudo e sua mudança já estava a caminho das terras compradas em Mato Grosso.

Depois de ouvir tantas vantagens muitas vezes aquela pessoa acabava indo conhecer também. Desse modo se formou uma corrente de propaganda que se estendeu, desde o projeto de colonização até a região sul do país, onde só se falava em mudar para uma nova região com terras fartas, um solo fértil, e o clima que sem dúvida era o melhor do Brasil.

As falas eram muito convincentes, mas as imagens muito mais, pois os slides possuíam imagens que não deixavam dúvidas. Os panfletos distribuídos traziam fotografias onde já se mostravam as primeiras lavouras, o crescimento da cidade, a boa conservação das estradas e principalmente números que retratavam um crescimento vertiginoso, como por exemplo:

No segundo ano de existência Alta Floresta já possui 12 milhões de pés de café plantados, 3,5 milhões de pés de cacau, sendo o único pólo cacauzeiro do Estado. Sobre a SAÚDE: temos 03 médicos residentes, 48 leitos, sala de operações, Raio X, Encubadeira – 800 m². EDUCAÇÃO – da 1^a a 8^a série – com uma escola na zona urbana de 1.500 m², e escolas rurais num total de 2.048 m² distribuídas no projeto a 4 km de distância de cada lote rural ocupado. ESTRADAS – construção e conservação Principal e vicinais – 736km. As terras do projeto de colonização em sua totalidade são originárias do governo do Estado. A INDECO S.A. está apta a outorgar as escrituras definitivas dos lotes quitados. O projeto conta ainda com o Banco do Brasil, Banco Financial e CEPLAC – Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira. (SUPLEMENTO DA INDECO S. A, 1978).

Outra estratégia usada também pelos corretores foi a venda pelo mapa onde muita gente sem ao menos conhecer, comprou lotes de terra somente pela fala do vendedor e ou pelas imagens que viu nos slides. Mas a princípio, a colonizadora dava aos compradores o direito de conhecer e escolher a sua terra, porém alguns *“compraram olhando o papel ou ainda pela informação de parentes, amigos, moradores ou não do novo núcleo de colonização. ‘Comprei no escuro, o corretor deu um preço e depois tava errado. O Senhor Ariosto, vendeu pelo preço antigo e tocou o corretor’- Relato de um colono.”* (JATENE, 1983, p.52).

Mesmo assim, com os problemas que surgiam com alguns corretores, o número de colonos que chegavam para conhecer e comprar terra era muito grande. Esses casos acabaram sendo considerados fatos isolados, representando uma pequena porcentagem para a colonizadora, que sempre atendia a todos muito bem, cuidando de cada particularidade, pois para cada problema que

surgia dentro do projeto o Sr. Ariosto sempre encontrava a solução.

Nesta época, os primeiros colonos que estavam inebriados pelo sabor da vitória de ter vencido as primeiras dificuldades do projeto, começavam a esquecer de suas próprias histórias de renúncias e de sacrifícios. A negação das dificuldades que vão dar lugar ao prazer de ter vencido e de começar outro capítulo na ocupação da terra, é o elemento de sustentação da existência do projeto. Enfim a condição necessária para que todos soubessem e acreditassem que era mesmo possível, realizar um processo de colonização na Amazônia, mais precisamente no norte de Mato Grosso.

Com o empenho dos colonos o desenvolvimento do projeto foi acelerado, e em apenas dezesseis meses de existência foi elevado a categoria de Distrito do Município de Aripuanã. E antes mesmo de atingir quatro anos, tornou-se município pela lei 4.157, de 18 de dezembro de 1979. Nesse momento, Alta Floresta estava vivendo os tempos de chegada dos colonos e estruturação da cidade, assim a Indeco continuou a responder pelas necessidades da infra-estrutura e demais problemas sociais e econômicos do município. Somente em 1981, mais precisamente no dia 31 de janeiro, é que se deu a instalação definitiva do município com a posse do primeiro prefeito nomeado pelo governo estadual, o Sr. Wanderlei Alves Pereira.

Este prefeito, assim como o seu sucessor, o primeiro que foi eleito pelo povo, fizeram uma administração em conjunto com a Indeco, onde o lema

da primeira administração, **nada resiste ao trabalho**, era sempre repetido por Ariosto da Riva, pois tinha tudo a ver com a proposta da própria Indeco. Essa parceria entre prefeitura e Indeco, na administração do município nos primeiros anos, mesmo diante de algumas divergências, uma das partes sempre colaborou com a outra. Porém com a terceira administração veio o rompimento dessa administração de parceria, que só foi retomada agora com a administração atual, onde o prefeito eleito, Sr. Vicente da Riva, é o filho de Ariosto da Riva.

O projeto de colonização de Alta Floresta sempre passou por uma variação muito grande de atividades econômicas e hoje o que está sendo proposto é que se retome a atividade inicial: a agricultura. Porém ninguém nega que a pecuária tomou dimensões bastante promissoras e que tornou-se tão importante quanto a agricultura.

Mais do que a retomada da agricultura como fonte econômica de Alta Floresta, o que sempre tem sido feito pelos seus dirigentes municipais nos momentos de dificuldades, é reportar-se ao passado. Isso para que nas lembranças dos momentos difíceis que foram vencidos pelos pioneiros se encontre a resposta para resgatar o sucesso do projeto. Principalmente dos feitos de Ariosto da Riva, como neste relato de seu neto, no qual ele afirma que

em apenas dez anos, Alta Floresta já era um sucesso. Os números da sua empreitada eram impressionantes. Sem um centavo do governo, ele distribuiu terra para mais de 150.000 pessoas. Sulistas, principalmente paranaenses, chegavam em levadas com seus cabelos loiros e seus olhos azuis. Eles contrastavam com uma minoria de

nordestinos, todos fugindo da seca. Como a maioria dos migrantes tinha vocação agrícola, cerca de 70% da população de Alta Floresta acabou se assentando no campo. Assim durante quase dez anos, foram colhidas safras recordes, com consciência ecológica presente no cultivo de espécies nativas como a castanha, o guaraná e o cacau.(REVISTA TERRA, São Paulo, 1999, p. 47).

Nesta reportagem sobre Alta Floresta podemos entender a dimensão dada ao trabalho desenvolvido por Ariosto, e também da utilização da sua imagem e da cidade para projetar os programas atuais de desenvolvimento da região. Demonstrar que naquela época já havia uma consciência ecológica por parte dos colonos na questão da ocupação das terra é fundamental para um projeto que agora investe no turismo ecológico como uma alternativa econômica. Além disso é continuar a vender a imagem de uma Alta Floresta que se constitui num exemplo de resultado positivo da iniciativa privada.

A afirmação de que o colonizador não usou recursos do governo e que todo o investimento foi realizado pela empresa reforça a idéia de que Ariosto dava conta de responder por todas as necessidades de infra-estrutura do projeto. Mais do que isso, é a tentativa de comprovar a ineficiência do Estado perante aos projetos de assentamento.

Essa afirmação é um tanto contraditória pois, segundo GUIMARÃES NETO (1986) Ariosto apesar de administrar uma empresa privada, contou com recursos do governo estadual e também federal para realizar o processo de colonização. As afirmações do colonizador não procedem pois, um dos

exemplos de financiamento para o projeto de colonização de Alta Floresta que podemos citar foi a construção da estrada J-1, que mais tarde se tornou a MT-208, que liga a cidade de Alta Floresta até a rodovia Cuiabá – Santarém, e foi construída com recursos provindos do programa Poloamazônia¹¹.

Fatos como esse e tantos outros é que fizeram da pessoa de Ariosto uma figura polêmica. As suas atitudes, em determinados momentos, davam margem a dupla interpretação. Isso pode ser observado no projeto, pois as suas ações em relação aos habitantes do lugar eram diferenciadas, se para o colono foi considerado como um pai, para o garimpeiro muitas vezes, mais parecia um carrasco.

O colonizador como desbravador da Amazônia guiando os colonos, para fazer de um projeto de colonização privada, um modelo de reforma agrária é uma situação questionável, posto que os assentamentos feitos pelo governo são muito diferentes da ocupação promovida pela colonização particular. Uma das características primordiais está na seleção de quem deve ser candidato a proprietário das terras. Na colonização privada se escolhe quem tem as condições mínimas de comprar um lote, de adquirir uma propriedade, enquanto que nos assentamentos o objetivo é dar a posse da terra justamente para aquele

¹¹ Poloamazônia - Programa de Pólos Agrícolas, Pecuários e Minerais da Amazônia – criado em 1974, foi planejado para concentrar os investimentos públicos em determinados pólos de desenvolvimento, e tinha por finalidade incrementar as atividades produtivas sob o encargo da iniciativa privada. Alta Floresta estava na ordem das prioridades dessa política de privilégios e se encontrava localizado na área abrangida pelo pólo XIII – Juruena (SUDAM, 1977).

que não a possui e não tem nenhuma condição de adquiri-la.

São essas questões aliadas a tantas outras que vão formar a personalidade de uma pessoa que fez da sua própria vida, um exemplo de perseverança na conquista dos seus objetivos. E que usou de todos os artifícios possíveis para manter os colonos envolvidos e empenhados na consecução destes objetivos. Essa pode ser uma definição que cabe muito bem ao Sr. Ariosto da Riva, cuja história de vida que se encaixou perfeitamente na política de ocupação privada da região norte de Mato Grosso. A partir da sua configuração como proprietário de uma gleba de terras, ele conseguiu envolver um número muito grande de pessoas em torno do seu objetivo.

2. O Bandeirante do século XX

Ariosto da Riva, mais conhecido na região como o **Bandeirante do século XX**, recebeu essa denominação devido a comparação feita entre a sua ação colonizadora e os bandeirantes que, no período do Brasil colonial, saíram de São Paulo em busca de pedras preciosas e de ocupar o território brasileiro. Assim também Ariosto da Riva partiu de São Paulo em direção ao Estado de Mato Grosso para desbravar a região e encontrar uma nova fonte de riqueza para o país, essa comparação é feita pelo Sr. Fernando Antônio Vieira, funcionário da Indeco que o definia como *“um bandeirante, mas um bandeirante moderno, que, hoje, está usando máquinas pra chegar ao coração desse país.”* (FOLHA DE LONDRINA, 1983, p.11).

Ariosto construiu sua trajetória através da implantação de projetos de colonização e da criação de cidades como Naviraí no Mato Grosso de Sul, Apiacás, Paranaíta e Alta Floresta no extremo norte de Mato Grosso. O ato de fundar cidades, era colocado como se fosse algo que sempre existiu em seu pensamento. É como se Ariosto da Riva sempre soubesse que ele deveria ser o homem, o **plantador de cidades**, que tinha como objetivo primeiro em sua vida ser o desbravador da selva Amazônica. Esse ideal de homem foi sendo construído a medida que se propunha que a sua vida, enquanto colonizador, deveria se tornar um exemplo de vida para aqueles que estavam acompanhado-o em sua missão de colonizar.

Aqueles que o conheceram pessoalmente, ou através da mídia possuem opiniões favoráveis a sua pessoa, contudo não deixam de citar algumas questões divergentes das que são divulgadas pela empresa Indeco, ou pela imprensa local, sobre quem foi esse homem, considerado como **fazedor de cidades** ou o **último dos bandeirantes**. Assim escrever sobre Ariosto com imparcialidade é um tanto complicado, pois todos os dados que encontramos a respeito da sua pessoa normalmente são relatos de fatos que poderiam beneficiá-lo enquanto colonizador.

Para não incorrer na repetição do relato de fatos e acontecimentos sobre a vida individual de Ariosto, que encontramos nos jornais de época e nas falas dos colonos, uma forma de analisá-lo inserindo-o no contexto da

colonização. Pois de acordo com o método de trabalho em relação a biografia, proposto por LEVI (1996), é necessário formular uma nova tipologia de abordagens sobre a perspectiva biográfica. Assim ao adotar a ótica de uma biografia e contexto, poderemos *“manter o equilíbrio entre a especificidade da trajetória individual e o sistema social como um todo.”* (LEVI, 1996, p. 176).

Os relatos sobre a vida de Ariosto, seja na descrição dos colonos, ou pelas informações fornecidas pela mídia, denota que sua preocupação excessiva com o projeto. E como ele próprio coordenou todo o processo formativo dos colonos, entender a sua atuação é necessário para compreender como esse homem conseguiu reunir tantas pessoas em torno de um mesmo objetivo.

As atitudes davam a Ariosto, cognomes que o caracterizavam como bandeirante. Deste modo ele ficou conhecido como um dos empresários paulistas que retomou a função de seus antecessores e se tornou um dos *“novos bandeirantes que voltaram à cena da cartografia política para fincar definitivamente as esporas no terreno Amazônico, fundando cidades, abrindo caminhos, arregimentando trabalhadores do campo. Mais uma vez, a retórica do bandeirismo recai sobre os paulistas.”* (GUIMARÃES NETO, 1986, p.74).

Ariosto da Riva foi um dos eleitos do regime militar para incorporar o espírito bandeirante e acabou sendo reverenciado como o homem que conseguiu desbravar os sertões e levar adiante o seu projeto de colonização.

Quando lhe perguntavam quem é Ariosto da Riva? Ele próprio

respondia: - Ariosto. Só. Era desse modo que ele descrevia a si próprio como uma pessoa simples, humilde e que andava de fusca. Porém, sobre ele, numa edição especial da Revista Alta Floresta, é feita uma apologia, uma homenagem que demonstra as muitas faces de um ser antagônico, com características comportamentais, às vezes, contraditórias, pois ele é descrito como

um homem do mundo, mas que tem que rebolar para não ser atropelado pelo novo. Delicado para fora, violento para dentro. Solicitude e esquivança compõe o seu espectro. Gosta de compartilhar, é bisbilhoteiro. Gostaria de ajudar todo mundo, viver todos os lances. Opera sempre na faixa da delicadeza, por gostar de gente. É casado, casadíssimo, com a família toda. Como pai pode ser considerado uma mãe exemplar. Batizado católico sem muita indagação, pouco prático, individualista, temeroso e temente, sentimental e meninamente ledor da vida de santo, comovível por qualquer ato de bondade. É humilde por vocação, odeia o ostensivo. É meio orgulhoso, mas democrata. Só dá valor ao que é ganho com suor, lágrimas e sangue. Toda a vez que fala do trabalho tara. Não enjeita serviço. É líder nato, desses de nunca levantar a voz. Mas prefira estar longe dele quando a raiva vence. Enfim é um poço de contradição.(REVISTA ALTA FLORESTA ANO 7, 1983, p. 56 e 57).

Essa descrição do jeito de ser de Ariosto da Riva é compatível com sua própria história de vida e da missão que ele acreditava ter, pois ele se considerava um homem predestinado a cumprir com uma missão social que ia muito além de construir cidades, para ele o que estava sendo feito, mais especificamente no caso dos projetos do norte de Mato Grosso, era dar uma chance aos colonos de construir um futuro melhor.

Essa consideração sobre a fundação da cidade, bem como do projeto

de colonização, aproxima-se da idéia relatada sobre o ritual de fundação das cidades da região noroeste da Argentina onde *“la correcta realización del ritual de fundación, o sea da su eficacia, dependía no sólo la prosperidad de la corona y la conversión de los naturales, sino también el destino personal de cada hombre que participaba en estos eventos.”* (BOIXADÓS, 1994, p.162).

Deste modo, a missão de colonizar que Ariosto definia como, voltada mais para o atendimento das necessidades do colono em relação a sua realização pessoal, era uma preocupação com o destino de cada um dos envolvidos no processo. Então, tentava demonstrar que o sucesso do projeto não era uma realização individual, mas sim a realização de todos aqueles que estavam construindo.

Da sua vida particular pouco se sabe pois é muito difícil falar de Ariosto sem nos reportarmos ao projeto de Alta Floresta, assim como é praticamente impossível falar de Alta Floresta sem citar o seu idealizador. Os jornais quando escreviam sobre a cidade nunca deixavam de mencionar o colonizador, pois para eles *“escrever sobre Alta Floresta e não falar sobre o seu criador seria o mesmo que ir à Disneylândia e não falar sobre Walt Disney.”* (JORNAL DA CIDADE, 1984, p.01).

Desse modo ao relatarmos a trajetória da sua vida procuramos entender como esse homem teve um dia, a idéia e a pretensão de ser colonizador. Essa relação entre o colonizador e a colonização, bem como da

cidade, sendo que ambos eram dependentes do sucesso do outro, segundo GUIMARÃES NETO (1986), é que foi responsável pela criação do mito do colonizador bandeirante, de plantador de cidades. Uma situação que foi promovida pela imagem da cidade que se projetava e lançava a imagem fulgurante do colonizador. Assim quando se falava no progresso da cidade nunca se esqueciam de demonstrar que

a cidade planejada e executada na sua estrutura básica pela Indeco – Integração, Desenvolvimento e Colonização, nasceu do arrojo e da visão cósmica de um homem simples, dinâmico, sonhador, espécie rara de criatura humana, semeador de civilização, fundador de Naviraí no Mato Grosso do Sul, chamado ARIOSTO DA RIVA, extraordinário bandeirante moderno, apóstolo do trabalho, defensor incondicional da livre imprensa, que arrastou com a sua força moral, e a sua bandeira de progresso e de participação, o que o Brasil, especialmente Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul tinham de melhor em matéria de colonizadores e desbravadores de terras desconhecidas e não civilizadas[...] Alta Floresta é uma resposta serena e convincente ao desânimo e ao pessimismo. Deus há de colocar outros Ariostos da Riva por este país afora, para acordar e reanimar este gigante nocauteado... (GUIA SERV. EDIÇÃO CENTRO-OESTE, 1984).

Além de chamar a atenção para o colonizador, classificando a sua atitude, como um verdadeiro milagre para resolver a crise do país, também criava-se uma imagem perfeita de um líder que possuía a receita para vencer os problemas sociais e que acompanhá-lo seria uma dádiva. Ariosto não era apenas o homem da colonização, mais do que isso ele era a solução para o país.

A imagem que foi sendo formada em torno do personagem Ariosto

da Riva, possibilitou que certas particularidades de sua vida viessem à tona e sua história começou a ser divulgada nos jornais, revistas e outros órgãos de imprensa. Assim a sua história de vida, principalmente no que tange a datas e fatos passou a ser acessível a todos. Um exemplo disso é esta reportagem sobre alguns dados pessoais que vamos encontrar a respeito da sua origem.

Ariosto nasceu aos 25 de novembro de 1915 em Agudos, interior de São Paulo. Ele foi o filho mais velho de Ludovico da Riva, um professor de música e mestre de banda que lutava com dificuldades para sobrevivência da família; e da senhora Maria Antonia Furlani da Riva, uma mulher simples e dedicada a família. Passou a infância na cidadezinha de agudos com algumas privações, mas com espaço, muita festa religiosa, a família reunida aos domingos, pastel, doce de coco, e um pouco de asma. Foi um bom aluno enquanto estudou, mas teve que abandonar a escola cedo para ajudar os pais. (REVISTA ALTA FLORESTA ANO 7, 1983, p. 57).

Essa infância marcada pela simplicidade, proporcionou-lhe a necessidade de, aos 18 anos de idade sair de casa para tentar ganhar algum dinheiro para ajudar a sua família, que era pobre. Foi então para os garimpos de diamante no Espírito Santo, Bahia, Minas Gerais, Guiana Inglesa, Venezuela e Roraima. No rio Mau, divisa do Brasil com a Guiana Inglesa, mergulhando, ele retirou muitos diamantes que mandou para os seus pais, para que os mesmos pudessem educar bem toda a família e viveram com mais tranquilidade. Passou grande parte da sua mocidade andando a procura de dias melhores até que parou em Minas Gerais, e lá no rio Jequitinhonha, na companhia de um amigo conseguiu retirar muitos diamantes e fazer em fim o seu "pé de meia".

Posteriormente chegando a cidade de Jequitai, conheceu a professora Helena, apaixonou-se e casou-se. Teve 4 filhos, o mais velho que recebeu o nome do seu pai Ludovico da Riva Neto, e que mais tarde se tornaria o seu braço direito, fazendo parte da linha de frente dos trabalhos de colonização, o segundo, Dr. Vicente da Riva, que tornou-se o administrador da empresa e hoje é prefeito do Município de Alta Floresta, e as duas filhas, Vitória que hoje é proprietária e administradora de um hotel de turismo ecológico em Alta Floresta, e Marília que mora em São Paulo na cidade de Marília, onde se instalou o primeiro escritório da Indeco.

No início do seu casamento, Ariosto e Helena viveram algum tempo em Jequitai e depois ele foi para o rio Abaeté em busca de mais diamantes. Mais tarde mudaram-se para Belo Horizonte e lá ele montou uma lapidadora de diamantes e pedras semipreciosas. Ele foi progredindo pouco a pouco e logo já tinha boas condições financeira. No entanto seu pai teve um derrame que o obrigou a voltar para São Paulo. Chegando em Marília comprou uma pequena fazenda entre Vera Cruz e Garça, que tinha 40 mil covas de café, 15 alqueires de cana de açúcar e foi morar lá. Fabricava pinga e dirigia o seu próprio caminhão carregado de tonéis de pinga para vender na cidade para fazer recursos e para pagar o pessoal que trabalhava na fazenda. Segundo Ariosto da Riva, *“Foi lá nessa fazenda que nasceu a idéia de colonizar.”* (FOLHA DA

FLORESTA, 1989, p. 03).

Na década de 40, o governo de Getúlio Vargas distribuiu 300 mil hectares de terras na colônia agrícola de Dourados-MS, e isso não só despertou, mas amadureceu mais ainda a idéia de colonizar que Ariosto da Riva já tinha. Então ele acabou adquirindo uma área de terra em Amambai junto com alguns amigos e implantou a cidade de Naviraí – Colonizadora Vera Cruz. Foi neste momento que, de acordo com Ariosto, iniciou aquilo que se tornaria sua atividade, seu trabalho para o resto de sua vida, simplesmente colonizar. Contudo foi também com essa experiência, que ele começou a formar um patrimônio que poderia ser definido quase como incalculável, graças ao empenho e a busca da qualidade que ele sempre fazia questão de dizer como fora conseguido, pois *“tudo o que temos hoje é fruto de trabalho e de confiança.”* (FOLHA DA FLORESTA, 1989, p.03).

Apesar destas afirmativas de Ariosto, existem estudos afirmando que nesta época, ele ainda não tinha a idéia de colonizar, e que depois dessa experiência no Mato Grosso do Sul, ele *“voltou para o norte de Mato Grosso. Passou uns tempos comprando e vendendo grandes áreas (de até 100 mil hectares), mas sem a intenção de colonizar, até que comprou grandes extensões de terras em Barra do Garças, na região nordeste de Mato Grosso, limite com Goiás”*. (GUIMARÃES NETO, 1986, p.78).

Além disso, podemos dizer ainda, que mesmo não sendo aquele o momento que Ariosto decidira trabalhar definitivamente com colonização, é com certeza um dos momentos extremamente importante para decisões posteriores, como a escolha do colono do norte do Paraná, assim como o entendimento por parte do colonizador que fazer colonização era realmente um negócio rentável. E isso foi adquirido quando ele trabalhou com Jeremias Lunardelli – o rei do café – no projeto de colonização de Dourados – MS.

Algum tempo depois, Ariosto num encontro com o presidente Juscelino Kubistschek em Belo Horizonte, teve a promessa de que se fizesse seu sucessor(o General Lotte), iria transformar a ilha do Bananal em um Estado autônomo, de onde o progresso se irradiaria para toda a região. Com base nesta informação ele foi para a região do Araguaia onde comprou uma área de terra bastante grande para colonizar. Mas de acordo com Ariosto da Riva *“como a terra não deu resposta favorável a agricultura, desisti dessas terras. Achei que seria uma temeridade pensar em trazer o pequeno colono e colocá-lo numa área onde ele não tivesse uma boa resposta econômica.”* (FOLHA DA FLORESTA, 1989, p.03). No entanto GUIMARÃES NETO (1986) afirma que ele não tinha a intenção de colonizar e sim de usar essa área de terra para a pecuária, além disso Ariosto só trabalhava com grandes extensões de terra.

Como estava passando por dificuldades financeiras e já não tinha

mais condições de manter a fazenda sozinho, associou-se ao grupo Ometo e formou uma fazenda (Suia-missú) de colônia¹², que foi visitada inclusive por presidentes, ministros e diversas outras autoridades. Mesmo com toda essa projeção e importância da fazenda, alguns anos mais tarde ele resolveu se desfazer destas terras e que, *“por motivo de doença teve que abandonar essa propriedade e fazendo o ato mais incomum que um empresário poderia realizar naquele momento: Distribuiu mais de 60 mil hectares de terra para diversas famílias de funcionários que trabalhavam para ele, já demarcados e com escritura.”* (FOLHA DA FLORESTA, 1989, p. 3). No entanto, a fazenda era muito maior do que os 60 mil hectares distribuídos aos seus funcionários. Com a venda da maior parte desta, para o grupo italiano Liquigás, ele teve condições de

comprar já em 1973, uma gleba de 418 mil hectares, cortada pelo Rio Teles Pires, no extremo norte de Mato Grosso. Esse sim foi o ponto decisivo da sua história: o bandeirante na conquista do território na Amazônia. Deste núcleo territorial ‘com um pé cravado na selva’ partiria para ampliar o seu raio de extensão de terras.” (GUIMARÃES NETO, 1986, p. 78).

A negociação foi realizada pela empresa imobiliária NB que possuía um grande lote de terras na região norte de Mato Grosso e que pertencia aos empresários, Sr. Nino e Sr. Benety. Numa entrevista dada ao jornal Folha da

¹² COLÔNIAO – espécie de capim da família das Braquiárias, sendo muito utilizado para a formação de pastagens de gado bovino. Seu plantio é feito por meio de sementes, e quando a planta está formada chega a atingir de dois a três metros de altura.

Floresta, o Sr. Nino disse que essa área esteve em negociações por diversas vezes, pois chegou a sobrevoá-la com os empresários da Bosch e da Volkswagem do Brasil, mas não conseguiu vendê-la.

Alguns anos depois o Sr. Nino foi procurado pelo Sr. Joaquim Fuentes da cidade de Maringá, que ao sobrevoar a região demonstrou um grande interesse na propriedade. Quando o negócio estava prestes a ser fechado, o seu sócio, o Sr. Benety disse que antes de vender, ele precisava conhecer um amigo, que estava interessado nessas terras para implantar um projeto de colonização. Era Ariosto da Riva e então tudo mudou porque, segundo ele,

embora o finado Joaquim Fuentes continuasse demonstrando interesse em comprar a área, preferimos vender a Ariosto da Riva, por ter gostado da idéia e acreditado no seu projeto de colonização, embora considerando-o de difícil execução, em virtude do total isolamento da região na época. [...] Mesmo assim preferimos acreditar naquele homem idealista e dotado de uma visão muito grande.” (FOLHA DA FLORESTA, 1989, p.03).

Ao adquirir essa propriedade de terra o Sr. Ariosto começa a por em prática o seu projeto que nesta época começa a configurar-se como Gleba Indeco. Esse foi o passo definitivo para que Ariosto da Riva iniciasse o projeto de colonização. A partir da aquisição deste lote poderia delinear as demais estratégias para conseguir ampliar as extensões de terra, isso porque “a colonização se afigurava nesse momento como um negócio onde o governo conclamava o capital privado a participar da colonização dirigida, pois dentro

da concepção dominante, era fundamental o papel da iniciativa privada à ocupação da Amazônia.” (GUIMARÃES NETO, 1986, p.78).

De posse das terras ele chama os seus funcionários de confiança e prepara uma excursão à região na qual ele próprio também fez parte. Essa foi a primeira viagem de pesquisa, de abertura e demarcação de terras que foi seguida por muitas outras e que acabaram fortalecendo a sua idéia de tornar aquela área um grande projeto de colonização. O velho sonho de voltar a fazer cidades começava a tomar forma, no entanto apesar da fertilidade do solo e da adequação das terras, a área ainda era pequena para os planos de Ariosto, então ele resolveu vender os seus planos para o então governador do Estado de Mato Grosso, José Fragelli.

Ariosto queria e precisava de mais 400.000 hectares e escolhe exatamente os que faziam divisa com a sua propriedade. Um ano depois a sua idéia dá resultados práticos e através de um processo de licitação ele consegue a área desejada e começa a implantar o projeto, para isso Ariosto disse que teve de ter muita garra, e sobretudo *“a teimosia, e a doutrinação quase diária que envolvia filhos, amigos, colaboradores e empregados, porque senão fosse isso tudo terminaria no triângulo de Cuiabá- Santarém.”* (JORNAL DA CIDADE, 1986, p.03).

Em 1974 Ariosto, com todo o seu entusiasmo inicia a construção da

rodovia J-1, em contraposição, o país estava parado, em recesso, todo mundo preocupado, só se ouvia falar em crise. Em vão algumas pessoas mais próximas tentaram alertá-lo para uma possível desaceleração nas obras do projeto, não conseguiram convencê-lo, pois segundo Ariosto, essa tentativa foi em vão, e ele afirmou que apenas sorriu e disse:

Não tenham medo, sei o que estou fazendo. Vão em frente. [...] os interpeladores ficam surpresos, um olhou para a cara do outro e certamente devem ter dito que eu estava delirando. Mas eu não estava mesmo, realmente eu sabia exatamente o que estava fazendo e pretendendo com tudo, e depois como vocês podem ver saiu tudo certinho, até acima das minhas expectativas e o resultado agora está ai pra todo mundo ver. (JORNAL DA CIDADE, 1986, p.03).

Dois anos depois se iniciava o projeto com os primeiros colonos chegando na terra, mas esse foi apenas um novo começo porque a partir daí a responsabilidade de Ariosto se ampliava. Pois, se antes ele já acompanhava de perto a construção da estrada, naquele momento ele passou a viver no projeto. Então começou a trabalhar junto com os seus familiares e funcionários no processo de adaptação e formação do colono para que o mesmo se agregasse e não abandonasse o projeto.

E foi por idealizar e acompanhar cada passo, dos colonos e também dos seus funcionários, dentro do projeto que a cidade por muito tempo homenageou o seu fundador como uma personalidade da qual nenhum dos colonos consegue falar sem demonstrar a grandeza e soberania de um homem

que apresentava em sua fala objetividade, clareza e coerência. Porém essa adoração a este personagem não deixou escapar as claras evidências de que ele tivesse os seus interesses particulares como empresário e também que muitas ações praticadas por ele fossem consideradas pelos colonos, como um mistério do qual eles não gostam de falar. E quando falam é como se estivessem ferindo uma imagem que eles mesmo construíram e por tudo isso se sentem responsáveis por ela. O artista descreve com todo o respeito e admiração o empresário,

Reiterando o assunto Ariosto, eu acho que ele foi o esteio, o ponto máximo, tirando as incógnitas que no caso, o que se comenta desde o princípio que foi a “taca da Paranaíta” né, essas dificuldades que eles criaram para os garimpeiros, dado a descoberta do minério aqui.[...] Então essas verdades são lendas? Tem uma interrogação muito grande em cima disso, concluindo, eu era menino, eu não tinha acesso a essas fontes. (MARTINS, Paulo Roberto, 24 jan. 1999).

O colonizador embuído de um carisma que lhe conferia a qualidade extraordinária, ampliava e garantia o seu domínio sobre a terra da colonização. Vinculando palavra e política, parecia dotado de poderes para realizar um projeto de longo alcance social: *“Ariosto tinha plena intuição da grandiosidade do seu sonho e da possibilidade de sua concretização. Contagiou a todos, notadamente os mais humildes trabalhadores.”* (GUIMARÃES NETO, 1986, p.84).

Quando perguntado a ele o que era necessário para que um projeto de

assentamento chegasse ao sucesso, ele respondeu incisivamente: “*iniciativa privada, contato direto com os colonos, terras boas e é claro, seriedade.*” (FOLHA DA FLORESTA, 1989, p.03). Outro ponto que merece destaque na fala do colonizador é a sua opinião sobre o significado da palavra: **Trabalho**. Essa palavra segundo ele, e depois incorporada no vocabulário dos colonos foi a **alma do projeto**, pois o trabalho era visto como condição fundamental para o desenvolvimento do processo de colonização.

Isso devido a condição inicial de ocupação, posto que, lá tudo tinha que ser construído, e o verbo fazer era utilizado em larga escala por todos. Começou fazendo a estrada, depois fazendo a cidade, enfim fazendo uma sociedade nascer em plena Floresta Amazônica, longe de tudo, onde cada pessoa que chegava tinha uma habilidade para ser aproveitada, e com certeza, havia espaço para todos que demonstrasse interesse em melhorar a qualidade de vida no projeto.

As pessoas que executavam as tarefas nem sempre eram qualificadas para tal, ou mesmo, ainda não tinham experiência por serem recém formados, mas eram com certeza pessoas que estavam dispostas a fazer, a construir, a trabalhar o tempo que fosse necessário e com as condições que tivessem para vencer na vida.

Ariosto tinha uma relação com os seus funcionários, que de acordo

com o conceito Weberiano de dominação carismática, pode ser explicado a medida que “*o quadro administrativo do senhor carismático não é um grupo de ‘funcionários profissionais’, e muito menos ainda tem formação profissional. Não é selecionado segundo critérios de dependência doméstica ou pessoal, mas segundo qualidades carismáticas.*” (WEBER, 1991, p.159). O que determinou a escolha dos funcionários e colaboradores foi a sua capacidade de demonstrar que também eles, assim como o colonizador, possuíam as mesmas qualidades. A principal qualidade, neste caso, era acreditar e fazer acreditar, que Alta Floresta se constituía na chance de construir um futuro melhor para si e para os seus descendentes.

É muito difícil separar o desenvolvimento da vida pessoal de qualquer um desses colaboradores de Ariosto, ou até mesmo dos colonos, do desenvolvimento do projeto. Existe um elo que une a todos e que, às vezes, se torna difícil saber quem executava o que? Pois as atividades eram coletivas e todos se sentiam responsáveis pelos resultados. Uma situação que retrata muito bem essa questão foi a organização da escola pois,

havia muita espontaneidade, muita colaboração em qualquer tipo de coisa. E dentro da escola também eu via isso na dedicação com o magistério, hoje pra você conseguir uma hora extra de um professor é muito difícil, mas naquele tempo era vontade de participar, até porque a maioria nunca tinha feito aquele tipo de trabalho e que até pra ela mesma, como aconteceu comigo, eu precisava provar em primeiro lugar para mim mesma que eu era capaz de desenvolver aquilo. Para mim foi dada uma responsabilidade muito grande e eu

não tinha experiência nenhuma. Então eu trabalhava demais e quando chegava a noite o meu corpo doía todo. (MASSARELI, Amélia P. Marins, 02 fev. 1999).

Se os colaboradores e os colonos se dedicavam tanto, era porque eles podiam contar sempre com o exemplo de Ariosto da Riva que também trabalhava cerca de 12 a 14 horas por dia em seu escritório na Indeco onde supervisionava tudo. Essa jornada de trabalho é também a mesma que a cultura camponesa exige do trabalhador, pois *“a situação de sobrevivência e manutenção só é possível pela auto-exploração das já aludidas forças plenas e marginais, trabalhando penosamente, de sol a sol, com jornada de 10 a 12 horas diárias, ou até mais conforme o ciclo agrário.”* (RENK, 1995, p.26).

Considerado como um pessoa muito acessível a todos que solicitavam a sua opinião, ele não deixava de conversar atenciosamente quando alguém trazia para ele um assunto que interessava ao projeto e conseqüentemente a ele próprio. E o que mais interessava a Ariosto naquele momento era sem dúvida, como tornar o projeto de colonização um sucesso, e tudo o que podia ser feito para o seu desenvolvimento era muito bem vindo. Então cada pessoa que chegasse e trouxesse algo de contribuição era muito bem recebido. E reafirmando a sua vocação para o trabalho Ariosto diz : *“Eu sou um cristão convicto, um patriota autêntico, um homem que ama o seu país e que trabalha para retribuir tudo o que esta terra lhe deu. Mas sou antes de tudo um homem que acredita na raça humana, no povo brasileiro, e acima disso no*

trabalho. Trabalho, trabalho, trabalho, este é o meu lema.” (REVISTA ALTA FLORESTA ANO 7, 1983, p.65).

Esse jeito de ser de Ariosto, um homem conhecido pela seriedade e pelo trabalho, tanto dentro de Alta Floresta como em outros lugares, deu-lhe o mérito de receber o reconhecimento do seu trabalho através de diversas homenagens nos eventos realizados na cidade. Uma ocasião que sempre foi muito comemorada, era a data do seu aniversário, que não passava sem a tradicional reunião dos amigos para prestigiá-lo. Sobre uma dessas comemorações o jornal escreveu:

Para quem chega aos 69 anos de idade trabalhando intensamente, cheio de disposição e transbordando de dinamismo, rodeado dos familiares, amigos e jovens entusiastas, tudo só pode ser alegria, contentamento e satisfação. Foi assim que se encontrava Ariosto da Riva durante a festa surpresa que lhe foi preparada no último Sábado, dia 24, véspera da data natalícia do empresário e bandeirante moderno, responsável por esta ocupação legal da Amazônia. (JORNAL DA CIDADE, 1984, p. 01).

Além das costumeiras homenagens dos Altaflorestenses, Ariosto foi homenageado diversas vezes, e dentre essas podemos citar um prêmio dado pelo Rotary Clube de São Paulo, em honra ao mérito pela sua batalha e dedicação na colonização do norte Matogrossense.

A maçonaria premiou Ariosto como “*um dos desbravadores da região e cujas atividades sempre estiveram voltadas para o solo brasileiro,*

através da agricultura, da pecuária e da colonização privada.” (JORNAL DA CIDADE, 1987 p.6). Também o Deputado Estadual Luiz Alberto Martins de Oliveira, junto a Assembléia Legislativa do Paraná, recomendou *“o título de bandeirante moderno, alargador de fronteiras, colonizador de terras novas e fundador de cidades para Ariosto da Riva, com o objetivo de condecorar o colonizador.*” (JORNAL DA CIDADE, 1988, p. 05).

Uma personalidade que ultrapassava os limites do projeto e que esperava ver o resultado do seu trabalho, deixou de ser um homem, um ser humano, para se transformar numa espécie de ser divino, um mito, cuja missão foi comparada a exemplos de parábolas bíblicas, como é o caso do bom sementeiro;

a minha opinião sobre Ariosto, Ariosto plantou uma semente e hoje estamos colhendo os cachos, mas como a própria bíblia nos prega, quando Jesus disse: Eu sou a videira e ela terá muitos ramos, e os ramos nos darão muitos frutos e no final serão selecionados, os bons dos maus, então hoje, nos resta selecionarmos aquilo que essa semente deixou plantada, que essa semente foi plantada por ele, ela cresceu, floresceu ela deu frutos e agora a gente tem que separar os bons dos maus, só que a gente não sabe aonde se enquadra também. Será que eu fiz alguma coisa por isso daqui, em resposta ao que Ariosto da Riva pregou? Não sei, então também somos uma incógnita, assim como a semente que foi plantada.(MARTINS, Paulo Roberto. 24 fev. 1999).

Acreditando estar cumprindo uma missão social ele apresentava em seu discurso conceitos que pareciam ser de um intelectual preocupado com a situação agrária e agrícola do país, ou então de algum líder trabalhista

seriamente preocupado com a questão do desemprego.

No entanto, sua preocupação com a adesão às suas idéias, fazia que ele se preocupasse muito com a sua própria imagem e assim sempre fazia questão de afirmar que, estas posições eram firmes e definitivas e que ele não era um sonhador “*não sou um visionário, sou louco mesmo. Um louco que acredita primeiro em Deus e depois no trabalho.*” (REVISTA ALTA FLORESTA - ANO 7, 1983, p.58). No intuito de demonstrar que sua fala era algo concreto e de que os seus projetos ultrapassavam a linha do imaginário para transformar-se em realidade, ele investia tudo e apostava nos lucros que poderia ter a longo prazo.

Por isso ele sempre evitou falar em quanto ele gastou para fazer o processo de colonização. Além disso Ariosto estava convicto que “*contribuía para a minimização de graves problemas sociais no meio social brasileiro mas, ao mesmo tempo, dizendo relegar a um segundo plano o aspecto econômico, sabia que o retorno do capital investido seria compensador, pois acreditava ser possível fazer bons negócios, ainda que trabalhando seriamente.*” (JATENE, 1983, p.43).

Aparentando uma preocupação com os problemas sociais do país, ele afirmava que tinha um compromisso com a sociedade e assim diz que:

Prefiro não pensar em quanto eu investi, no quanto gastei, mas sim nas famílias, nas milhares de famílias que estão assentadas, produzindo e progredindo nas áreas que a gente abriu. Principalmente em Alta Floresta que é a filha de todas as minhas experiências e símbolo do amor que eu dedico ao meu país. Além disso eu prometi ao governador do Estado de Mato Grosso fundar mais três cidades e assentar mais cem mil pessoas até o final do seu governo.(REVISTA ALTA FLORESTA - ANO 7, 1983, p.58).

Esta missão junto dos colonos e suas famílias, de criar possibilidades e soluções para os problemas sociais brasileiros dava a ele a autoridade de falar, até mesmo sobre a questão da distribuição de renda no país, para a qual ele tinha uma receita. E se considerava como um exemplo desta experiência que resolveria o problema da pobreza no mundo, para Ariosto,

se cada rico repassasse uma ínfima parte da sua riqueza para dez amigos pobres, em pouco tempo ele teria dez amigos ricos, que por sua vez repetindo o gesto, formaria uma corrente que desembocaria na verdadeira justiça social, com a promoção humana e econômica de todos. Minha luta tem sido pela reformulação completa no campo da produção agrícola, pois o que tem que se produzir são os alimentos básicos para um povo cada dia mais faminto.(REVISTA ALTA FLORESTA ANO 7, 1983, p.58).

Com esse discurso articulado entre a promoção do homem e da solução para os problemas sociais do Brasil via distribuição de renda, Ariosto promovia o seu trabalho e ganhava apoio tanto dos grandes empresários quanto dos mais humildes colonos. E usando a agricultura como o caminho para resolver todas as mazelas sociais, ele criou para si, a imagem de salvador da pátria. Era ele com o seu projeto de colonização a saída para a crise do país. Assim usando da riqueza promovida pelo garimpo para demonstrar que Alta

Floresta não tinha crise econômica ele projetava a venda das terras em outros projetos da colonizadora.

Os resultados obtidos em Alta Floresta, o exemplo do seu projeto, o sucesso da sua empresa de colonização legitimava o seu discurso junto ao governo e estimulava a iniciativa privada a investir na região. Na verdade Ariosto da Riva conclamava o capital privado a investir na obra da colonização.[...] Ele – Ariosto da Riva – quer que Alta Floresta sirva de amostragem aos grupos nacionais daquilo que podem fazer pelo país e pela coletividade.[...] e novamente a idéia de missão social aparece legitimando o papel da empresa, para logo em seguida demonstrar que os resultados da colonização de Apiacás seriam altamente positivos. (GUIMARÃES NETO, 1986, p.95).

Usando da autoridade que tinha sobre o assunto de colonização, Ariosto da Riva conseguia envolver as pessoas com suas idéias. Nesse sentido o seu discurso articulado demonstrava que o governo deveria dar espaço para a colonização privada, pois a colonização oficial nunca chegaria a ter a mesma representatividade e nem mesmo a eficiência comprovada pelo projeto de Alta Floresta. Era notório também a proposta de maior liberação de recursos para a iniciativa privada, posto que, o trabalho de colonização era definido pelo colonizador como uma missão social.

Nesse sentido Ariosto da Riva ia mais longe usando a necessidade de ocupar os espaços vazios pregada pelo governo, como uma atividade que traria muitos benefícios para todo o país em função do aproveitamento racional da Amazônia. Por trás dessa preocupação com o retorno que seria dado a economia nacional, com o aumento da produção agrícola, estava guardado nas entrelinhas

a sua legítima definição de colonização privada e portanto ordenada e seletiva. Essa relação entre o progresso da Amazônia e a ação do capital privado é considerada fundamental, pois

a Amazônia só pode ser ocupada racional e produtivamente se dirigida pela empresa privada comprometida com o desenvolvimento social; caso contrário, não há outra possibilidade histórica para o progresso desta região ou mesmo outra forma para não tornar os pequenos agricultores produtivos e disciplinados. Para essa retórica não existe outra conclusão: à empresa privada está reservada a missão histórica de conquistar e promover o progresso da Amazônia. (GUIMARÃES NETO, 1986, p. 96).

Acreditando nesta hipótese, Ariosto da Riva não mediu esforços para desenvolver o seu ideal de colonização. Com uma personalidade forte e muito convincente, ele foi criando cidades e em torno delas formando uma sociedade rural baseada na estrutura familiar. Assim pensando estar resolvendo um problema social, que já naquela época era o desemprego nas grandes cidades e o conflito pela posse da terra, ele propunha que seus projetos eram sem dúvida, a solução para os problemas do Brasil. E que se todos o apoiassem, ele poderia resolver os problemas do Brasil, buscando na natureza do país que sempre foi, segundo ele, a produção agrícola para a exportação, uma saída para a crise existente.

Observando o discurso do colonizador podemos dizer que, a afirmativa de que **nada resistiria ao trabalho**, alimentou a esperança dos colonos sobre a possibilidade de construir sem nenhum obstáculo esse lugar,

considerado como

a terra da fartura, a terra da esperança, a terra iluminada. Entre a dimensão religiosa e mítica, o papel civilizador do qual estava imbuído, ganhava corpo na edificação da cidade, que nascia indicada pelo signo da fé, do trabalho e da participação de todos. Uma grande família, em prol do progresso, vingaria naquele solo fértil: com a construção desse símbolo, assegurava-se uma proposta de colonização. (GUIMARÃES NETO, 1986, p.106).

Essa imagem dada ao projeto pelo seu colonizador deixava de significar apenas uma oportunidade sem igual do colono ter terra e trabalho, mas do que isso, ele acenava com a possibilidade de reunir a família num lugar onde os filhos teriam escola, trabalho e um futuro promissor. E para que a política de fixar o colono na sua propriedade agrícola tivesse êxito ele preparou toda uma estrutura, com a escola, igreja e família, para disciplinar e tornar o colono produtivo. Assim Ariosto da Riva, *“prestando atenção a tudo, cuidando e orientando, produzindo dispositivos disciplinares e apontando para si mesmo como uma figura exemplar, ele controlava o lugar da colonização.”* (GUIMARÃES NETO, 1986, p.10).

A preocupação do colonizador com o seu projeto e por conseguinte com todos aqueles que trabalhavam para a sua concretização, era muito grande, por isso em todos os momentos, espaços, situações, enfim em todas as relações que se estabeleciam dentro do projeto, Ariosto sempre estava presente. Na posição de comando ou de mero espectador, a sua opinião era sempre solicitada e acatada pelo consenso da maioria das pessoas presentes. A relação entre

colonizador e colono, forjada no processo de colonização sempre teve em si, as marcas da dependência do colono, que longe de tudo e de todos só poderia contar com a presteza e apoio do colonizador.

A referência dos colonos a Ariosto da Riva é feita com todo o carinho e admiração e sua figura que na memória de todos ainda é a do PAI, serve de inspiração para a vida de muitos. O trabalho de Ariosto da Riva, junto aos colonos no seu processo de formação do homem disciplinado e produtivo, assim como de toda a sua equipe de colaboradores, foi extremamente eficiente e resistiu a tudo permanecendo até hoje.

A escolha e a preparação dos colonos para se adaptar e fixar na nova terra, bem como da participação da empresa, que investiu na construção e manutenção da infra-estrutura básica, se constituem nos elementos fundamentais para entender o processo de colonização de Alta Floresta. E também de como, um projeto dirigido por uma empresa privada, que recebendo todo o apoio financeiro do Estado para preparar e executar a ocupação do norte Matogrossense, se projetou no cenário nacional, como promotora de soluções para os problemas sociais do país.

A Indeco conseguiu formar uma massa de pessoas para pensar e agir, não apenas como pequenos agricultores, mas sim como colonos obedientes e produtivos que transformassem Alta Floresta no seu único objetivo de vida. Assim, empresa privada e Estado, conseguiram em comum acordo, com seus

critérios de seletividade e ordenação, baseada numa política de ocupação racional, realizar a colonização das terras consideradas como devolutas.

Neste contexto a formação do colono para que ele se tornasse um sujeito obediente e produtivo, se aproxima do conceito de formação humana de Gramsci que *“pensa a questão da formação humana como uma função estratégica do Estado sobre o conjunto da sociedade para criar formas mais avançadas de civilidade, como parte da implementação do projeto político de uma classe na perspectiva de fazer-se hegemônica.”* (VIEIRA, 1999, p. 233).

O Estado uniu-se aos objetivos da empresa privada para realizar uma política sua, que nada mais era do que ocupar a região de forma ordenada e sob o seu controle e tutela. E a colonizadora voltada para os seus próprios interesses, conseguiu conciliar a política do Estado com seus objetivos. E ainda somado a isso procurou ir ao encontro dos objetivos dos colonos formando assim um consenso geral sobre a necessidade preeminente da colonização.

Por isso no projeto de colonização não havia espaço para reclamações, para crises ou então para pessoas que não pensassem como o colonizador. O sonho lá era grande, tão grande quanto a capacidade que os homens tivessem condições de sonhar e fazer acontecer. Segundo o colonizador, não havia espaço para reclamações, ali era um lugar de trabalho, pois somente o trabalho é que transformava o nada, quer dizer uma região selvagem em um lugar habitável e de futuro para todos.

CAPÍTULO II

OS PRIMEIROS ANOS DA COLONIZAÇÃO

De quem é esse país

De um povo assim tão feliz?!

Me diga que estou afim

De tê-lo somente pra mim.

De quem será essa terra

Tão bela e livre da guerra?!

Me diga que eu quero saber,

Este chão ainda vou ter,

Pode ser um pedacinho.

Um cantinho pra gente morar

Lá no sul ou lá no norte,

Aceito qualquer lugar...

(Calixto Guimarães – autor da música e da letra)

1. A chegada dos colonos na nova terra

Um dos momentos mais emocionantes da colonização era a chegada dos colonos na nova terra, que depois de dias viajando em cima de um caminhão de mudança, em meio aos seus móveis, animais e outros pertences finalmente chegavam no lugar onde esperavam construir uma nova vida. As histórias em torno dessas viagens foram muitas, mas sempre acabavam do mesmo jeito: um caminhão que deixava o colono, sua família e seus pertences numa clareira aberto em meio à floresta e ia embora buscar outros colonos, repetindo a mesma cena de isolamento e solidão que começa na aventura de viajar mais de 800 km da BR 163, uma estrada sem pavimentação e praticamente deserta.

Sobre as viagens de mudanças ou não, os primeiros colonos relatam que uma das grandes dificuldades em circular pela BR –163 era o isolamento de uma rodovia de terra que durante alguns meses do ano, período das chuvas, tornava-se praticamente intransitável. Dependendo das condições da estrada, às vezes, para fazer este percurso eram necessários até uma semana de viagem. A professora descreve o roteiro que foi seguido pela maioria dos colonos que se dirigiam para Alta Floresta.

A estrada até Cuiabá você vinha muito bem, embora do Paraná de Ouro Verde até Dourados no Mato Grosso do Sul, era estrada de chão, de Dourados para cá você pegava asfalto até Cuiabá e depois de Cuiabá para cá também era estrada de chão. A Cuiabá – Santarém era totalmente de chão, aqueles lombinhos, aquelas

custelinhas que você andava a 30 km por hora, na época das chuvas as vezes você andava a 20 km por hora, era terrível chegava aqui e via as coisas assim, vermelhas, vermelha de poeira e quando tinha seca era poeira, e quando tinha chuva era lama.(CRUZ, Maria Antonieta. 14 fev. 1999).

No final de 76 começaram a chegar os colonos, dentre eles o Sr. Benedito Mendes que foi o primeiro colono a chegar em Alta Floresta, ele veio conhecer quando ainda estavam começando a construir a cidade, chegou praticamente junto com os tratores. Foi recebido pelo Sr. Ariosto que lhe vendeu um lote de terra nas proximidades da cidade, e pediu que ele aguardasse a construção da estrada até o seu lote; o que levaria mais ou menos uns três meses e ele voltou para o Paraná.

Depois de duas semanas o Sr. Benedito já estava de volta a Alta Floresta. Ele descreveu esse momento: *“Cheguei aqui num dia de Domingo e fui ao escritório da firma (no trevo) falar com o Ditão. E para nossa sorte, o seu Ariosto estava lá. Como eu cheguei um mês antes do combinado, perguntei a ele como é que poderia fazer. Aí ele falou: Ó Benedito , não se preocupe! Amanhã cedinho os maquinários vão entrar lá e farão a estrada até a sua terra.”* (FOLHA DA FLORESTA, 1984, p.4).

Esse foi o começo de uma infinidade de histórias de colonos que se dirigiram para o norte de Mato Grosso, mais precisamente para o projeto de Alta Floresta, em busca de uma nova chance de reconstruir suas vidas, mas que jamais imaginaram a situação em que estariam colocando as suas famílias. Uma

realidade que Padre Geraldo relata com extrema fidelidade.

Os colonos que para vieram, encontravam terra demarcada, escola, hospital, estradas. Com isso afluía gente. Era muito bonito ver essa gente chegando. Chegavam em caminhões, não posso esquecer. Quando falava que era padre, muitos choravam de emoção. Diziam que eu era um herói. Heróis eram eles que tinham sido de sociedades organizadas, entravam em caminhões e chegavam ao desconhecido. O caminhão chegava ao final da picada, a firma devia, ainda, abrir uma estrada. Aí parava o caminhão, desciam todos, amarravam os animais nas árvores, desciam os badulaques, fazia barraca com encerado, punham a família em baixo, e o caminhão voltava. E eles ficavam ali, sozinhos no meio da mata. Depois que o caminhão saía, o colono tomava o machado e começava a trabalhar para montar a sua casinha, a sua barraca, a lavourinha. Sentiam-se isolados no vácuo, até que chegavam outros colonos a esse desconhecido. (SILVA, apud JORNAL DA TARDE, 1981, p.16).

Padre Geraldo chegou na região antes dos colonos, no começo de 1974 já estava na região, celebrando missas junto do acampamento dos construtores da estrada. Depois os colonos começaram a chegar e eram muitas famílias que vinham do sul trazendo tudo o que podiam, desde cachorro, galinha, gato, porco, boi, e seus pertences até mesmo a família, que vinham todos misturados em cima dos caminhões.

E quando chegavam iam tomando cada família uma direção, conforme a localização do lote que tinham conseguido. Eram pessoas que vinham para a Indeco deixando para trás uma sociedade organizada, onde eles tinham igreja, tinham amigos. Então o caminhão ia até o final da picada, e a partir daí, muitas vezes, a pé caminhavam até o local onde tinham adquirido o lote. A família ficava esperando no final da picada. Era nesse momento que o

isolamento aparecia bem claro nos olhos deles.

Esse momento de chegada era realmente pitoresco pois as famílias traziam nos caminhões de mudança tudo o que eles tinham lá no sul, desde os seus pertences como móveis e objetos pessoais até os animais e alimentos para se manterem até a primeira colheita. Todos sabiam que estavam caminhando para uma região onde os recursos eram escassos e que além de ser um período difícil por causa da adaptação poderia também ser uma época de economizar pois a maioria deles não pagavam a terra no momento da compra, e sim davam uma entrada e o restante era parcelado para serem pagos com a própria produção. O Sr. Benedito, nos disse que a negociação entre ele e o Sr. Ariosto foi a seguinte:

Acabei comprando 100 há de terra por 120 cruzeiros, dando 30 cruzeiros de entrada e ficando de pagar o restante com a primeira produção. Inclusive quando eu terminei a primeira colheita de arroz, fui falar com o seu Ariosto e disse: Ó seu Ariosto estou aqui com o dinheiro para lhe pagar o restante da terra como nós havíamos combinado, mas tem uma coisa! Eu queria comprar umas duas vaquinhas e um touro e, se eu lhe pagar, eu não vou poder comprar os animais. Então ele falou: Vá comprar suas vacas e quando colher o café você me paga. E assim eu fiz. Deixei de pagar a ele e comprei duas vacas e um touro. Depois na primeira colheita de café, eu fui lá e paguei o que devia.(MENDES, apud FOLHA DA FLORESTA, 1989, p.16).

Normalmente os homens enfrentavam essa mudança com mais naturalidade, e logo estavam derrubando o mato, plantando, colhendo com fartura, pois a primeira plantação dava um resultado sem igual, a terra nova

produzia mais do que no sul e além disso não tinha geadas. No entanto, as mulheres e crianças sofriam muito mais, acostumados a um clima mais ameno (a temperatura no sul que é de 24 a 26°C) passam a enfrentar uma temperatura acima de 30° em média, além disso, tinha ainda o desconforto de morar em barracos de lona e estar exposto aos animais e insetos. Isso tudo fazia com que elas ficassem a beira do desespero, uma situação que o Pe. Geraldo Silva testemunhou por diversas vezes.

Lembro-me que um dia, estava realizando o meu trabalho pastoral na região das estradas central e 1º Sul [...] quando cruzei um caminhão de mudanças já retornando para a cidade. Fui então fazer uma visita a esta família recém-chegada. Quando eu cheguei ao local, eles estavam sentindo o peso do isolamento, estavam meio atordoados. As mulheres e as crianças estavam chorando e os homens cortando alguns troncos para fazer um barraco para passar a noite. Falei que era o padre da região e que estava ali para lhes dar conforto. No início eles não acreditaram que eu era padre, mas depois tudo ficou bem. No início aqui era comum eu visitar as famílias recém-chegadas. As mulheres, desconsoladas, choravam. Anos depois elas diriam brincando: Ô seu padre! O senhor nos viu chorando, mas os homens choravam também escondidos no mato. O senhor nos viu chorando aqui no meio da estrada. Os homens se escondiam no meio do mato para chorar também.(ARAUJO, 1999, p.139).

Essa situação de isolamento e a sensação de que estavam abandonados a própria sorte era quebrado pela visita do padre, que sempre tinha uma palavra de conforto para os colonos. Depois desse momento, quando os colonos iam se organizando e formando as comunidades, esse sentimento de desolação ia sendo quebrado pelas visitas de outros colonos. E, além disso, os

corretores que traziam novos compradores de terras, os funcionários da CEPLAC, a direção das escolas rurais, os funcionários da Fundação Nacional da Saúde (FNS, antiga SUCAM) que além das visitas, também davam assistência aos colonos, se tornavam presença constante. Desse modo os colonos se sentiam privilegiados em receber tantas visitas, e principalmente a do padre que estava com eles pelo menos uma vez por mês celebrando a missa e visitando as suas casas.

Os primeiros momentos de chegada foram realmente difíceis para os colonos que acostumados com uma realidade completamente diferente foram obrigados a conviver com a selva Amazônica e todos os seus encantos e desencantos. Alguns colonos não levavam suas famílias para a zona rural de imediato, apenas os homens se aventuravam no momento da derrubada e da construção de uma casa. Porém a grande maioria devido as condições financeiras levaram a família toda para o meio do mato, onde construíam um barraco de lona e depois uma casa bem rústica para abrigar os seus familiares. Sobre esse momento que

não foram fáceis, porque assim que a gente derrubou o mato, queimou e aí não tinha como fazer a casa. Ainda não tinha madeira, não tínhamos condições. O De Carli estava entrando, ou nem tinha entrado ainda. Então de que ia fazer a casa? De coqueiro, então iam para o mato, arrancar o coqueiro derrubar a árvore e fazer as tabuinhas. Então a primeira casa foi construída de coqueiro e coberta de tabuinha. A primeira chuva, deu uma chuva muito forte, naquela época chovia muito e nós fizemos a casa num local baixo, então a casa alagou. (OLIVEIRA, Dalva Lellis. 09 fev. 1999).

Depois de fazer a casa e de construir abrigo para os poucos animais domésticos que normalmente eles traziam junto com as mudanças, começavam a trabalhar com a terra, ou melhor com a mata. Era algo assustador a quantidade de animais selvagens que habitavam a mata e que colocava a vida dessas pessoas em risco constante. Dentre os maiores perigos estavam as cobras gigantes e também a onça pintada que além de atacar os homens, devorava os seus animais, mais precisamente os cachorros que eram usados para a caça. Os comentários surgidos em torno desse felino também caçador, provocava medo e fazia com que a maioria dos colonos adquirissem armas de fogo para se defenderem. Com certeza a onça era o animal que mais provocava medo, no entanto ela era uma ameaça que só se manifestava em ocasiões bastante raras, como a falta de alimentos ou então de defesa dos filhotes.

O que a maioria dos colonos não sabiam é que, um animal bem menor do que a onça, seria o inimigo mais mortal que ele teria de enfrentar, era o mosquito. Durante o dia uma espécie de mosquito conhecida na região por **piuns**, atacavam as pessoas e suas picadas causavam feridas. Tanto na zona urbana, quanto na zona rural a quantidade de mosquitos era assustadora, *“mas tinha muito mosquito que se você saía, a água era de poço né, tirado com o balde, para lavar roupa lá fora, você já tinha que por calça comprida e camisa de manga, senão o teu braço ficava pretinho, sabe aquele piunzinho,*

pequenininho, tinha muito mosquito.” (CRUZ, Maria Antonieta. 14 fev. 1999).

Isso durante o dia porque no entardecer e no amanhecer, horário de maior incidência, o mosquito da malária atacava e como os colonos ainda não conheciam a profilaxia e nem os sintomas da doença, que se parece com uma gripe, muitas vezes procuravam o médico quando já estavam com problemas graves de paralisia de órgãos. E também como o foco de malária já era extenso devido as condições precárias de suas moradias os funcionários do FNS pouco podiam fazer além de borrifar veneno em suas casas e dar orientações de higiene para o combate ao vetor.

A malária foi um dos grandes problemas enfrentados pelos colonos que não conheciam a doença e nem a sua forma de transmissão, e que se agravou com a chegada dos garimpeiros. Apesar dos esforços do FNS a população não conseguiu evitar óbitos, principalmente de crianças, que por falta de conhecimento do assunto, ficaram expostos a doença.

Outro inseto que infestava as casas dos colonos eram as baratas, encontradas em grandes quantidades, devido ao clima propício elas se proliferavam por toda a parte, nas casas, nos poços de água, pois não havia água encanada, e até nas fossas. Os lotes da zona urbana foram projetados para abrigar duas casas, eles possuíam 1.000 m² e assim entre as duas casas era feito o poço e nos fundos eram construídas inicialmente latrinas ou então as raras fossas.

Essa situação proporcionava uma dificuldade muito grande de manter a higiene devido a esses insetos e pequenos animais roedores, como ratos que são transmissores de várias doenças e que normalmente fugiam do controle dos moradores. Além disso não havia coleta de lixo que acabavam sendo acumulados em lotes vazios e ou fundos de quintais o que colocava a população em risco constante.

Outro problema que começava com o momento da mudança era a questão da alimentação. Os colonos eram pequenos agricultores, e como eles mesmo diziam: **estamos indo para o sertão**, então procuravam levar tudo o que era possível para sobreviver nos primeiros meses, pois no projeto havia apenas um pequeno armazém que na maioria das vezes, não conseguia atender as necessidades da população, afinal

o que tinha era o Mercado Machado, umas prateleirinhas que vendia alguma coisa, tinha o almoxarifado da Indeco que nas horas de apuros eles também forneciam alimentos, tinha a Casa Reunida que também vendia alguma coisa, inclusive o gás cozinha. Na verdade era tudo muito pouco né, dava pra contar as mercadorias que tinham na prateleira. (CRUZ, Maria Antonieta. Alta Floresta, 14 fev. 1999).

Como o comércio não oferecia condições de atender os colonos e quando chegava o período de chuva as estradas ficavam interditadas, eles contavam apenas com aquilo que eles traziam na mudança. Os alimentos que eles mais levavam era

uma farinha e uma carne, na época já estava bom para a viagem, e pra comer aqui fiz uma compra pra um ano, e a compra deu pra um

ano folgado. Nós trouxe naquela época, açúcar pra um ano, trigo deu pra uns seis meses, feijão perdeu, soja perdeu, milho eu trouxe, porco eu trouxe, galinha eu também trouxe de lá, tudo aqui dentro da mudança. E depois logo a gente começou a plantar. (MENDES, Benedito. 11 fev. 1999).

A plantação das primeiras lavouras e como preparar a terra foi um dos grandes tropeços do colono, assim como a escolha de qual cultura devia plantar. Induzido pela propaganda os colonos acreditavam que a plantação do café num local onde não havia geadas era garantia de uma grande produção, e consequentemente de uma boa margem de lucros. Então erradamente o colono sem conhecimento da terra, derrubou a mata, ateou fogo e acabou queimando a camada mais fértil do solo amazônico que é o **humus** criado pelos resíduos da própria floresta. Destruindo essa camada, o solo é arenoso e a grande maioria dos cafezais que cresciam muito acabavam caindo, além disso o preço do café sofreu uma queda bastante significativa nos anos 80 e assim a idéia de formar um novo norte do Paraná começou a cair por terra.

Além disso, outras culturas como o arroz por exemplo, cresciam muito e até davam uma excelente produção nos primeiros anos, mas era difícil conseguir fazer a colheita em tempo hábil por causa das chuvas e assim grande parte da produção apodreciam antes mesmo de serem colhidos. E com o tempo devido ao uso incorreto o solo enfraquecia e o colono acabava derrubando outra área e começaram a plantar junto com a cultura do arroz o capim para formar pastos. Esse procedimento foi sendo alterado de acordo com as pesquisas que na

verdade eram feitas pelos colonos que na verdade mais pareciam cobaias de experimentos que dentro de pouco tempo fracassavam, sobre isso o atual secretário de agricultura afirmou que,

alguns fatos não puderam ser esclarecidos, não havia uma pesquisa, na época o agricultor que veio para o Mato Grosso, ele tinha uma tradição de plantador de café. Mas no Paraná eles plantavam o café arábico. E na nossa região não havia nenhum estudo, nenhuma conclusão da viabilidade do cultivo deste café. [...] então foi um tempo difícil pois, foi feito o plantio e depois essas lavouras não conseguiram sobreviver e precisaram ser substituídas pelo café robusto. O cacau também. Na época se procurava as partes mais elevadas, a terra mais vermelha, mais argilosa e depois a própria prática demonstrou que não era correta para a nossa região. (ARAÚJO, Divino Corrêa. 13 fev. 1999).

O trabalho na agricultura era baseado na estrutura familiar, onde os homens eram responsáveis, de acordo com os colonos, pelas tarefas mais “pesadas”, como derrubar o mato por exemplo. Mas também mulheres e crianças participavam ativamente das tarefas desenvolvidas dentro da propriedade. Pois haviam muitas tarefas a serem executadas e a viabilidade desta estrutura dependia da utilização da força de trabalho de toda a família, pois “*a não remuneração individual dessas forças plenas e marginais, deixando o rendimento ‘num montinho só’ ou ‘num caixa único’, sob a gerência do chefe da família e a sua auto-exploração, tornam viável a pequena propriedade.*” (RENK, 1995, p.27).

A derrubada era um momento bastante difícil e perigoso. A mata da região é muito densa e as árvores são muito grandes, assim o trabalho era feito

em duas etapas: na primeira é uma preparação para a derrubada com instrumentos rudimentares como a foice; que é usada para cortar os arbustos que cercam as árvores grandes.

E na segunda etapa é feito a derrubada propriamente dita com o corte das árvores grandes que ao caírem vão derrubando outras, enfim em um curto período uma grande área de floresta está no chão onde vai esperar por alguns meses até que esteja pronta para ser queimada. Esse é também o momento em que ocorrem muitos acidente, pois no momento que as árvores caem podem atingir as pessoas, e assim como ocorreu em Alta Floresta, muitos perderam suas vidas neste trabalho que é tão cruel com a natureza e tão vital para aqueles homens e suas famílias que não tem outra opção a não ser esta.

Além dessa forma mais comum de preparação da terra para o plantio que foi usada pelos colonos existem outras técnicas de derrubadas, mas somente por grandes fazendeiros, pois os colonos não tinham recursos financeiros para fazer diferente.

E uma outra coisa que nos tivemos o estudo e a oportunidade, foi o de fazer diferente do que o povo fazia, o povo aqui roçava o mato, derrubava, metia fogo e plantava o capim. Nós não tivemos os estudos e coisaradas, mas a gente sempre conseguiu pegar as coisas boas das pessoas e uma das coisas é isso, essa história de ecologia, de preservação de tudo o que é espécie, tanto da flora quanto da fauna. O que nós fizemos então? Nós compramos máquinas de esteira, derrubava o mato, deixava o mato apodrecer dois anos, aí enleirava, sem passar fogo, aí plantava o pasto, para formar o pasto para o gado sem queimar. [...] o custo é quase três vezes o valor de

se formar dessa maneira que o pessoal forma com fogo.(TEZA, Hitor. 06 fev. 1999).

O custo e o tempo deste tipo de derrubada tornaria a ocupação da terra pelo colono inviável, pois ele precisava produzir para a sua própria subsistência já nos primeiros meses, em função da dificuldade de aquisição de alimentos. Depois deste momento inicial, as mulheres e crianças que até então estiveram ocupados com a tarefa de preparar o local da nova moradia, como plantar algumas árvores frutíferas, preparar a horta, enfim de tornar as proximidades da casa mais habitável e também para evitar que animais selvagens se aproximassem, começavam também a participar do plantio. Mas a mão de obra da família inteira era mesmo usada nos períodos de colheita onde todos participavam, até mesmo as crianças. Uma das culturas que mais utilizava a mão de obra feminina e infantil era a colheita do café.

A produção inicial foi destinada ao próprio abastecimento dos moradores do projeto, mas logo começou a ter excedentes e então a colonizadora promoveu a vinda de um grupo de amigos muito conhecidos, da empresa NB, para montar a Companhia de Armazéns Gerais (COAG), que ficou conhecido pelos colonos como **secador**, e esta empresa se encarregava de comprar toda a produção de grãos e depois comercializá-las para fora de Alta Floresta. Com muito entusiasmo, o Sr. Nino afirmava naquela época “*o governo pode ficar tranquilo que aqui na região o nosso grupo (o NB) garante*

o armazenamento de toda a safra.”(REVISTA ALTA FLORESTA – ANO 7, 1983, p.33).

No entanto o secretário de agricultura lembra que mesmo com essa estrutura houve sérios problemas com a questão da comercialização dos produtos porque

naquela época o comércio não tinha estrutura para absorver essa produção que era muito grande, o arroz produzia muito bem. Então como a produção era grande ficava aquele problema, a dificuldade na colheita, no transporte, às vezes na estrada, mas o governo sempre dando sustentação, adquirindo esse produto, armazenando a céu aberto, e todas essas dificuldades, mas era uma forma de incentivar a ocupação aqui na região.(ARAUJO, Divino Corrêa. 13 fev. 1999).

Com a queda no preço do café e também da inviabilidade da espécie escolhida para a plantação, foi sendo introduzido o cacau que também ocupava toda a mão de obra familiar na sua colheita. Nas pequenas propriedades dos colonos o trabalho familiar foi fundamental para manter a continuidade da produção, pois não havia mão de obra disponível. Primeiro porque no início do projeto era considerado requisito básico para a entrada nas terras do projeto sem ter o documento de propriedade da terra, depois porque os colonos meeiros que vieram para o projeto foram contratados pelas grandes fazendas. E a partir da descoberta do ouro ninguém conseguia segurar as pessoas que não eram realmente proprietárias na terra.

O que aconteceu então? Aquele povo que veio aqui, que derrubou o mato e que plantou a banana, plantou o cacau, plantou o café, ele não arrumava mais gente para limpar o café, pra colher o café,

porque o cara ia lá no garimpo e numa semana ele tirava o que ele ganhava em três meses na agricultura. Então todo mundo, o agricultor da nossa região sofreu as consequências dessa febre do ouro. (TEZA, Hitor. 06 fev. 1999).

A saída que os colonos encontraram para esse problema foi que no incentivo pela construção da comunidade, eles aprenderam a trabalhar em mutirão. Isso ajudou muito, pois eles estenderam essa técnica para a colheita das suas lavouras. Assim quando era época de colheita o colono reunia a sua família e auxiliava o seu vizinho que depois ajudava-o também. Dessa forma mesmo com todas as dificuldades o colono sobreviveu ao maior dos seus dilemas que era ver parte da sua produção se perder por falta de mão de obra.

Outra questão bastante séria provocada pelo garimpo foi o aumento dos preços das mercadorias, pois o garimpeiro pela sua forma de trabalho causou a elevação do custo de vida na cidade que também era o centro de abastecimento dos colonos e isso causou sérios problemas para o agricultor,

eu vejo que Alta Floresta nunca foi a mesma depois do garimpo, criou pensamentos de supervalorização das coisas. Quem estava no garimpo tinha acesso a certas coisas que o agricultor não tinha, foi um período de discriminação do agricultor. O agricultor tinha vergonha de falar que era agricultor, isso era humilhante. Então isso pesou muito na consciência do agricultor. (ARAÚJO, Divino Corrêa. 13 fev. 1999).

A relação entre colonos e garimpeiro sempre foi conflituosa e ao dividirem o mesmo espaço dentro do projeto sempre houve problemas, como a questão da apropriação, por parte dos garimpeiros, das terras já ocupadas pelos colonos. E da super inflação que os garimpeiros causaram na cidade pelo estilo

de vida que levavam. Assim tanto o trabalho, quanto os lucros do agricultor eram motivos de piadas para os garimpeiros. E a população da cidade, principalmente do comércio entrou na onda dos garimpeiros e também acabou discriminando o agricultor. Isso porque o garimpeiro comprava tudo e sempre pagava além do preço estipulado, enquanto que o agricultor achava que tudo era caro e acabava comprando pouco e ainda pedindo descontos.

Ariosto da Riva que sempre acreditou e investiu no colono não cansou de tentar retirar os garimpeiros da região, mas quando vencido, deu o mesmo conselho para os seus colonos, que nada mais era do que deixar os garimpeiros, porque o garimpo ia acabar, como de fato acabou e então todos voltariam a ter no projeto de Alta Floresta, o mesmo objetivo que era desde o princípio, a vocação agrícola.

Então o colono que se instalava no projeto passava a conviver com muitos problemas e diferenças de culturas que são comuns ao processo de formação de uma nova cidade, que foi colonizada por migrantes de todo o país. Mas também com um espírito de solidariedade sem igual, onde todos se ajudavam mutuamente. Assim mesmo com a influência dos garimpeiros os colonos mantiveram a suas tradições e permaneceram em suas propriedades, realizando a ocupação efetiva do projeto.

Mesmo com toda a dedicação do colonizador, a adesão dos colonos não foi total e houve alguns que se quer adquiriram terras depois de uma visita

de reconhecimento, mas poucos, muito poucos que deixaram seus lotes depois terem levado suas famílias para o projeto. Apesar de alguns insucessos o número de colonos que para aí se dirigiam era sempre muito grande, seja para conhecer ou mesmo para morar, eles viajavam em direção ao projeto Indeco.

Todo esse crédito dado ao projeto pelos colonos se dava em função da pessoa de Ariosto da Riva. Isso se dava pelo fato da seriedade da documentação das terras e também pela propaganda feita em torno da viabilidade do projeto. Uma das estratégias do colonizador era convidar pessoas importantes e autoridades para visitar o projeto. E assim era constante a presença de ilustres convidados que visitavam Alta Floresta, desde os seus primeiros anos, graças a influência política que o colonizador sempre possuiu. Para o colono a presença de Ariosto era fundamental pois,

ele era praticamente o conselheiro político desta cidade, e as coisas vinham com muito mais facilidade para Alta Floresta, ele tinha uma influência muito grande em Brasília, na câmara dos deputados, dos senadores, do presidente da República, então tinha uma facilidade muito maior de vir as coisas para cá do que agora que passou para o poder público.” (OLIVEIRA, Valdir Telles. 06 fev. 1999).

Um exemplo da influência política do colonizador foi a visita do Presidente da República João Figueiredo, amigo particular de Ariosto da Riva, ele esteve em Alta Floresta por duas vezes. Na primeira vez, quando ainda era presidente ele estava acompanhado do ministro Mário Andreazza. O ministro ofereceu a Ariosto uma verba para a construção de casas do Sistema Nacional

de Habitação e ele recusou, ele próprio relatou que

Quando o Andreazza me ofereceu 500 casas do BNH, em uma visita que ele fez a Alta Floresta, eu não aceitei. Ele ficou admirado e falou: mas vem cá, eu sou assediado noite e dia pelos governadores, senadores, deputados federais, todo mundo querendo casa do BNH. O Senhor é louco? – Eu não sou louco, respondi. Não quero casa do BNH, porque eu vou esvaziar o campo. O pessoal com as casas do BNH, abandona o campo e vem para a cidade. (RIVA apud FOLHA DE LONDRINA, 1986, p 6).

Esse fato demonstra que mesmo com toda a influência que tinha Ariosto, ele nunca perdia de vista o seu objetivo primordial e que também era a condição de se obter sucesso na colonização. E era exatamente essa vocação agrícola, de fixar o homem no campo, dando-lhe todas as condições para que ele não abandonasse a sua propriedade que iria garantir o sucesso do projeto de colonização.

Outras visitas importantes que aconteceram no projeto foram as de Fernando Collor de Melo que na sua campanha a Presidente da República, esteve em Alta Floresta e nesta ocasião ele fez a promessa de que, se eleito voltaria a cidade. Com o apoio do colonizador, após ser eleito ele voltou a Alta Floresta e fez o seguinte pronunciamento: *“o nosso grande, belo e viabilíssimo país, tem que ter um governo surgido do povo, para que possa atender as ansiedades, aspirações e esperanças desse mesmo povo que hoje está tão sofrido. Eu faço parte desse povo, de um povo brasileiro, de um povo Altaflorestense.”* (FOLHA DA FLORESTA, 1989, p.4).

Todas essas visitas serviram para projetar Alta Floresta no cenário nacional e até na mídia mundial, quando na ocasião da visita da repórter Ellen Bronfield Geld, que escreveu ao New York Times, sobre um outro Brasil na Amazônia. Outro momento que merece destaque é ainda a visita do Embaixador da Alemanha Oriental Werner Haenold que definiu o desenvolvimento de Alta Floresta como *“algo impressionante, fiquei muito admirado com o que eu vi até o momento, gostaria de saudar esse povo pela sua dedicação com coragem e trabalho.”* (JORNAL DA CIDADE, 1987, p.5).

Além dessas pessoas que estiveram visitando o projeto de colonização, a convite de Ariosto da Riva, outros dois momentos retratam bem a influência que ele tinha junto ao poder público. Quando haviam os momentos de isolamento devido a condição das estrada que se tornavam intransitáveis no período das chuvas, era solicitado o apoio da Força Aérea Brasileira (FAB) para levar com seus aviões, alimentos para a população de Alta Floresta.

Então a Indeco tinha um búfalo, chegava um búfalo carregado de mantimentos e abastecia o almoxarifado da Indeco. Quando as coisas ficavam mesmo precárias, esse avião, esse búfalo vinha abastecer o almoxarifado da Indeco, então o compromisso maior que a colonizadora tinha era com os funcionários, abastecia a cozinha da Indeco que era muito grande e que no refeitório servia refeições para muitos funcionários e também para a casa dos funcionários.(CRUZ, Maria Antonieta. 14 de fev. 1999).

No período do garimpo muitas vezes Ariosto solicitou a ajuda do Exército Brasileiro, bem como das Polícias Militar e Federal para resolver os

conflitos que surgiram entre garimpeiros e colonos, ou então entre garimpeiros e empresas mineradoras multinacionais, e ainda por ocasião da invasão dos garimpeiros nas terras do projeto.

Um momento de glória para toda a cidade foi vivido quando a Capital de Mato Grosso foi transferida para Alta Floresta por uma semana. Neste período o governador do Estado, bem como o seu secretariado, deslocaram-se para Alta Floresta e passaram lá uma semana. Essa transferência foi feita para sugerir a possibilidade de que, numa divisão futura do Estado de Mato Grosso, e a Criação do Estado de Tapajós a cidade de Alta Floresta estaria sendo a cidade mais cotada para sediar a nova capital. Houve uma campanha muito grande para que o projeto da divisão do Estado em Brasília desse resultados práticos, pois Alta Floresta

em seus treze anos de vida, deu um dos maiores saltos da história da migração brasileira. Hoje são 140 mil habitantes em um dos pontos do Brasil que mais cresce e progride, chegando a alcançar índices de crescimento que beiram os 25% ao ano. Uma marca fantástica. Se considerar as atuais condições sociais, políticas, financeiras e econômicas do país. Possui um dos aeroportos mais movimentados do país, seu comércio é um dos mais sólidos do Estado. Com inteira justiça, Alta Floresta já é a Capital do Norte.(FOLHA DA FLORESTA, 1989, p.01).

Todas essas questões com certeza eram acompanhadas por Ariosto da Riva que colocou nessa cidade todo o seu empenho e fez dela um sonho realizado, quando perguntavam a ele sobre o progresso de Alta Floresta ele sempre respondia com otimismo e expectativa de que a cidade considerada a

menina dos seus olhos, com certeza ainda iria surpreender muita gente.

2. O colonizador e o colono

O projeto de Ariosto era levar homens para trabalhar na terra e que esses tivessem as condições mínimas para se adaptar ao projeto de colonização. Então o primeiro passo foi criar uma estrutura adequada para receber os colonos e mais do que isso, era realmente dar-lhes aquilo que eles não tinham mais no seu local de origem. Depois uma propaganda eficiente que não deixasse margens de dúvidas que o seu projeto era realmente viável e sério. E finalmente o mais importante, decidir quem deveria ser escolhido para fazer parte do processo de colonização.

Para isso Ariosto contou com a sua própria experiência de vida, ele escolheu para fazer parte do seu projeto o colono de tradição¹³, aquele que já sabia cultivar a terra e que naquele momento estava em conflito com a sua região. Quando indagado sobre o porquê de vender os lotes de terra no Paraná o Sr. Ariosto respondeu que

no Paraná a mecanização estava expulsando o pequeno, a lavoura mecanizada exige um volume maior de terra. O pequeno começou a

¹³ O colono do projeto de Alta Floresta é o descendente dos colonos europeus que colonizaram o sul do país e que num processo de contínua busca pela posse da terra, colocou suas esperanças no Norte de Mato Grosso, como mais um possibilidade de encontrar afinal a sua terra. “Esse termo, em sua trajetória, apresenta alternâncias, ora com cargas estigmatizadas, de fora, e ora como autovalorização, análogo aos usos manipulativos da categoria povo estudado por Bordieu (1990:186), convertendo estigma em emblema.” (RENK, 1995, p.26). Ela afirma ainda que existem características peculiares a sociedade camponesa como: o trabalho familiar, uma economia doméstica, onde a terra é o principal meio de sustento; e a ocupação de uma posição subalterna na sociedade.

ficar espremido lá, e o homem que vendesse dez alqueires de terra lá no Paraná podia comprar cem aqui. Então ele tinha a chance, a opção de aumentar a área para si, para os filhos, para a família. Não foi só no Paraná. Trouxemos do interior de São Paulo, onde está acontecendo o mesmo fenômeno. Há necessidade premente neste país de mais emprego estilo o nosso, exatamente pra prender o pequeno agricultor de tradição, porque a família cresceu e não tem mais condição de sobreviver naquela pequena área. Todos eles são qualificados.(GUIMARÃES NETO, 1986, p. 100).

Além dessa preocupação exposta na fala do colonizador ele também complementa a sua intenção em relação a escolha dos colonos, quando afirma que, essa escolha se deu em função desta região já ter sido colonizada. E porque os colonos já possuíam, tanto do conhecimento básico sobre o cultivo do café, do arroz, do feijão, e etc., quanto das dificuldades de enfrentar o isolamento e as dificuldades de uma área no início da sua colonização.

Procurando trazer para o projeto um colono que já estivesse acostumado a todas essas adversidades e dando a ele algumas condições básicas de sobrevivência ele permaneceria no projeto, posto que, por ele já ter vivido o processo de colonização do norte do Paraná poderia comparar e ver que ali ele estava tendo muito mais vantagem. Sobre essas vantagens de Alta Floresta em relação as cidades do interior do Paraná, o colono diz:

eu acho que aqui tinha até demais em relação a muitas cidades do interior do Paraná, que a gente não tinha nem uma farmácia, não tinha nenhum posto de saúde. Não tinha na época. E os meios de transporte também eram precários, eu vejo dessa forma, deveria ter uma infra-estrutura básica na época, mas a pavimentação por exemplo isso nós não tínhamos mesmo. E tendo em vista, as próprias

dificuldades da época da chuva, nós tivemos problemas com a alimentação, nós passamos muito tempo em que carne era sonho.(MARTINS, Paulo Roberto. 24 jan. 1999).

Como os colonos já estavam preparados para grandes dificuldades, seria fácil contentá-los dando-lhes o mínimo de infra-estrutura. Por isso Ariosto se preocupou muito em construir uma infra-estrutura básica, mas que atendesse as expectativas dos colonos. Não somente ao colono que comprava a terra, mas também outros que começavam a vir trabalhar no projeto e que também iria ver as condições de sobrevivência na região.

Os colonos que vieram para Alta Floresta se dividiam em dois grupos. Um formado por pequenos proprietários, que tinha as condições mínimas de se manter no projeto, devido a algumas economias adquiridas com a venda das suas terras; e outro formado por alguns colonos meeiros, que vieram para trabalhar nas grandes fazendas de café, como a fazenda Caiabi¹⁴ que era de propriedade do Sr. Ariosto, e a fazenda Mogno. Além dessas, muitas outras fazendas que necessitavam de mão de obra para derrubar as matas, plantar café, cacau e /ou guaraná; e depois pastos para a implantação da agropecuária, para isso eles costumavam trazer os colonos meeiros. Segundo o Sr. Nino a vinda de colonos e colonos meeiros foi realizada de maneira diferente. Assim ao se referir ao povo de Alta Floresta ele considerava necessário dividi-los para

¹⁴ Para provar a fertilidade de suas terras, a Indeco criou a Caiabi, onde – entre outras culturas – estão plantados 520 mil pés de cacau e 659 mil covas de café. A Caiabi é uma empresa agroindustrial, subsidiária da Indeco, foi considerada um modelo de desenvolvimento do norte de Mato Grosso. Nos seus primeiros anos abrigava uma população de cerca de duas mil pessoas, sendo que a maioria é de agricultores meeiros. Possui um clube social, duas igrejas, campo de esportes, ônibus. São 150 casas de colonos e mais 35 na sede. Na escola estudam cerca de 250 crianças.

melhor analisá-los

o colono proprietário foi bem selecionado e aqui é importante reconhecer esse excelente trabalho feito pelo Ariosto, que teve por diversas vezes a oportunidade de vender grandes propriedades de terras para latifundiários e ganhar bastante dinheiro e não o fez. Não o fez porque ele só vendia lotes pequenos para quem realmente fosse o produtor, fosse agricultor tradicional. Quanto a colonada, meeiros principalmente, foram os piores da história (com raras exceções). Eles chegaram aqui e nós os patrões acabamos de esculhambar, dando-lhes do bom e do melhor.[...] Na fazenda Caiabi o Sr. Ariosto construiu diversas casas de 107 metros quadrados, refeitório, alojamento, represa, etc. E então nós tivemos a desagradável surpresa de ver os colonos meeiros plantarem cheiro verde no vaso sanitário e defecarem na sala de visita. Além disso a maioria deles começou a ficar esperto, achavam que estavam no paraíso e que nada lhes faltaria e aí começaram a não querer mais trabalhar. Viviam com espingardas nas costas caçando num dia para comer no outro. (GIANOTTI, apud FOLHA DA FLORESTA, 1989, p.03).

A preocupação na escolha do colono associada a necessidade de provar que as terras eram realmente férteis, e que aqui o colono poderia ter as condições básicas de sobrevivência, possibilitou a seleção dos pequenos proprietários do norte do Paraná. No entanto, como afirmou o Sr. Nino apesar do controle da empresa com relação ao colono proprietário, foram menos criteriosos com os colonos meeiros, que acabaram entrando no projeto mesmo sem ter as condições exigidas anteriormente. Houve um controle na entrada dos colonos e isso foi feito não somente em relação a escolha do alvo das propagandas, mas também pelas “normas de segurança impostas pela Indeco dentre as quais podemos citar a proibição da entrada dos garimpeiros nas terras da empresa e pelo controle da entrada e saída das pessoas.”

(GUIMARÃES NETO, 1986, p.97).

Esse controle era feito em função de que a entrada, ou saída das terras da empresa, se dava pela balsa que era usada para atravessar o rio Teles Pires e que tinha como horário de funcionamento das 06:00 horas às 18:00 horas. A partir desse horário ninguém entrava e ninguém saía das terras da Gleba Indeco. Outra forma de controle se dava pela exigência, no início da colonização, da identificação das pretensões das pessoas que visitavam o projeto. Assim só era permitido atravessar o rio as caravanas de compradores de terra, caminhões de mudanças de colonos proprietários e outros com autorização da empresa.

A preocupação com o controle da entrada e saída das pessoas do projeto era tanto que durante muitos anos, a população pagou o ônus desse controle com a falta de estrada, e só soube disso muito depois quando por ocasião de uma

das visitas que o ex-presidente João Figueiredo fez a Alta Floresta ele disse ao Sr. Ariosto: Você se acha um velho inteligente, mas pra mim você é um burro. E o Sr. Ariosto disse: Mas porque excelência? E o ex-presidente falou: Porque na pasta do Ministro tinha o documento que era só eu vistar e a concorrência se iniciaria para começar o asfalto de Cuiabá a Alta Floresta e você não me pediu, e eu não dei. [...] Era uma situação assim que a gente queria tanta coisa mas também é aquela história, quer dizer ele pensava do outro lado, aí o pessoal criticou ele, o falecido Sr. Ariosto, só que depois ele colocou que na época como havia muita invasão de coisarada, e se saísse a ponte do rio Teles Pires na época, não haveria mais controle nesta área aqui, eles perderiam o controle da área, começaria as invasões.[...] E isso ele não admitia de jeito nenhum,

nem que se pensasse uma coisa dessas, e daí a colocação dele né foi de que, se saísse o asfalto, sairia a ponte, e se saísse a ponte ele perderia o controle, porque até então era controlado pela balsa, quer dizer, malandro não entrava aqui, se entrasse e fizesse malandragem, não tinha como sair porque pra mata ele não ia se botar, e não tinha outra maneira porque o aeroporto e a balsa era controlado. (TEZA, Hitor. 06 fev. 1999).

Com esse cenário por vezes até aparentemente hostil, onde tudo obedecia os critérios da empresa colonizadora, a figura do colonizador era exatamente o contraponto de uma imagem que poderia ser identificada como autoritária. Muito pelo contrário, a personalidade de Ariosto da Riva, para os colonos que chegavam ao projeto com o objetivo de comprar terras era amável, prestativa, e porque não dizer até mesmo paternal. A atuação do colonizador, do ponto de vista da dominação carismática, é entendida aqui, como “*uma qualidade pessoal considerada extracotidiana.[...] e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto como um ‘líder’.*” (WEBER, 1991, p.159).

A liderança estabelecida pelo colonizador dentro do projeto, lhe conferia o poder de decisão sobre todos os aspectos da vida dos colonos. E deste modo, mesmo diante de fatos como a recusa da pavimentação da estrada, acabava encontrando uma justificativa que deixava todos perplexos com a sua capacidade de pensar em todas as possibilidades e riscos que poderiam envolver

uma decisão sua. Neste caso, o asfalto que poderia facilitar o acesso dos colonos, também facilitaria as invasões, que causariam sérios problemas para os seus objetivos em relação ao projeto. Para Ariosto da Riva a relação entre ele e os colonos ultrapassava a barreira da simples negociação de terras, pois para ele todos eram os “seus colonos”.

Conhecendo a maioria dos colonos pelo nome, costumava visitá-los para um cafezinho e para uma boa conversa. Só para ter uma idéia, no começo do projeto quando ainda havia menos colonos, Ariosto saía aos sábados e domingos pela roça visitando os colonos em seus lotes. Às vezes, fazia as refeições, passava o dia com eles. Numa dessas visitas aconteceu um fato do qual ele fazia questão de lembrar numa de suas entrevistas ao jornal da cidade:

Eu fui visitar um colono e fui recebido por sua mulher. Fui recebido com festa pelas crianças e pela esposa do colono. A criançada sabia que eu sempre levava balas ou doces, ou qualquer outro presente para eles. O homem, o colono entretanto não participava da festa, ficou num canto triste. Então eu interpelei ao colono sobre o que estava acontecendo, e então ele me explicou que a tristeza era causada pela vergonha de estar devendo para a colonizadora. Para que esse tipo de coisa não voltasse a acontecer passei a observar a contabilidade da empresa para ver quem estava devendo e depois ir visitá-los. E aí aconteceu uma coisa curiosa : muitos que estavam devendo vieram pagar as contas para que eu não deixasse de visitá-los. (RIVA apud FOLHA DE LONDRINA, 1986, p.06).

Na verdade ele acompanhava o desenvolvimento de cada colono dentro do projeto se preocupando com todos. Desde a propaganda, a negociação das terras, ou seja, desde o momento em que o colono chegava no projeto para

conhecê-lo. Ariosto promovia com seu carisma e diálogo uma relação de cumplicidade entre ele e o colono. Por isso o colono prezava a sua amizade como um prêmio que havia conquistado nesta terra.

Poder afirmar que recebia a visita do colonizador em casa era considerado pelo colono como uma dádiva. Assim o colono era capaz de qualquer sacrifício para não perder a amizade e nem a confiança do colonizador. Ariosto da Riva fazia questão de receber pessoalmente os colonos e de trabalhar com as portas da sua sala na Indeco abertas, a professora conta que

não tinha uma vez que a gente fosse lá falar com ele que ele não atendia, pra ele não atender a gente, deixar de atender só se fosse assim uma coisa onde não tivesse uma reunião de portas fechadas e que talvez fosse pouco o tempo e que ele não pudesse atender. No sentido de acompanhar o que estava acontecendo com a gente, querer ajudar, ele era muito prestativo, eu achava ele tão carinhoso.” (CRUZ, Maria Antonieta. 14 fev. 1999).

Esse jeito acessível de quem recebe todo mundo é destacado por todos os colonos e funcionários de Ariosto, que viam nele um homem que tocava o projeto com o coração. E acima de tudo usava como bandeira o lema do trabalho. Com isso sua capacidade de interpretar a realidade voltada para o futuro que ele quisesse era impressionante pois, para quem olhava para uma mata fechada e pensava que ali só podia existir uma selva, ele dizia que ali tinha uma cidade. Ou ainda, um grande pólo agrícola, uma possibilidade de vencer na vida, de reunir a família, de formar uma nova comunidade, e de ver todos

trabalhando em prol de um objetivo comum que beneficiasse não só uma região mas sim um país e até o mundo.

Essa era a visão que ele não cansava de repetir para os colonos do projeto. Assim a partir do projeto Indeco, Ariosto passou a defender e viver em função deste nome que se confundia com o seu próprio nome, até mesmo a família o definia como

um homem que não fica fechado aqui dentro do escritório longe das coisas, dos problemas dos colonos, ele fica lá junto de tudo. E como aqui tudo é feito dentro de um espírito familiar, e aliás foi assim que tudo começou: o velho reuniu irmãos e cunhados e apresentou as suas idéias e deu no que deu. Ariosto é um vendedor de idéias, e soma isso a visão de todo o processo. (FOLHA DE LONDRINA, 1983, p.11).

Com certeza toda a sua família se envolveu com o projeto de colonização, como a esposa, filhos, genros, noras, netos e até mesmo a sua sogra foi contagiada com a idéia de viver no norte de Mato Grosso. Mais conhecida como vovó Alice, ela aos 85 anos de idade, deixou Minas Gerais e veio viver em Alta floresta porque se entusiasmou com o lugar e disse “*eu estou aqui porque estou no meio de gente nova, com força e isso me enche de vida, da vontade de trabalhar de viver mais.*” (OLIVEIRA, apud FOLHA DE LONDRINA, 1983, p.6).

Essa característica de Ariosto, talvez a mais marcante, de conseguir convencer as pessoas, que as suas idéias eram realmente viáveis e que se

trabalhassem juntos poderiam ver os sonhos realizados, era muito contagiante, e dificilmente alguém deixava de segui-lo pois ele era um líder muito carismático.

A liderança era um traço da sua personalidade que, de acordo com aqueles que conviveram com ele, era uma coisa natural, pois se ele saísse pela rua logo havia um grupo acompanhando, e se ele parasse em algum lugar para conversar com alguém logo tinha um aglomerado de pessoas a sua volta *“e as pessoas que passavam por ali se perguntavam se havia acontecido alguma coisa, então quando chegavam perto para ver o que realmente acontecerá eles viam que era simplesmente o Sr. Ariosto conversando com alguém e as outras pessoas estavam ao redor de braços cruzados e ouvindo o que ele falava.”* (OLIVEIRA, Dalva Lelis. 09 fev. 1999).

A relação entre o colonizador e o colono sempre foi a mais amigável possível, pois não se tem nenhum registro de que alguém perdeu seu lote de terras por falta de pagamento, ou por atraso nas prestações. Toda a vez que ocorria problemas com o pagamento das terras, os colonos iam até a colonizadora e negociavam com Ariosto, ele fazia questão de receber e de encontrar juntamente com a pessoa uma forma de resolver o problema. Isso foi além do atraso nas prestações dos lotes, pois devido ao seu carisma e atenção, e também pela distância que separava o projeto da sede do Município, ele tornou-se o responsável direto para resolver qualquer questão que surgisse dentro das

terras da Gleba Indeco.

A Indeco funcionava também como uma prefeitura provisória, para resolver todas as questões de construção e manutenção da infra-estrutura, necessária a comunidade que estava se formando. Ariosto acreditava que cuidar do bem estar do colono era a sua missão e assim, como líder carismático que era, defendia a sua vocação, como algo independente da realização financeira.

Isso porque

o carisma puro despreza e condena o aproveitamento econômico dos dons abençoados como fonte de renda – o que no entanto, é mais um ideal do que uma realidade. Não é que o carisma renuncie à propriedade e a aquisição desta, como o fazem em certas circunstâncias, os profetas e seus discípulos. O herói de guerra e seu séquito procuram espólio, o dominador plebiscitário ou líder carismático de partido busca meios materiais para assegurar o seu poder; o primeiro, além disso, procura o esplendor material de sua dominação para firmar seu prestígio de senhor. (WEBER, 1991, p. 161).

Afirmando ser uma pessoa extremamente preocupada com a situação de vida dos colonos, e usando isso como forma de demonstrar que mesmo sendo um capitalista, era acima de tudo um cristão. Um homem que tinha o ímpeto e a coragem de vencer, mas que agia segundo os princípios morais da igreja. Desse modo, Ariosto embuído das qualidades de um líder carismático, conquistou os seus colonos para desenvolver o seu projeto. Isso se deu justamente em função da imagem de homem preocupado com os problemas do povo e que de certo modo, apresentava soluções para esses problemas como se

fosse mágica, pois ele empenhava a sua própria palavra sempre cumpria todos os seus compromissos.

A Indeco era responsável pelas estradas, educação, saúde, segurança, e outras funções atribuídas a administração municipal. No entanto é preciso lembrar que a empresa recebia recursos financeiros do Estado para realizar esses trabalhos. A escola por exemplo, sempre foi estadual, e mesmo com o empenho da Indeco em atender os colonos, sempre contava com o apoio do governo tanto estadual como federal.

Agora o vínculo maior estabelecido entre o Sr. Ariosto e os colonos foi sem dúvida a sua maneira de agir, que acabou dando-lhe o título de pai de todos. E como ele pregava a união das famílias e que Alta Floresta era uma grande família, a ele coube o título de pai de todas essas famílias. Assim a qualquer colono que você perguntar sobre ele você terá uma resposta, ainda hoje, muito emocionada e até com lágrimas pois para ela, Ariosto foi

um amigo, ele foi um pai, sabe assim aquele pai adotivo que acabou nos adotando. [...] quando nós chegamos aqui tudo era muito difícil, mas quando você lembrava que tinha um chefe que, um chefe tão poderoso como ele era, que a gente sabia que não estava sozinho, que você, que se acontecesse alguma coisa com o teu filho, ou com o teu marido, que sem dúvida nenhuma ele ia tomar providência, então essa amizade, essa segurança, que ele passou para a gente, essa amizade, essa bondade. Lógico que ele tinha o interesse dele porque todo mundo tem né, mas não era simplesmente interesse... (CRUZ, Maria Antonieta. 14 fev. 1999).

A emoção e lágrimas não são exclusividade dos depoimentos das mulheres, muito pelo contrário os homens entrevistados também demonstraram muita emoção e sobretudo o respeito pela pessoa do colonizador. Sem ressalvas, ninguém deixou de falar sobre o conhecimento dos interesses pessoais de Ariosto da Riva, e nem de suas atitudes, por vezes consideradas até autoritárias; mas ao mesmo tempo necessárias devido a situação vivida naquele momento. A figura do pai que protege e que se necessário punia aqueles que não estavam de acordo com os seus objetivos mostram que ele realmente para os colonos era considerado

uma lenda, é uma... Tem muitas pessoas que falam assim, que faz observações, todo ser depois que morre se torna santo né. Você pode ir no enterro de um carrasco, um não sei o que, lá você vai achar um que vai falar que o cara era bom, o cara era isso, o cara era aquilo. Agora pelo trajeto feito por ele, por aquilo que ele fez, por aquilo que ele se prestou, com a idade dele, de fazer o que ele fez aqui, eu acho que ninguém pode jamais... Se ele teve os problemas do passado, todo ser humano comete seus erros, seus deslizes. Mas eu acho que ele é uma lenda que vai continuar pra sempre, porque eu sempre falo (emocionado) Sr. Ariosto foi... (pausa) foi o pai de todo mundo aqui. (TEZA, Hitor. 06 fev. 1999).

Essa figura paterna não permite que se questione qualquer problema que o colonizador possa ter enfrentado durante o processo de colonização. E a representação que todos têm de Ariosto é a do homem honesto e protetor, conseguido pela documentação legal das terras e por ter sempre honrado a sua palavra, pois tudo o que ele prometeu acabou acontecendo. Como exemplo podemos citar a questão da documentação das terras pois, apesar de não possuir

nenhum lote à venda na zona rural de Alta Floresta, a Indeco ainda mantém o seu escritório em funcionamento para fazer escrituras que alguns proprietários não retiraram até hoje.

A admiração e respeito do colono pelo colonizador foi construída pela imagem do homem honesto, o homem de palavra, cumpridor dos compromissos que assumia com os colonos. Qualquer que fosse o problema que surgisse dentro do projeto e que fossem procurar a sua ajuda, imediatamente se obtinha resposta, desde as questões relativas a problemática das terras, que era de sua alçada, até mesmo problemas de ordem pessoal, ele sempre tinha uma solução.

Ele deu casa com chave e tudo para as pessoas tivessem uma vida tranqüila dentro da cidade, então também os colonos que adoeceram e tinham que sair para fora, ele fretava avião para que a pessoa pudesse ir se tratar porque era um compromisso dele também, no ano que eu cheguei aqui houve o caso de um professor que se acidentou aqui e veio a falecer, ele teve morte instantânea e esse professor era casado de novo. Ele fretou um avião para ir daqui pra Curitiba e depois para Santa Catarina levar o corpo desse professor, junto com a sua esposa, tudo né, ainda na época a Irmã Margarida Chagas que era coordenadora da escola e religiosa, ela foi junto no avião dando cobertura para a esposa da pessoa que faleceu. (SILVA, Francisco Luiz. 02 fev. 1999).

Esse interesse pelas vida do colono, pelas suas alegrias e pelas suas desventuras, bem como pela sua ascensão econômica, é uma preocupação voltada também para a necessidade de sustentar o projeto, ou seja, de fazer com que o sucesso do colono proporcionasse também o sucesso do projeto de colonização, assim como o de todos os envolvidos. No início do projeto quando

as pessoas visitavam o projeto em caravanas, para conhecer e depois comprar lotes de terra, esses visitantes, normalmente eles eram levados até as propriedades dos colonos que já moravam no projeto para conhecer as propriedades bem como, as plantações que eles haviam feito. Diante dos relatos dos moradores e do que o comprador estava vendo, se ele ainda

tivesse alguma dúvida quanto a seriedade do projeto, quanto aos objetivos, as metas; numa meia hora de conversa com o Sr. Ariosto, a gente já estava realmente integrado a esse sentimento, a esse amor a nossa região, a esse amor por Alta Floresta, então eu acho que ele foi muito bom para todos aqueles que puderam ter essa convivência com ele. E aprender com ele, com aquela virtude que ele sempre teve. Ele era articulador, pacificador, sabe, perseverança de luta para alcançar seus objetivos, suas metas, fé no trabalho, então tudo isso ele passava para as pessoas até sem falar, só a sua presença, ela já conseguia transmitir essa segurança. Como ele mesmo falava: Nós temos que corresponder com aquilo que o colono espera de nós. (ARAÚJO, Divino Corrêa. 13 de fev. 1999).

Usando uma fórmula simples que combinava o interesse da colonizadora e os interesses dos colonos, o projeto de colonização foi crescendo e se transformando num exemplo de colonização para toda a região, porém começou a surgir alguns problemas com os colonos meeiros, pois também eles queriam seu lote de terra e como não tinham condições de adquirir via colonizadora, começaram a se organizar com o objetivo de conquistar seu pedaço de terra. Neste momento o colonizador sentindo que teria problemas com invasões, resolveu mediar as negociações com o INCRA para que este fizesse um assentamento na região. Desta negociação foi criado o Projeto

Carlinda, coordenado pelo INCRA – MT e que utilizou a infra-estrutura de Alta Floresta para se instalar ao lado do, já então, município de Alta Floresta.

Na verdade a área de Carlinda foi uma área remanescente do projeto de colonização de Alta Floresta e que num entendimento o INCRA decidiu fazer um projeto de assentamento né, na época vinculado ao município de Alta Floresta. Então foi feito esse trabalho de assentamento onde muitos agricultores meeiros que não tinham terra aqui em Alta Floresta, então eles fizeram a inscrição e receberam as terras lá na Gleba de Carlinda. Essa ocupação foi feita por produtores daqui da região. (ARAÚJO, Divino Corrêa. 13 fev. 1999).

Para cada situação que surgia dentro do projeto, as ações do Sr. Ariosto reafirmavam a sua liderança e autoridade, pois sua presença junto à vida dos colonos era constante. Assim, essa relação entre colonos e colonizador, foi se tornando cada vez mais forte. O vínculo entre o colono e o projeto de colonização era mais do que dependência econômica. Na verdade chegava ao patamar de um laço afetivo, emocional onde colonos e colonizador acreditavam trabalhar com o coração.

O colonizador afirmou diversas vezes que possuía uma missão social e que ele sempre levou em consideração o lado humano, a ponto de não se preocupar com o retorno financeiro. Uma afirmação um tanto contraditória, pois apesar da vida simples que levava no projeto, fora dos seus limites, ele e toda a sua família freqüentavam os melhores lugares. Ele não poupou esforços para a educação dos filhos, e depois dos netos que foram estudar no exterior. Além disso as relações sociais que a família da Riva estabelecia fora do projeto se

projetava em direção aos grandes empresários e também dos mais elevados cargos políticos e militares do país.

A dedicação e empenho das pessoas envolvidas no projeto, contava com o respaldo de um processo de formação que passava pela responsabilidade individual de cada colono, funcionário e ou colaboradores, que sempre trabalhavam apaixonadamente pelo desenvolvimento de uma cidade, da qual todos a sentiam como se fosse filha, ou seja, devido aos poucos anos de existência da cidade, e da ação coletiva para a sua construção, não era possível sentir-se como filhos dessa terra e então a adotaram como filha. Assim os colonos mudaram os papéis, e todos passaram a ver a cidade como uma criação sua. Isso determinava um sentimento paternal em relação a cidade que se tornou filha. O próprio colonizador se autodenominava pai de Alta Floresta e a Indeco, enquanto empresa, era a mãe. Por isso muitos anúncios eram marcados por esta relação, em que

a mamãe Indeco saúda o 7º aniversário da filhinha Alta Floresta e aproveita para anunciar o breve nascimento da caçula Apiacás.[...] quando você quiser comprar sua terra de uma colonizadora que trata você de mãe para filho, procure a Indeco. Pois com o mesmo carinho que ela cuida dos seus projetos, ela trata dos seus clientes. Pra toda a vida.[...] a Indeco pra vender as suas terras, primeiro ela cria as condições de sobrevivência para cada colono, comerciante, industrial, e muito especialmente, para cada criança que vai nascer naquela região.(REVISTA ALTA FLORESTA ANO 7, 1983, p. 07).

Essa relação que se pautava em laços familiares entre os colonos, colonizador e o projeto forjou uma comunidade com base nos princípios

familiares. E os colonos aprenderam, mesmo que a duras penas, a sentir por Alta Floresta um sentimento que chegava às raias de uma idolatria, ninguém ousava questionar atos de violência ou exploração de trabalho, pois todas essas atitudes foram, de acordo com os próprios colonos, necessários para que Alta Floresta existisse.

No desejo de que os fatos sejam varridos das suas memórias, os colonos apelam para os fatos mais agradáveis para recordar daqueles tempos quando a lei foi realmente a do mais forte. E o garimpeiro acabou sendo incorporado a essa família como se fosse um filho bastardo, mas que acabou usufruindo da mesma estrutura criada para o colono. Vivendo cada segundo da colonização e acompanhando tudo o que lá acontecia, Ariosto da Riva materializou suas expectativas ao ver que com o progresso, Alta Floresta se constituiu numa cidade. Ele acompanhava cada negociação de terras, cada caminhão de mudança que trazia um novo colono, enfim cada pessoa que visitava o projeto com a intenção ou não, de comprar um lote de terra.

Os colonos não paravam de chegar e a movimentação no projeto era muito grande, contudo o colonizador sempre encontrava uma forma de acompanhar essa chegada, seja visitando o colono ou mesmo dando-lhe as boas vindas, que era feita pelos seus colaboradores e funcionários. Isso ocorria na escola, na igreja, no comércio, bancos, nas associações das comunidades, na

vizinhança. Enfim em todos os lugares, e por todas as pessoas, eram desejado ao visitante, assim como, ao novo morador do projeto as boas vindas.

Quando tudo parecia estar caminhando para a realização do sonho de Ariosto da Riva, torna-se público um segredo do colonizador que ele já temia que pudesse vir à tona, que nada mais era a confirmação de que nas terras da colonizadora havia ouro. Essa notícia correu e logo trouxe consigo um sem número de garimpeiros que adentraram o projeto e então os colonos começaram a viver uma situação muito difícil, mas puderam contar sempre com o apoio do colonizador, que não mediu esforços para dar continuidade ao seu objetivo de tornar Alta Floresta um novo pólo agrícola.

3. O colonizador e os garimpeiros

Ariosto da Riva também foi um garimpeiro, e como tal ele conheceu muito bem a realidade do garimpo e das possibilidades do enriquecimento fácil, das doenças, da vida sem normas e regras, enfim de uma realidade completamente diferente daquela que ele planejara e trabalhava para Alta Floresta. Isso fez com que ele tentasse impedir de todas as formas, o garimpo, antes que ele destruísse o seu projeto de colonização.

Para Ariosto o que importava era o bem estar do colono, era o fortalecimento dos laços familiares, era uma comunidade onde existisse ordem, sem violência e abusos, e que fosse realmente um lugar onde o colono e suas famílias se sentissem seguras e voltadas para o crescimento da produção

agrícola, o que seria segundo ele, um bem realmente durável, e que permitiria a fixação definitiva do homem na sua propriedade.

É certo que ele nunca mediu esforços para manter o colono na terra, mesmo que para isso, às vezes, fosse necessário o uso de atitudes até agressivas. Porém nunca com os colonos, mas sempre em defesa desses e das suas terras. É obvio que todo esse empenho também estava voltado para a proteção da sua própria atividade comercial, pois como empresa colonizadora, o que sustentava economicamente o seu empreendimento era a venda das terras. E como os garimpeiros não compravam terras, ao contrário invadiam, eles eram uma ameaça aos objetivos do colonizador.

Mesmo com todas as medidas de segurança para evitar que fosse divulgado a existência do ouro na região de Alta Floresta, no ano de 79, o fato tornou-se público. E Alta Floresta, com apenas três anos de existência, foi descoberta por garimpeiros de todas as regiões que invadiram o projeto.

Então estourou o garimpo que veio o paraense, os maranhenses e invadiram a região deu desespero nas famílias, você via famílias aqui do dia para a noite fechando as suas casas, carregando mudança no caminhão e indo embora. [...] também por falta de experiência, porque ninguém tinha experiência de lutar com esse tipo de gente. Nós inclusive, da empresa, na época que estourou o garimpo a gente tava construindo a loja de Paranaíta, e a obra ficou quinze dias parados com a construção da loja disposto a não tocar mais a obra. (TEZA, Hitor. 06 fev. 1999).

Foi justamente isso que mais temia o Sr. Ariosto, o abandono das terras pelos colonos, que sem dúvida seria o primeiro passo para o fracasso do

projeto, pois o garimpeiro não tem família, ele vive sozinho, é um nômade, por isso não adquire propriedades de terra. Na verdade ele é o explorador que chega em qualquer lugar e ao descobrir que ali tem ouro, permanece no local até que o metal se esgote, depois ele pega as suas poucas coisas e vai embora para outro lugar. Sendo assim, não existia a possibilidade de uma firma que havia sido projetada para trabalhar com agricultores, compatibilizasse os seus objetivos com a presença dos garimpeiros. Assim o único meio era expulsá-los da área para que eles não assustassem as famílias e fizesse com que elas abandonassem tudo para ir embora.

O garimpeiro normalmente vem atrás de uma **fofoca** (notícia sobre a descoberta de ouro, de um novo garimpo), quer dizer ele vem porque alguém disse que naquele local existe ouro, desse modo como no início do projeto lá ainda não existia garimpos, quem descobriu o ouro foi um dos funcionários da Indeco, mais conhecido na região como o **Cearazinho Mata e Queima**. Ele recebeu esse nome devido a uma vingança que praticou contra um taxista que havia atropelado seu filho, que veio a falecer logo em seguida. Sobre esse episódio, a lembrança marcada por um tempo, em que a lei do garimpo começa a tomar forma e fazer parte do projeto de colonização, o cidadão Altaflorestense descreve que

uma certa pessoa que hoje também já é morta, foi assassinada, mas que numa época matou uma pessoa, amarrou e envolveu essa pessoa

com sacos de estopa e pôs gasolina e ateou fogo. Matou essa pessoa praticamente viva com fogo e em Alta Floresta.[...] eu não sei se você tem conhecimento deste fato ou não, mas teus pais devem saber dessa passagem. Para a gente que vem de uma formação católica, não tão praticante, como dizem, mas com laços muito fortes, é uma coisa que deixa a gente bastante desapontado com a questão humana. (TEZA, Hitor. 06 fev. 1999).

Esse homem descobriu que nas terras do projeto havia ouro, e pela proximidade com o sul do Estado do Pará, ele supôs que deveria haver ali mais uma Serra Pelada. O ouro encontrado ali era de aluvião por isso mais fácil de ser retirado, e com isso o segredo não durou muito apesar de Ariosto da Riva ter tentado esconder o fato. E assim a população de Alta Floresta,

da noite para o dia ela triplicou, chegou muitos homens, muitos homens mesmo. E ao descobrirem o garimpo, com essa população só a título de curiosidade, por exemplo essas casas que estavam sendo construídas eram que nem formigueiro.[...] e aí com essa descoberta do garimpo e essa invasão dos garimpeiros, os hotéis da cidade não tinham lugar para uma pulga se quisesse, pois estava lotado, e o que os garimpeiros faziam nessa época? Eles traziam uma rede, porque a rede é típica do garimpeiro e a rede você enrola e põe ela em qualquer lugar. Durante o dia os garimpeiros ficavam espalhados andando, quando chegava o final da tarde eles iam nas casas em construção e amarravam as suas redes ali como se fosse, o hotel de muitos que não tinham onde ficar.(CRUZ, Maria Antonieta. 14 fev. 1999).

Com a descoberta do ouro ocorreram duas situações com os colonos, ou eles abandonavam suas propriedades com medo dos garimpeiros, ou então eles abandonavam as suas propriedades e iam para o garimpo com a ilusão do enriquecimento fácil. Tanto uma quanto a outra opção não agradava o Sr. Ariosto e isto fez com que ele tomasse providências imediatas, porém estas não

foram eficientes, e a cada vez que eram expulsos, os garimpeiros voltavam em número maior e dispostos a tudo para procurar o ouro.

As providências de expulsá-los acabaram fracassando pela insistência dos garimpeiros e também pela sua organização, que encontraram em alguns comerciantes da cidade apoio para desenvolver suas atividades. Os comerciantes viram no garimpo a possibilidade de um crescimento sem igual, e assim deram o apoio que eles precisavam para a sua organização e preparação para defenderem o seu direito a garimpar nas terras do projeto.

Depois de uma reunião, que ocorreu na frente do estabelecimento comercial de propriedade do Sr. Osvaldo Paiva, foi formada uma comissão para defender os direitos de exploração do ouro pelos garimpeiros. Essa comissão contratou um advogado e este levou o caso até o ministro das Minas e Energias, que comprovando a existência do metal precioso autorizou o garimpo e em acordo com Ariosto da Riva, propôs que o garimpo fosse realizado em áreas ainda não ocupadas ou então com o consentimento do proprietário da terra.

Essa persistência dos garimpeiros, que se preciso atravessavam o Rio Teles Pires a nado ou então caminhavam longas distâncias pelo mato, até chegar ao local onde estavam garimpando, era realmente uma coisa assustadora pois, estavam disposto a enfrentar qualquer situação, até mesmo colocar a vida em risco para chegar até o seu objetivo que era o tão sonhado ouro. A partir desse momento, intensificou-se o contato entre garimpeiros e colonos e assim o que se

ouvia falar no projeto era que, o colono deveria manter-se distante do garimpeiro pois este tinha um estilo de vida completamente diferente e portanto valores, costumes e tradições que se colocavam em oposição a tudo o que o colono conhecia.

As afirmações sobre os garimpeiros provenientes dos colonos, sempre vão ter a marca das primeiras impressões que foram formadas em meio ao conflito pela posse da terra. No entanto, é preciso levar em conta que a realidade do garimpo e a violência cotidiana deste espaço é que vão dar as características peculiares desse povo. E que se a colonizadora fez uso desses fatos para provocar os conflitos entre garimpeiros e colonos, é porque encontrou no estilo de vida dos garimpeiros elementos que poderiam demonstrar que a vida no garimpo é mesmo subumana.

O garimpeiro é uma pessoa que possui valores próprios, regras sociais que valem para a sua vida toda, mas que são criadas dentro do garimpo. Por exemplo uma das regras é a seguinte: **quem foi garimpeiro um dia, jamais deixará de ser porque quem sente a febre do ouro nunca mais esquece.** Esses ditos populares são palavras de ordem no garimpo e assim todos agem de acordo com eles.

Nesse contexto a morte deixa de ser algo perigoso e triste, para assumir um caráter fútil, mas ao mesmo tempo necessário, e decidir quem será o próximo a morrer é uma questão de tempo, pois segundo os garimpeiros, **em**

terra que não corre sangue também não se encontra ouro. E para demonstrar a dura lei do garimpo, existem uma infinidade de histórias que podem representar as relações que são estabelecidas entre eles. Seleccionamos uma entre tantas histórias dos garimpeiros, relata como que os garimpeiros agem diante de um caso de roubo e ou assassinato:

a gente trocou poucas palavras, pois a sentença já estava dada. Na cabeceira da pista de aviação, o sol se pondo às esquadras eu e meus companheiros, uns cinquenta pra mais, mandamos o endemoniado correr. E foi até engraçado ver ele sair meio devagar, tropeçando nas próprias pernas, tomando velocidade numa corrida louca, desesperada mesmo em direção ao que ele achava que seria a sua salvação. Eu atirei primeiro, depois, segundinhos depois, foram tantos tiros que nem dava pra saber que estava atirando ou não. Ali no garimpo a lei da gente manda que quando é justificado um assassino como aquele, nenhuma bala deve ficar no pente e assim nós fizemos. Foi um custo enterrar aquele verme, que mal dava pra reconhecer como gente.(REVISTA ALTA FLORESTA ANO 7, 1983, p.79).

Fatos como esse demonstram que o senso de justiça do garimpo segue uma lei antiga e conhecida da bíblia que é **olho por olho, dente por dente**, porém existe no meio de toda essa violência um código de amizade que vai além da imaginação de qualquer um e sobre isto um garimpeiro relatou que

ali estavam Maranhão, Rezado e Toínho no meio da mata, munidos apenas com sal, farinha grossa e bastante munição, pois sua alimentação seria por muitos dias os animais da floresta. deram de frente com uma formação rochosa, íngreme difícil de atravessar. Maranhão pulou uma fenda profunda e larga; em seguida Toínho e logo depois foi a vez de Rezado. Talvez acreditando no seu apelido, Rezado não tomou impulso suficiente e, ao cair do outro lado da fenda, sua perna direita bateu bem no corte da rocha. A perna

quebrada quase no calcanhar, com uma amarração provisória e distante demais para pedir socorro, não demorou nada para gangrenar. A decisão de cortar logo abaixo do joelho foi tomada por unanimidade e coube a Toíinho a ingrata tarefa de usar o indefectível facão que todo garimpeiro que se preza traz na “boroca” (apetrecho característico do garimpeiro, mochila). Novo curativo improvisado, mais dois ou três dias andando muito devagar, ora se apoiando nos braços dos amigos, ora com um galho fazendo às vezes de muleta e lá vem nova gangrena. Nem precisaram discutir que iam usar o facão, rápido, certo, afiadíssimo, um palmo acima do joelho. A selva se adensava, a comida rareava, o tempo corria e a febre aumentava. Maranhão nunca mais vai esquecer. Lágrimas correndo pelo rosto rústico, o cano do 38 distante alguns centímetros da testa de Rezado. Toíinho chorando de costas pra cena, o último tiro daquele revólver jogado fora logo a seguir. É a dura lei da selva. (REVISTA ALTA FLORESTA ANO 7, 1983, p. 77).

Estas histórias que mais parecem fantasias do que realidade, são fatos verídicos que fazem parte do dia a dia da corrida do ouro e que compõem um panorama contraditório e até mesmo paradoxal. Daí os questionamentos em torno das marcas que uma situação dessas poderia deixar numa sociedade em formação como era o caso do projeto de Alta Floresta.

De acordo com a concepção do colonizador, era impossível ver a viabilidade de um projeto baseado na vida de um povo que não tinha nenhuma perspectiva de um futuro dos descendentes. Uma população formada basicamente por homens que pensavam apenas no futuro imediato deles mesmos e que almejavam no máximo, dinheiro o bastante, para alguns momentos de prazer numa boate ou para comprar algumas coisas supérfluas. O garimpeiro deixa de investir em moradia, alimentação, vestuário e outras

necessidades básicas, para gastar com aparelhos de som, jóias, perfumes baratos, bebidas e outros produtos que no garimpo normalmente custam muito dinheiro.

Na verdade o garimpeiro pela condição de isolamento e de dias ininterruptos de trabalho acaba por trocar alguns meses dessa vida por algumas horas de prazer nas quais ele podia se sentir capaz de comprar tudo aquilo que ele desejasse. Em busca da companhia de uma mulher e do poder de comprar aquilo que ele quisesse, o garimpeiro acabava levando esta definição: *“Garimpeiro é mesmo assim, com dinheiro é rei, mais democrático, sensato, ingênuo e desregrado. Principalmente nas bebedeiras que varam semanas e terminam numa insípida, mas sempre esperançosas volta aos garimpos, ou no falso amor, literalmente comprados a peso de ouro.”* (REVISTA ALTA FLORESTA ANO7, 1983, p.81).

É claro que esta não é a realidade de todos aqueles que estão no garimpo, pois muitos deles sonham com a possibilidade de encontrar ouro o suficiente para voltar para a casa dos seus pais, ou mesmo para a sua própria casa, onde deixou esposa e filhos. Porém ao deparar-se com a dura realidade, de que no garimpo a relação do garimpeiro com os compradores de ouro, ou mesmo com os comerciantes locais, coloca-o numa situação de dependência extrema, onde o ouro obtido com o trabalho árduo, dura poucas horas na mão

daquele que o retirou da terra.

Essa vida isolada, sem contato com o mundo, faz com que o garimpeiro venda seu ouro pelo preço que lhe pagam e depois, como a soma de dinheiro normalmente é considerável, acaba por achar que tem muito e gasta tudo em algumas horas. O resultado é que muitas vezes acabam sem dinheiro nenhum, e sempre na esperança de um dia **tirar a sorte grande**, permanecem no garimpo trabalhando e sonhando em deixar de ser garimpeiro.

Os garimpeiros normalmente vivem em função dos próprios garimpos, pois aquilo que ele ganha costuma ficar tudo lá mesmo, seja nas boates ou em uma farmácia, ele acaba entregando todo o seu trabalho pelo muito pouco que esses lugares podem oferecer.

Uma norma para o garimpeiro é nunca pedir troco ou então reclamar do preço e assim *“quando a gente ‘banburra’(ganha muito dinheiro) e chega na cidade não quer saber do preço. Se a gente oferece Cr\$ 300 mil num objeto, o dono pede Cr\$ 500 mil. A gente paga na hora os Cr\$ 500. Ele entrega meio com dó. Mas entrega.”* (REVISTA ALTA FLORESTA ANO7, 1983, p. 75). Assim usando da ingenuidade do garimpeiro que na ânsia de sorver um pouco de felicidade momentânea, mesmo falsa, o garimpeiro interpreta inversamente as relações de comércio. Nessa relação com certeza o comerciante sempre leva vantagem sobre a ingenuidade do garimpeiro que acha ter feito um bom negócio

e na verdade pagou um absurdo pelo produto.

Em Alta Floresta, um dos primeiros garimpos a ser reconhecido como tal, foi o garimpo do Planeta “*o ouro aqui foi descoberto no Planeta, de lá que surgiu a exploração do ouro na região, e os garimpeiros iam a pé daqui no Planeta para, iam e voltavam pra ver esse ouro lá, iam pelo mato porque não tinha estradas, tinha até Paranaíta, dali iam a pé duzentos e poucos quilômetros por dentro do mato.*” (OLIVEIRA, Valdir Telles. 06 fev. 1999). Acostumados com as dificuldades de acesso aos locais de garimpo, os garimpeiros não se intimidavam com as distância e nem com os perigos da selva. E mesmo que parecesse absurdo, eles iam em busca do ouro sem importar-se com distâncias e ou problemas de quaisquer ordem.

A invasão dos garimpeiros era inevitável e a preocupação de Ariosto da Riva diante dos problemas que enfrentaria com o garimpo, fez que ele procurasse alertar os colonos dos perigos da invasão dos garimpeiros. Ele usou da sua própria experiência vivida anteriormente nos garimpos, para alertar os moradores do projeto. O colonizador chegava a afirmar categoricamente que os garimpeiros seriam uma ameaça a integridade física e moral das famílias dos colonos. Assim Ariosto preparou os colonos para enfrentarem uma luta na qual todos deveriam se empenhar, pois do contrário os garimpeiros iriam invadir as propriedades e possivelmente desestruturar as suas famílias.

Essa situação ocorre porque o proprietário possui a escritura do solo e desse modo, como o subsolo ainda não tinha documentação, os garimpeiros se achavam no direito de invadir e tomar qualquer área onde se tenha descoberto ouro. Assim para se invadir uma área bastava que alguém dizer que ali havia ouro e da noite para o dia eles chegavam e iam armando seus barracos de lona, e abrindo buracos no chão que ia de 2 metros a 8 a 10 metros de profundidade para retirar o ouro.

Esse procedimento destrói completamente a natureza, pois ela precisa ser removida e fica cheia de buracos e pedras por todos os lados, além disso todo ouro normalmente era encontrado as margens de um pequeno rio, e esse muitas vezes era desviado do seu leito causando sérios danos. A areia invadia todos os espaços enfim a área tornava-se totalmente inutilizada. Isso para a agricultura era uma situação inviável, e dessa forma contra todos os objetivos da empresa que pretendia formar ali um novo pólo agrícola. Alertando os colonos do eminente perigo que os cercava Ariosto da Riva chamou os colonos para defender o seu território, e foi assim que

o Sr. Ariosto convocou todos os colonos para comparecer na cidade e para lutar contra os garimpeiros que iam invadir. E eu me lembro que a gente era criança e gostava de uma aventura. O Sr. Ariosto pediu para o meu pai que era o líder da comunidade para o meu pai chefiar vários colonos, uma equipe de colonos para vir brigar, conforme ele disse pra gente, era para vir preparado para bater se fosse necessário, então eu me lembro que meu pai reuniu o pessoal e combinou que as 04:00 horas da manhã o caminhão ia estar lá e era para lotar esse caminhão, um ou dois caminhões lotados e era para

vir. Então se reunimos todos os colonos e vieram algumas mulheres e algumas crianças também. E eu como sempre adorava uma aventura, estava no meio também, então inicialmente foi feita uma reunião no antigo secador onde ficou decidido que a gente brigaria de qualquer maneira. E por outro lado os garimpeiros também se reuniram dizendo que iam invadir mesmo. E nós os colonos dizendo que eles não iam e eu sei que o Sr. Ariosto pediu que era para a gente brigar para valer, se fosse preciso brigasse pra valer. Quando a gente veio de lá com os ânimos exaltados, nós não queríamos que eles invadissem e eles querendo invadir, aí o pau quebrou ali na avenida Ariosto da Riva em frente ao antigo Bamerindus, aí ali foi fogo, garrafada, paulada tudo o que você pensar. (OLIVEIRA, Dalva Lelis. 09 fev. 1999).

Esse conflito legitimou a necessidade de intervenção do Estado, e Ariosto da Riva não esperou mais nada, convocou o Exército e a polícia Militar para expulsar os garimpeiros de Alta Floresta, tendo em vista que mediante a situação os conflitos entre garimpeiros e colonos tinham tornado violentos. Além da ação do Exército e da polícia Militar que agiu diversas vezes na região, houve um procedimento da própria população Altaflorestense, que retirou todos os garimpeiros do projeto de uma forma cruel e violenta. Segundo as pessoas que vivenciaram esse período, esse é um dos momentos que deveriam ser apagados da história de Alta Floresta, pois

por força das circunstâncias acabaram, porque sempre existe abuso de poder nas situações, com a invasão dos garimpeiros na região aqui, eles chegavam de caminhões de garimpeiros, eles invadiam as cidades, penduravam as suas redes, onde tivesse um lugar. Se tivesse uma varanda na sua casa com dois lugares para amarrar a rede, eles não pediam licença não. Ele amarrava a rede e dormia ali. Criou-se uma quantidade de elementos metidos a valente e outros levados pelos outros, armados até os dentes resolveram expulsar esse povo na

marra da cidade. O que eles faziam? Todo mundo muito bem armado iam a todos os lugares onde tinha essas pessoas que tinham alugado casas, e juntavam as coisas que essas pessoas tinham e jogavam em cima dos caminhões vasculantes em cima da carroceria, jogavam as pessoas pra cima, da maneira mais absurda que tinha até carregar o caminhão e daí duas pessoas armada iam junto até pra lá da balsa, passavam e descarregavam pra lá da balsa como se fossem descarregar um monte de lixo, quer dizer as pessoas tinham que pular pra não serem descarregadas pela tampa, porque tinha aquelas coisaradas que desciam pela tampa e caia no chão feito lixo.(TEZA, Hitor. 06 fev.1999).

Esse foi o método que encontraram para expulsar os garimpeiros da região. Um processo que aconteceu durante todo o período de garimpo pois, cada vez que os garimpeiros invadiam uma nova área, acabavam gerando novos conflitos com os colonos. Então Ariosto tinha mais uma vez a justificativa ideal para solicitar a intervenção da polícia militar ou do exército para legitimar uma ação que ficou sendo conhecido como Taca¹⁵.

O garimpo é uma região de conflitos por terra, mulheres, ouro e poder. E a vida humana nesses lugares vale muito pouco, por isso um povoado, cidade ou um município que se construa sobre esses princípios tem um futuro muito incerto, ou melhor, muito certo que é o de acabar. Quando o ouro termina o garimpeiro que não possui nenhum vínculo com o lugar onde trabalha normalmente parte em direção de uma outra fofoca.

¹⁵ Taca era o nome dado a operação realizada pelo exército ou polícia militar no intuito de expulsar os garimpeiros de uma determinada região. Como os garimpeiros normalmente resistiam eram usados métodos violentos como espancamentos e até morte de alguns, bem como a destruição de seus barracos e instrumentos de trabalho.

Com base nestas afirmações divulgadas pela colonizadora, todos moradores do projeto de Alta Floresta pensavam que o garimpo iria destruir o projeto, e então num primeiro momento, todos eram contra os garimpeiros. Mas depois foram vendo que o ouro estava trazendo progresso e desenvolvimento para a cidade, principalmente para os comerciantes e acabaram chegando ao consenso. Podemos observar na fala do comerciante a justificativa para essa atitude, afinal para ele ,, *“se em todas as partes do Brasil onde tinha garimpo como Minas Gerais que convive praticamente a dois séculos com essa questão e conseguiu sobreviver, quer dizer, deve existir um meio de conviver com esse tipo de coisa, aí a gente foi deixando o tempo passar e ficou bom.”*(TEZA, Hitor. Alta Floresta, 06 fev.1999).

Se para o comércio não foi tão difícil se adaptar aos garimpeiros porque eles eram excelentes clientes, para o colono essa instabilidade assustava porque eles temiam por suas propriedades e também pelas famílias. A cidade que antes era considerada como um lugar tranquilo, onde os filhos poderiam crescer livremente, sem nenhum tipo de agressão ou violência, agora se tornava uma preocupação.

Até mesmo as tarefas mais simples como a ida das crianças à escola, passava a ser motivo de preocupação para os colonos. Isso porque no início do projeto ninguém se preocupava com a questão de segurança, era tanto que

devido ao calor, era possível dormir até de janelas abertas, podia deixar o carro aberto com documentos e até chave na ignição que ninguém chegava perto.

Alta Floresta era realmente um lugar onde se o colono saísse de casa e deixasse as portas abertas para ir a uma farmácia, ao mercado, ou então fazer uma visita a algum vizinho e ficasse lá por algumas horas, quando voltasse o máximo que ia encontrar lá era um gato ou cachorro perdido que se abrigará no quintal vazio. Porém com a chegada dos garimpeiros, aquilo que o Sr. Ariosto alertara a população, começou a acontecer e os colonos ficavam apavorados

porque brincadeira, nós viemos de uma criação, de uma educação, de uma cidade, numa região do Brasil onde você só vê uma arma de fogo na mão de um policial. Pra você ouvir um tiro era uma coisa muito difícil. Aqui o cara pegava dez cervejinhas, formava uma pilha e atravessava do outro lado da rua e fazia tiro ao alvo (pausa) para derrubar as latinhas do outro lado da rua com gente passando por ali. A lei era do mais forte, do mais valente, então quer dizer, era um desespero. (TEZA, Hitor. 06 fev. 1999).

A insegurança aumentava a medida que os garimpeiros começaram a se envolver com as filhas dos colonos e levá-las para morar junto com eles nos seus barracos de garimpo. Um dos fatores do garimpo é a prostituição em larga escala, que se instala juntamente com os garimpeiros, e logo são formadas as boates, ou como são mais conhecidas, as **currutelas** onde mulheres providas, no caso de Alta Floresta, principalmente de Goiânia se estabeleceram próximas dos garimpos e das cidades.

Além disso na cidade de Alta Floresta foi formado “*o maior bordel da Amazônia – a boate Saramandaia, que recebia garimpeiros de toda a região em busca de alguns momentos de prazer ao lado de dezenas de mulheres da vida que procuravam consolar os garimpeiros dos meses a fio de isolamento e de condições subumanas de sobrevivência.*” (REVISTA ALTA FLORESTA ANO 7, 1983, p. 78). Esta boate foi considerada uma referência para os garimpeiros, e muitos deles pagavam para ter exclusividade, isto é, mandavam fechar as portas por uma noite e ficavam lá sozinhos, ou então com um grupo de amigos, acompanhados, nada mais nada menos do que cerca de 300 mulheres que trabalhavam nesta casa.

A prostituição é um dos pontos básicos da exploração do garimpeiro que normalmente gasta todo o seu dinheiro com mulheres, esquecendo na maioria das vezes de si mesmo, ele não compra nada para si, nem mesmo roupas, calçados.

O único luxo são as jóias feitas de ouro ali mesmo no garimpo, ou então nas cidades mais próximas e que junto com o ouro, acabam se tornando pagamento dos gastos além da conta feito nessas boates. No garimpo o ouro é a moeda corrente, pois o preço da maioria dos produtos é estipulado em gramas de ouro, assim as mulheres das boates cobram seus programas em ouro também.

E todo ouro, ou seja, todo o dinheiro ganho pelo garimpeiro, acaba

sendo gasto ali mesmo, que pagando preços exorbitantes por produtos, ou então por alguns momentos de prazer, acaba não guardando nenhum centavo, nem mesmo para os momentos de dificuldades como no caso de uma doença.

A malária é uma das doenças mais comuns no garimpo, porém existe uma proliferação muito grande de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) que a maioria dos garimpeiros e prostitutas possuem. E como depois das comemorações nas boates, que normalmente acontecem depois de um longo período de trabalho ele fica sem nenhum centavo e daí acontecem casos como

no outro dia, em que a malária bruta o atacara, de madrugada no bar da rodoviária. Tremeu desesperadamente até o amanhecer do dia. Aí foi achar um “sócio” (denominação dada a todos que o garimpeiro não conhece pelo nome) que o levasse ao posto da Sucam e dali a um hospital. Por um tempo, o sonho do ouro fácil só nas letárgicas lembranças, enquanto conta os pingos de soro que já está tão acostumado, tantas foram às vezes que contraíra a danada da febre. (REVISTA ALTA FLORESTA ANO 7, 1983, p.82).

Sujeito a toda espécie de problemas, e sem nunca ter dinheiro guardado, o garimpeiro sempre conta com a sorte e a solidariedade dos outros, pois segundo eles, ninguém sabe o dia de amanhã, e se você ajuda alguém, esta pessoa se torna seu amigo para sempre. E num lugar onde a força é que determina as leis, então é melhor ter mais amigos, do que inimigos. E é cuidando da própria sobrevivência que um ajuda o outro a sobreviver.

O acesso a um garimpo, devido a distância e a não existência de

estradas, sempre era feito por aviões de pequeno porte. Pois na corrida do ouro ganha quem chegar primeiro e a velocidade torna-se condição básica de sobrevivência.

Quando se descobria ouro num determinado local, os próprios garimpeiros construía uma pista de pouso. Em torno deste local se formava uma pequena vila que recebia o nome de **Pista**¹⁶. Depois era acrescentado o nome do seu descobridor, por exemplo: Pista do Cabeça, Pista do padeiro e tantas outras descobertas ao longo dos anos.

Mas como no início da colonização ainda não existia essa estrutura de apoio, os garimpeiros circulavam pela cidade. Ou então iam até as comunidades para pesquisar as terras dos colonos para ver se encontravam ouro. Ao se misturar com os colonos, começaram os problemas criados a partir da diferenciação de culturas e principalmente de princípios e normas sociais.

O garimpeiro começou a tratar as filhas dos colonos, como se essas fossem as mulheres das currutelas, as quais eles estavam habituados e então muitos dos colonos viram acontecer com suas famílias exatamente o que os prevenira o colonizador, de que o garimpo no futuro seria

¹⁶ PISTAS - nome ao local onde se formava o centro comercial e acesso aos garimpos. E esse nome era dado justamente em função de ser ali uma pista de pouso para aviões. E ao redor destas "pistas", que levavam o nome do garimpeiro que descobrisse o ouro, eram instaladas casas de comércio como lanchonetes, mercearias, farmácia, lojas de peças e motores para o garimpo e também as boates.

responsável por muitas famílias desfeitas aqui, por termos muitas crianças revoltadas. Resultado: muita gente construiu famílias nesta época baseadas em nada, sem base nenhuma, ia morar junto, ia e tinha filhos. Então a maioria das crianças hoje sem pai e nem mãe, porque o pai geralmente voltava para o Maranhão e a mãe quando não era assassinada no garimpo, vinha para a cidade, mas voltar para o sítio não queria, como não tinha profissão e nem estudo ia trabalhar de doméstica e não dava conta de cuidar dos filhos, então os entregava para adoção e desaparecia para outros garimpos. (OLIVEIRA, Dalva Lelis. 09 fev. 1999).

Procurar os responsáveis pelas crianças é impossível porque no garimpo ninguém tem nome, todos são conhecidos por cognomes que mudam de acordo com a necessidade, ou seja, quando um garimpeiro ou uma prostituta de garimpo não querem ser encontrados, a cada mudança de local de garimpo, eles mudam o cognome. A maioria dos homens se denominam de acordo com o Estado de origem, por exemplo, Maranhão, Maranhãozinho, Cearazinho, e outros. Então existe uma infinidade de pessoas com o mesmo cognome.

Mas por outro lado não podemos deixar de falar sobre os benefícios que o garimpo proporcionou para a cidade e principalmente pela troca de culturas que foi ocorreu com a mistura dos colonos do sul com os garimpeiros do norte. O comércio foi amplamente beneficiado pelo garimpo, pois devido ao volume de negócios que começaram a serem feitos na cidade, ampliou-se as possibilidades de venda dos seus produtos e também dos ganhos financeiros com os altos preços cobrados pelas mercadorias.

A cidade se expandiu rapidamente e o preço dos lotes urbanos

atingiram um média assustadora, pois com a chegada dos garimpeiros e sua permanência mesmo que temporária, eles acabaram construindo casas e alguns até formando, mesmo que provisoriamente, algumas famílias. Assim a Indeco teve os lotes urbanos valorizados e quase não conseguiam atender a demanda, pois a cada loteamento novo que surgia, o número de compradores era cada vez maior, e também com a movimentação e o progresso rápido da cidade, a comercialização dos lotes da zona rural continuava em alta. O movimento provocado pelo garimpo auxiliava a propaganda de que em Alta Floresta não existia crise econômica.

Além disso foram implantados dentro do projeto mais duas glebas, a de Paranaíta e Apiacás que utilizando da ocupação dos garimpeiros, também aproveitaram para avançar com os loteamentos das terras em direção a regiões mais distantes da sede do município de Alta Floresta. A propaganda continuava sendo feita da mesma forma aos pequenos agricultores do sul, porém contava com um forte aliado, que era mostrar o sucesso de Alta Floresta para comprovar que realmente se tratava de projetos sérios. A Indeco lançou a propaganda de Apiacás num suplemento especial da Folha de Londrina, onde ressaltando o projeto de Alta Floresta e Paranaíta, promete o mesmo sucesso para a nova gleba afirmando que,

agora surge uma nova oportunidade maravilhosa para os agricultores do Paraná, Santa Catarina e São Paulo, sofridos com as

geadas e inundações. Venham plantar num paraíso onde não gela, o clima é agradável, as chuvas são regulares e a terra não precisa de adubo. Neste suplemento você vai ver depoimentos de alguns dos muitos paranaenses (cerca de 90%) que predominam em Alta Floresta. Todos eles muito contentes com a nova situação, progredindo alguns, ficando ricos outros, ficando muito ricos alguns. (SUPLEMENTO DA INDECO, 1983, p.01).

Este período coincide exatamente com o auge do garimpo e muito foi usado do progresso aparente, provocado pela quantidade de pessoas que estavam em Alta Floresta e do volume de negócios que o garimpo proporcionava ao comércio. Havia inúmeras compras de ouro e por conseguinte muitas agências bancárias que possibilitavam a troca do ouro por moeda corrente.

O garimpo como sempre dizia Ariosto da Riva traz muitas conseqüências, umas boas outras ruins, já que não conseguimos impedi-lo vamos ver o que ele pode nos oferecer, mas sempre afirmava que se não tivesse acontecido o garimpo teria sido muito melhor para todos, e que somente no futuro é que os Altaflorestenses poderiam analisar a situação e entender a posição dele, pois naquele momento em que o dinheiro tornou-se tão fácil e abundante para todos ninguém concordava. Agora pagando o ônus de ter sido uma região de garimpo os colonos começam a recordar as falas do colonizador , pois

ele tinha um compromisso com a agricultura, o projeto foi montado para os colonos, então ele procurou meios assim de proteger na

verdade, os agricultores, mostrando a importância na continuidade do projeto, dizendo que o ouro ia ser passageiro, não seria uma coisa definitiva e pediu para que os agricultores não abandonassem suas propriedades.” (ARAUJO, Divino Corrêa. 13 fev.1999).

Em relação aos garimpeiros Ariosto da Riva afirma que quando ele percebeu que não poderia impedi-los de entrar no projeto, mesmo sob ameaças, pediu ajuda aos padres e pastores protestantes. Ele pediu que os religiosos realizassem um trabalho de conscientização para moldar pelo menos um pouco os garimpeiros ao estilo de vida dos colonos, e não deixar que o colono se amoldasse ao estilo deles.

Ariosto considerou que a campanha de conscientização foi um sucesso e que os garimpeiros acabaram se integrando a vida cotidiana de Alta Floresta. E que mesmo a cidade se tornando um centro de abastecimento dos garimpos da região, tudo estava novamente sob controle pois, *“enquanto o garimpeiro está lá pro mato, a família está na cidade, as crianças estão na escola. Ele está se arrebetando, mas sabe que a família esta amparada.”* (RIVA apud FOLHA DE LONDRINA, 1986, p.05).

Como o garimpo é uma fase passageira hoje a cidade vive apenas das lembranças de um período em que não havia crises, onde quer que se fosse sempre existia os traços dos garimpeiros, se não pela sua presença muitas vezes considerada desagradável, pela sua condição de sujeito inculto e violento, com certeza pelo seu dinheiro que proporcionou um grande desenvolvimento do

comércio, enfim de todos os setores da cidade de Alta Floresta. Usando da riqueza deixada pelos garimpeiros que já não estão mais na região, muitas pessoas se estabilizaram economicamente, e agora começam a investir na agropecuária, a nova fonte de renda da região.

Os colonos depois do embate foram contagiados com a febre do ouro, e como agiam diferentemente dos garimpeiros, guardaram o que conseguiram e hoje investem nas suas propriedades. Enfim o ouro que parecia um mal terrível é hoje apenas a lembrança de um momento, do projeto que continua a caminhar na direção que seu colonizador sempre esperou. Ou seja, Alta Floresta sobreviveu ao garimpo e isso foi possível devido a formação inicial do colono que forjou nesses indivíduos, uma identidade tão forte com a cidade, que nenhum dos colonos pensam hoje, mesmo depois de todas as dificuldades em deixar a cidade.

Nós aprendemos a gostar disso daqui e só em pensar que poderia sair de Alta Floresta dá um frio na espinha. A gente nunca pode falar, não isso eu nunca vou fazer tal, mas a gente espera e torce para que isso não aconteça porque Alta Floresta, ela tem tudo é só ter vontade de trabalhar que Alta Floresta ainda hoje com todas as dificuldades deixadas pelo garimpo, e tal, mas aqui nós temos tudo. (TEZA, Hitor. 06 fev. 1999).

Este encontro de culturas, do garimpeiro com o colono, deu a Alta Floresta uma população com usos e costumes diferentes das cidades do norte de Mato Grosso que foram colonizadas essencialmente por colonos do sul como é

o caso de Sinop, Sorriso, e outras. E a identidade do colono, com a agricultura e com a cultura camponesa, acabou sofrendo as conseqüências de um período onde o agricultor foi desvalorizado. Enquanto que o comércio se beneficiou muito com os garimpeiros e assim puderam investir também em terras e hoje a maioria dos empresários da cidade também são pecuaristas.

Essa relação que foi forjada dentro da escola, voltada para a formação do colono, também atingiu os garimpeiros pois os filhos destes, acabaram possuindo por Alta Floresta o mesmo sentimento do filho do colono. E como as crianças dos tempos de chegada, hoje já são adultos podemos dizer que dentro do espaço criado para formar o colono, o filho do garimpeiro vivenciando o mesmo processo, foi formado para também acreditar e se empenhar o máximo, contribuindo assim para o progresso da cidade, enquanto cidadão Altaflorestense.

Um cidadão que não ousasse questionar atos de violência ou exploração de trabalho, pois todos essas atitudes foram sendo assumidas, de acordo com todos os habitantes do projeto, como que necessárias para que Alta Floresta existisse. E o garimpeiro acabou sendo incorporado a essa família como se fosse um filho bastardo, mas que acabou usufruindo da mesma estrutura criada para o colono.

CAPÍTULO III

O ESPAÇO ESCOLAR COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO DO COLONO

Não é a aquisição de capacidades diretivas, não é a tendência de formar homens superiores que dá a marca social de um tipo de escola. A marca social é dada pelo fato de que cada grupo social tem um tipo de escola próprio, destinado a perpetuar nestes grupos uma determinada função tradicional, diretiva ou instrumental. (GRAMSCI, 1995, p. 136).

1. A escola: um dos espaços de formação do colono

As escolas de Alta Floresta tiveram uma participação decisiva no projeto de colonização, pois desde o início a questão educacional fazia parte da estratégia de ocupação da região. A colaboração da escola no projeto fica muito evidente quando observamos a importância dada a questão da educação pela empresa de colonização, seja pela criação de um setor responsável pela educação dentro do projeto ou pela participação efetiva no dia a dia da escola.

Quando se iniciou a preparação da infra-estrutura básica, tanto na zona rural quanto na zona urbana, uma das primeiras providências tomadas era a construção da escola. A propaganda divulgada sobre o projeto tinha na escola um recurso para provar que mesmo sendo um lugar novo e distante, lá havia condições do colono se estabelecer com a família, posto que, seus filhos poderiam continuar os estudos. E mais do que isso o colonizador considerou a escola como uma das prioridades porque

o que eu acho importante mesmo é que dei a oportunidade das famílias de se reunirem aqui. Eu tinha colono com filho esparramado por esse país afora, filhos em São Paulo, filho no Rio de Janeiro, filho não sei mais onde... e hoje eu consegui arrebanhar toda a família aqui. Afinal temos trabalho, escola, e tudo o que precisar para toda a família. (RIVA, Apud GUIMARÃES NETO, 1986, p. 107).

Essa capacidade de reunir outra vez a família, e de possibilitar que os filhos continuassem na escola sem precisar se deslocar para outras cidades e ou outros Estados, era fundamental por causa da distância do projeto dos locais

onde os filhos dos colonos pudessem ter acesso a escolarização. A distância da cidade mais próxima, onde as crianças poderiam iniciar e continuar seus estudos era de mais de oitocentos quilômetros e completamente inviável para que os colonos, formados na sua maioria por pequenos produtores, de manter os filhos em regime de internato. Deixá-los no local da antiga morada também era impossível pela distância, assim o projeto sem as escolas tornar-se-ia sem validade para a maioria dos colonos que tinham filhos em idade escolar. Deste modo a colonizadora, colocou a escola como uma necessidade básica na construção de infra-estrutura básica do projeto, e distribuiu salas de aula para todos os recantos, na zona urbana e na zona rural, atendendo alunos da pré-escola até o 2º grau.

A coordenação e organização da rede escolar ficou a cargo do Professor Benjamim Pádua, um ex-padre, que implantou no projeto um modelo de distribuição da rede escolar¹⁷ já realizado no Município de Colíder. Ele era um velho conhecido da família Riva, seu primeiro contato com eles foi em Lins - SP, pois

¹⁷ O modelo de estruturação da rede escolar de Alta Floresta seguiu os princípios adotados no município de Colíder. Esse modelo foi idealizado pelo Padre Geraldo, mas que por causa de conflitos com o colonizador mudou-se para Alta Floresta. Segundo ARAÚJO (1999) para a organização do sistema educacional de Alta Floresta, a firma Indeco contratou o professor Benjamim Pádua, uma espécie de secretário particular de educação da empresa colonizadora. E o professor Benjamim se inspirou no modelo de Colíder, onde o trabalho propriamente religioso foi feito ao par do trabalho educacional. "A primeira sala de aula era também a primeira igreja - ali se davam aulas, ali se celebravam as missas, era uma coisa unificada: o social [escola] e o religioso [igreja] andando juntos. A promoção humana e o trabalho religioso caminhando de mãos dadas - explica o padre Geraldo." (ARAÚJO, 1999, p.105).

Lins foi chamada na década de 60 de a cidade das escolas, então tinha o colégio Maria Auxiliadora, que eram católicos e lá estudavam os filhos do Sr. Ariosto, que era o Vicente e o Ludovico que estudavam lá, e o professor Benjamim que era padre e era professor de matemática deles, então foi esse o contato, uma pessoa corretíssima, dinâmica, maravilhosa que é o professor Benjamim Pádua.”(MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

O Professor Benjamim foi encarregado de selecionar as pessoas que iriam trabalhar na escola, de promover a parceria entre Estado e Indeco na construção das mesmas e depois de defini-las como escola estadual, mesmo dentro de um projeto privado. A opção pela escola pública, dentro de uma organização privada, representa a necessidade de se criar ali, um espaço que se constituísse num espaço de neutralidade, mas capaz de reproduzir as relações que atendam aos objetivos da colonização. Quando a escola passasse por dificuldades a culpa seria da entidade mantenedora e nunca do colonizador que tinha nessas situações um papel de conciliador dos problemas, ou então no reforço da figura do pai protetor que ajudaria os filhos (colonos) nos momentos de dificuldades.

Outra questão relevante para a determinação da escola ser estadual, foi a sua origem dada pelos padres que acabaram dando a essas escolas, uma característica muito própria das escolas do projeto de colonização do norte de Mato Grosso, que nada mais era do que a sua constituição como um espaço que servia como escola e também como a igreja. E além disso, era necessário a criação de um espaço comunitário que servisse, tanto para recepcionar o colono,

quanto prepará-lo para se adaptar e fixar na nova terra.

Como o colono chegava ao projeto praticamente sem recursos, devido a compra das terras, os gastos com a mudança e as despesas nos primeiros anos com a preparação das lavouras, o ônus de se construir uma igreja era muito para os pequenos agricultores. Assim a utilização do espaço da escola para o início da organização da comunidade, de preferência uma comunidade baseada nos princípios cristãos, fez com que a igreja também se preocupasse em garantir o seu espaço nesta simples sala de madeira que no início foi construída pela Indeco e depois pela própria comunidade.

Desse modo a escola como foi planejada e organizada dentro do projeto serviu para atender tanto a expectativa do colonizador como da igreja com a qual ele forma a grande parceria na preparação das escolas. Então a escola gratuita e voltada para os interesses da colonizadora e de certo modo para as necessidades dos colonos foi sendo preparada para assumir a sua grande função dentro do projeto como formadora e preparadora de um colono capaz de resistir todos os tipos de dificuldades e manter-se nas suas propriedades rurais. A escola de todos tornou-se um centro comunitário e por isso de acordo com o professor Benjamim, a escola tinha uma missão social, e por isso mais ampla do que a simples função de ensinar,

as escolas foram fundadas sempre num processo de preparação de uma comunidade, na qual o pessoal num raio de oito quilômetros, podia juntar no centro comunitário e sentir a mensagem do

colonizador que se transformou em pai. O pessoal trata mais como pai do que como patrão. Além disso ninguém entendia nada de cacau, mas nessas comunidades os técnicos da CEPLAC ensinavam para o pessoal as técnicas de plantagens, etc. Nessas comunidades o pastor protestante, se houver protestante, vai fazer o culto e o padre católico vai rezar a missa para o pessoal. Eles se reúnem e elegem o seu presidente, seu tesoureiro, seu secretário. Sentem-se unidos – foi criada outra vez a família! É o que talvez eles já não tivessem mais lá, judiados pela seca, pela geada, pelos interesses que estavam se desestruturando. Aqui eles encontraram outra vez essa família, entendeu? Nesse espírito familiar e nesse centro eles se encontraram onde depois se deu a escola. Então vamos dizer assim que eles saíram de um ambiente de angústia para um ambiente aberto, em que sentiram todas as esperanças humanas se transformarem numa tremenda possibilidade – terra grande, terra maior, possibilidade dos filhos estudarem. E de repente se ouviu falar muito em amizade, em colaboração, em família, entendeu? (PÁDUA, apud GUIMARÃES NETO, 1986, p. 108).

A escola tornou-se a extensão da casa do colono, pois ele freqüentava esse ambiente com todos os seus familiares. Lá era o lugar de aprender a plantar o cacau, uma cultura nova para os colonos acostumados com as plantações de café, era também um lugar de decisões políticas, pois a realização das eleições para os representantes das comunidades acabava tomando dimensões importantes até mesmo no posicionamento da comunidade em relação à política do Município. E mais do que isso, era o lugar sagrado pela atuação da igreja e das suas pastorais que se instalavam dentro da escola. Enfim era um espaço para ensinar, mas também para aprender, para rezar, trabalhar, festejar... a escola era o lugar de viver a colonização, pois todos os acontecimentos da comunidade acabavam sendo levados para a igreja.

Esse espaço democrático era adequado, pela sua condição de aparente neutralidade, para receber os novos colonos e para incentivar aqueles que ali chegavam para comprar terras. Quando chegavam as caravanas no projeto uma das paradas obrigatórias era a escola que

nos primeiros anos, em 78, 79, quando chegava uma visita do Paraná. Na época vinha muito, então a gente falava: Vem aqui, chega aqui ver as crianças. Então as pessoas vinha e eu dizia: Ergue a mão quem é do Paraná. E aí todas as crianças erguia a mão, setenta crianças erguia a mão, aí a pessoa ficava entusiasmada, todo mundo aqui é do Paraná. (SILVA, Francisco L. 02 fev. 1999).

Essa demonstração do ambiente escolar assegurava ao colono além da garantia de escola para seus filhos a identificação com as pessoas que ali estavam, pois era muito propício saber que mesmo morando em Mato Grosso, teria como vizinhos pessoas do mesmo local de procedência. A intenção do colonizador em criar no norte de Mato Grosso um novo norte do Paraná é sem dúvida reforçada pela escola que também fez parte da propaganda para arrebanhar um sem número de colonos paranaenses para o projeto Indeco.

A união das famílias em torno da escola, a honestidade proporcionada pela dedicação ao trabalho, a religiosidade eram fatores que amenizavam qualquer tipo de conflito que pudesse existir, mesmo que a ameaça de invasão dos garimpeiros já rondasse a região. Era naquele momento em que, as crianças na escola sob a orientação de uma professora, representavam um ambiente perfeito, e com os mesmos valores da sua terra, assim o colono acreditava que

realmente ele poderia se estabelecer ali com toda a sua família.

O tratamento dado aos colonos pela organização comunitária da escola, voltada para a necessidade de estabelecer e manter a união familiar no local de trabalho, garantiu a satisfação de todos, e por conseguinte a dedicação e empenho total no desenvolvimento da região. Com a idéia de proporcionar ao colono uma chance de reconstruir a sua vida lá no campo e de lá permanecer, deste modo quando

Ariosto planejou Alta Floresta ele já tinha em mente uma fórmula (hoje plenamente bem sucedida) de evitar a evasão do homem do campo para a cidade: as 102 escolas rurais do município, construídas ao longo das estradas vicinais que beneficiam os colonos de todas as propriedades, constituem-se em verdadeiros centros comunitários rurais. Em torno delas giram todas as atividades comunitárias, desde religiosas e até desportivas e culturais. (REVISTA ALTA FLORESTA ANO 7, 1983, p.61).

Esse processo desenvolvido pela escola é o coroamento de uma organização que se volta para o planejamento do futuro dos filhos dos colonos. Pode ser considerada ainda como um dos motivos da permanência de muitos colonos meeiros que mesmo sem a posse da terra continuavam na comunidade. Isso pode ser observado na fala de um colono afirmando que “*o que prende a gente aqui é a escola, oras, As professoras são muito atenciosas, muito boazinhas, e os filhos da gente tem aonde se apegar.*” (GUIMARÃES NETO, 1986, p.117).

A escola tinha a função social de atender os sonhos de um amanhã

mais seguro frente as dificuldades de aquisição e permanência na terra. Sob o controle do colonizador, e com a coordenação do professor Benjamim, o sistema escolar se estendeu por todo o projeto. Durante o processo de implantação e desenvolvimento das escolas a igreja católica foi, principalmente na zona rural, um dos grandes aliados.

A igreja com os seus padres preparava os colonos para a vida em comunidade e como a escola se constituía no espaço ideal para a celebração dos rituais religiosos, não mediram esforços para conseguir uma escola para cada comunidade. Os padres viam na escola uma possibilidade de chegar até o colono e com suas orações e pregações formar uma comunidade baseada nos princípios da religião católica.

Com o apoio da colonizadora, o padre deu início a fundação de praticamente todas as comunidades, que eram formadas logo que se abria um novo loteamento e eram construídas as estradas. Logo que os colonos chegavam o padre que passava grande parte do tempo nas comunidades rurais já estava lá para recebê-los e confortá-los. Os colonos chegavam preocupados com seus problemas e o padre aparecia no exato momento em que eles estavam muito frágeis, precisando de alguém. Então o padre vinha fazer uma visita e rezava com eles, em qualquer lugar, de modo a dessacralizar o templo e consagrar todos os lugares, o relato da professora Maria Irene M. C. Santos demonstra a importância dessa visita do padre que, às vezes, chegava antes do colono descer

a mudança do caminhão.

Quando a gente chegou encontrou uma pessoa que nos deu muita força. É o Padre Geraldo. cada mudança que chegava ele estava lá para receber.[...] ele nos visitou e falou pra gente: 'olha não vai ser fácil. Mas aqui vai ser um lugar bom, vocês vão conseguir realizar o sonho de vocês, a terra é produtiva'. A gente teve coragem pra encarar todas as dificuldades por causa dele. (ARAÚJO, 1986, p.141).

Assim, utilizando do espaço da escola, que também foi consagrado como igreja, o padre que inicialmente preparava a comunidade, instituía ali além do templo religioso, um local onde se fixariam os princípios da igreja em qualquer atividade que pudesse ser realizada dentro do ambiente escolar.

Baseado nos princípios da igreja, e ocupando o espaço da escola para atender as necessidades das famílias foi sendo criado no projeto uma comunidade sustentada por valores morais que garantissem o trabalho, a ordem e a regularidade de zelar pelos bons hábitos e pela obediência ao colonizador. Posto que, fora justamente ele que proporcionara aquela reunião familiar e que por isso todos deviam agradecê-lo pela oportunidade que ele deu a todos de reconstruir as suas famílias e formarem no meio da selva Amazônica, uma grande família Altaflorestense da qual todos fazem parte.

A preocupação do colonizador com a educação e a sua presença em todos os eventos escolares, bem como a função que ele atribuíra a escola no projeto, demonstram que a escola era parte integrante do processo de colonização. Deste modo podemos dizer que a escola com o desenvolvimento

das atividades escolares ou extra-escolares foi uma importante colaboradora neste projeto de colonização, e que foi planejada em seus mínimos detalhes para promover e acompanhar o desenvolvimento de uma nova consciência, de um novo colono.

No intuito de estabelecer um vínculo cada vez mais forte do colono com a nova terra, foram sendo elaboradas estratégias para que o colono se sentisse parte integrante do processo e não apenas mais uma família que se estabelecia no projeto. Para que o projeto de Ariosto se tornasse realidade e para que ele contasse com o apoio efetivo dos colonos para a sua proposta de colonização, era preciso formar um colono que pensasse que a conquista da terra não era apenas uma conquista individual, mas sim coletiva.

Um colono não apenas igual ao colono do sul que tem na colonização uma tradição, mas sim de um homem capaz de amar a sua terra e de acreditar que estava ali o seu lugar definitivo, onde poderia ver os filhos crescer, ver a sua vida financeira melhorar e também de colaborar no desbravamento e colonização de um sertão, destinado a ser a sua contribuição com a pátria. E quando tudo terminasse, tudo fosse construído, ainda devia pedir a Deus só mais alguns anos de vida para ver as conquistas realizadas, e partilhar junto com os seus descendentes dessa vitória que eles deveriam dar continuidade.

Na canção de Alta Floresta encontramos um cenário mágico, onde Rui Ramos, descreve a beleza da natureza (lua, sertão, rios) contracenando com

as marcas do desenvolvimento (tratores, caminhões, estradas). Essa forma de interpretar o nascimento e os primeiros anos de Alta Floresta se deve ao momento que ele vivenciou e então,

imagine só, nos idos de 75 e 76, você músico, com um violão na mão, e se encontrando no meio da Amazônia, cercado de tratores e bichos por todos os lados.[...] você se encontra no meio da Amazônia acompanhando pessoas corajosas, como já dissemos sobre Ariosto da Riva, sonhando em ver uma cidade plantada no meio da Amazônia, a mais de 800 km da capital, no meio de uma selva que era e ainda é. O que você tem vontade? Você tem vontade de falar da região que você vai conhecer ainda, que você vai conviver e que vai ser história. Eu sempre digo o poeta, assim como o artista é o retrato de uma época. (MARTINS, Paulo Roberto. 24 jan 1999).

Nesse cenário, onde se encontram vidas, e vão surgir namoros, casamentos, filhos da nova terra é que se torna uma fonte de inspiração para um processo que ainda está em construção, mas que em si apresenta elementos que dão margem à projeção de um futuro promissor. Assim na escola todos os dias os alunos reunidos cantavam as belezas naturais do ambiente e o que este poderia vir a ser:

Quando a lua vem surgindo/ iluminando o meu sertão

Também no Carlinda em Mato Grosso/ surge Alta Floresta no verão

E os casais enamorados/ unidos nesta paz abençoada

Crescendo dia a dia como as plantas/desbravando a nossa pátria bem amada.

Mato grosso meu sertão querido

Téles Pires, Rio Carlinda, Alta Floresta

Queira Deus que eu viva mais um pouco

Só para ver o milagre deste povo.

Quando o ronco dos tratores/ não mais se ouvir pelas quebradas.

Só caminhões pelas estradas,/transportando os produtos desta terra.

É o final da grande luta,de fé, de amor e de trabalho

Gerando o conforto e a riqueza/ do homem pela paz e não a guerra.

(canção de Alta Floresta, autor: Rui Ramos)

A cada momento vivido pelo colono com o ideal de fazer acontecer um lugar de onde ele não precisaria mais ir embora, contracenava com os interesses do colonizador que projetava novas cidades e que somente o sucesso desta primeira é que garantiria a viabilidade das outras. O sonho de ter uma terra que fosse realmente sua, e a perspectiva de que no futuro ele poderia desfrutar dos benefícios conquistados, causavam uma emoção muito grande, uma emoção que ficava maior ainda quando ouvia seus filhos cantarem. Em todos os eventos que aconteciam no projeto, os pais esperavam ansiosos para ouvir os próprios filhos entoarem uma canção que falava exatamente deles mesmos, ou seja, neste momento eles se sentiam como heróis sendo aclamados pela sua bravura e certeza de vitória.

Nesse contexto a escola foi um dos instrumentos utilizados para divulgar e vincular os propósitos do colonizador, de tal modo que os colonos

passassem a ver nos objetivos da colonizadora, os seus próprios objetivos de vida. A rede escolar da colonização foi distribuída da seguinte forma: uma escola na zona urbana, onde podemos observar um espaço destinado a formação básica e profissionalizante (magistério e técnico agrícola), mas que também foi destinada a ser o centro de eventos e comemorações das datas festivas. Como extensão desta, foram feitas salas de aula na zona rural, que eram denominadas de escolas satélites por pertencerem a escola pólo que se situava na zona urbana. Essas escolas foram fundadas no processo de formação de comunidades e se constituíram em verdadeiros centros comunitário com uma função muito ampla na vida dos colonos.

2. Uma escola para celebrar a colonização e projetar o futuro cidadão Altaflorestense

A primeira escola do projeto foi construída na zona urbana juntamente com a infra-estrutura básica para a implantação do projeto. Essa escola recebeu o nome da mãe do colonizador “Vitória Furlani da Riva” que segundo a senhora Maria Luíza, esposa do Sr. Vicente da Riva e atual administradora da Indeco, não se chamava Vitória e sim Maria Antonia, mas que nem mesmo ela sabe explicar como a mãe de Ariosto da Riva recebera o nome de Vitória, que ela assumira de tal forma que poucas pessoas da própria família não sabiam que esse não era o seu verdadeiro nome. Assim a escola passou a ser chamada pelo nome de Vitória Furlani da Riva numa homenagem

ao colonizador.

As atividades escolares iniciaram no ano de 1977, quando a escola ainda funcionava provisoriamente em apenas três salas de aula ao lado da Indeco.

Ali tinha três salas de aula rústicas e de madeira, aí quando eu cheguei lá de manhã, me recebeu a primeira secretária nomeada já em ação ali, mas só a um mês, fazia trinta dias que tudo tinha começado.[...] E aquilo era uma bagunça, uma bagunça entre aspas, quer dizer era tudo muito rústico, muito rude ainda e os pais dos alunos chegando, e nós recebendo os pais dos alunos. (MASSARELLI, Amélia P.Marins. 02 fev. 1999).

No ano de 1978 a escola foi transferida para as suas instalações definitivas, construída em alvenaria e com uma estrutura física muito boa, possuindo doze salas de aula, um laboratório, biblioteca, secretaria, setor administrativo, sanitários masculinos e femininos e uma cozinha. Além disso possuía também um amplo pátio onde foram sendo construídas a horta e a quadra de esportes. Todo o prédio da escola, bem como o terreno foram doados pela Indeco e o Estado se responsabilizou pela criação e autorização para o funcionamento da escola bem como da manutenção da mesma e dos salários dos professores, que no início era feito também pela Indeco

Durante os primeiros anos, a escola Vitória Furlani da Riva atuou como um pólo administrativo e pedagógico de todo o setor educacional do município e as escolas da zona rural eram consideradas escolas satélites que funcionavam como extensão das salas de aula da escola pólo. A escola assim

como seus funcionários, nesta época, eram mantidos pela Indeco.

A empresa tinha o seu próprio secretário de educação, no caso o professor Benjamim, que administrava os recursos destinados a educação tanto pela empresa quanto dos recursos enviados pelo Estado. A ele coube também a tarefa de contratar os cargos de confiança para a escola, como a diretora Amélia e depois o Pe. Jorge Albertine. Depois da contratação da diretora e de encarregá-la de fazer as matrículas e contratar os professores, o professor Benjamim tomava providências para a autorização do funcionamento da escola assim como do reconhecimento da instituição junto a secretaria de educação do Estado.

Para a criação da escola foi formado previamente um grupo de nomes para assumir os cargos, e muitas dessas pessoas nem chegaram assumi-los como foi no caso da direção da escola, pois

já tinha sido nomeada a Dona Cleide Aparecida Guaraldo Torres, mas tinha sido utilizado o nome dela, mas ela morava ainda em Londrina, e ela não pode assumir nada, aí eu cheguei e o professor Benjamim já me colocou como diretora da escola. Essa daqui vai ser a nova diretora da escola e vamos encaminhara a papelada. E vocês vão encaminhando a papelada. (MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

A contratação das pessoas que foram trabalhar na escola era feita dessa forma, muitos deles sem experiência com a educação, mas que apresentavam vontade e determinação em realizar essa tarefa. E todos que chegavam no projeto e que tinham o mínimo de condições para atuar na área da

educação já era convidado para fazer parte do quadro de professores. Na verdade, o que realmente importava era a condição que essa pessoa tinha de colaborar com o projeto em relação a formação do colono Altaflorestense,

eu nunca tinha trabalhado, e aqui seria uma oportunidade para mim trabalhar, porque eu não tenho vocação para o magistério, nunca me interessei, não sou uma pessoa que trabalha bem com crianças, não sou. Mas o trabalho que me foi oferecido aqui envolvia muito mais que isso. Praticamente nunca me envolvi com crianças eu me envolvia com os problemas de chegada dos agricultores aqui em Alta Floresta, então foi esse tipo de trabalho, porque se eu tivesse entrado numa sala de aula, não ia dar certo, eu não ia conseguir, entendeu, não ia conseguir. (MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

Todo mundo que chegava acabava tendo alguma coisa que podia colaborar com a escola e era aproveitado naquilo que podia oferecer para colaborar com o bom funcionamento da escola e também do projeto. A maioria dos professores que foram sendo contratados a medida que chegavam e iam procurar a escola ou então eram convidados para atuar.

No início a maioria dos professores da escola urbana eram esposas dos funcionários da Indeco e esposas dos profissionais liberais já estabelecidos no projeto. Com a autorização do funcionamento do 2º grau foram sendo convidados esses profissionais liberais, que apesar de não ter uma formação voltada para a educação, pelo menos eram formados. Assim cada pessoa que chegava ao projeto a diretora fazia uma visita de cortesia para dar as boas vindas e imediatamente fazia o convite para ser professor. Isso porque o número de alunos crescia dia a dia e já começava a faltar professores para atender a

demanda. A diretora afirma que havia uma carência muito grande de pessoas formadas na área de educação e

então esses profissionais liberais que foram chegando aqui médicos, dentistas, advogados, engenheiros agrônomos, técnicos agrícolas, contadores que nem o Júlio Giacomim, todo esse pessoal que tinha o segundo grau completo que eu descobria rapidinho. Acabava de chegar na cidade, eu já ia atrás e convidava essas pessoas para darem aulas e o convívio entre essas pessoas era o melhor que se podia existir, coisa que eu acredito que não vá mais vivenciar.(MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

A empresa Indeco como entidade mantenedora da escola, dava a esses funcionários as melhores condições possíveis de trabalho a exemplo disso podemos citar o empenho de enviar a diretora para Cuiabá de avião e manter todas as despesas que fossem necessárias para a preparação da documentação dos alunos e da escola. Quando a diretora iniciou seus trabalhos ela foi orientada a receber os pais dos alunos na escola para uma entrevista e para recolher os documentos das crianças para a matrícula que depois foram levados para Cuiabá. Nessa entrevista ela poderia ter noção de qual era a expectativa dos pais em relação a escola dos filhos e também de poder ajudar os pais naquilo que eles estivessem precisando no momento.

De posse dos documentos dos alunos a diretora encaminhou as matrículas e foi buscar em Cuiabá o apoio para a organização, e a preparação dos documentos para a autorização de funcionamento da escola. Isso porque as pessoas que ali estavam nunca tinham trabalhado com esse tipo de serviço e não

tinham conhecimento do que era realmente a organização burocrática da escola, e assim, às vezes, complicavam mais ainda a situação, preocupados com isso a

Indeco

bancava as passagens aéreas pra mim, uma vez por mês e o hotel eu ficava hospedada no hotel Finesse que era o 2º melhor hotel de Cuiabá.[...] E já na primeira vez o Osvaldo Sobrinho¹⁸ me recebeu super bem e colocou um monte de gente a minha disposição para ajudar, para orientar com os negócios daqui. E eu fazia o xerox dos documentos e a Indeco bancava tudo.[...] e eu ficava o dia todo, da hora que eu chegava, até a hora de encerrar as atividades. Na pasta um monte de problema que eu levava para lá com tudo o que precisava. (MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

A responsabilidade assumida pela Indeco com a educação no início do projeto fez com que a empresa, nos primeiros anos de funcionamento da escola fizesse também o pagamento dos profissionais que trabalhavam na escola. Assim além do salário que eles iriam receber do Estado, eles recebiam de imediato o pagamento da empresa. Devido à distância e a morosidade no processo de contratação, até mesmo pela inexperiência dos profissionais da época, às vezes, um professor demorava de cinco a oito meses para receber o primeiro salário, então enquanto isso a Indeco fazia o pagamento. Para isso a escola tinha duas folhas de pagamento,

e para que os funcionários trabalhassem ali até que viesse o primeiro salário do Estado a Indeco tinha uma folha de, nós tínhamos duas

¹⁸ OSVALDO SOBRINHO. nesta época era secretário de educação do Estado de Mato Grosso. Um homem que sempre fez parte do cenário político do Estado, seja como legislador ou administrador. Atuou diversas vezes na secretaria de educação, pois o mesmo já foi professor e hoje continua sua carreira política como deputado estadual.

folhas de pagamento, uma do Estado que a gente não sabia quando vinha, o meu primeiro pagamento do Estado demorou cinco meses, só que desde o primeiro mês eu estava na folha da Indeco, então eu recebia um salário da Indeco também.” (MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

Com o tratamento dado aos funcionários da escola sendo comparado ao tratamento dado aos funcionários da empresa a colonizadora foi criando um clima de convivência entre a escola e a empresa que era muito difícil separar, ou melhor identificar a escola como uma instituição pública. Assim nesse clima que foi sendo formado dentro da escola, a mesma, tornou-se um lugar muito especial onde todos conviviam em harmonia, seja pela falta de convicção dos professores que não conheciam os problemas de sobreviver com o salário de professor, sendo que a maioria deles faziam complementação da carga horária de trabalho na escola. Ou então pela empresa que também não deixava que nada faltasse para esses professores. Enquanto na região sul do Estado de Mato Grosso os professores faziam greve lá no projeto ninguém nem pensava em fazer sequer uma manifestação de apoio.

Muitas vezes os professores de Alta Floresta foram os únicos do Estado que não aderiram as greves, pois eles não compartilhavam dos problemas vividos por outros municípios como o caso dos atrasos constantes de salário. Com o salário da Indeco em dia, ou então com a ajuda do colonizador não havia, segundo eles, razão para tal manifestação. Desse modo, Ariosto da Riva sempre fazia questão de estar a par de todos os acontecimentos, muitas

vezes ele se dirigia até a escola e conversava pessoalmente com os professores.

Então na escola o que se via era

um grupo de pessoas que se sentiam ainda enraizados a sua origem, que 90% eram do Norte do Paraná, estavam todos aqui mas tinham os pais, ou algum tipo de parente, alguma coisa, ou alguma ligação lá, então as pessoas sentiam uma necessidade muito grande de união, de se apoiarem uns aos outros, então o espírito de solidariedade era muito forte, então embora todo mundo tivesse um anseio, uma ambição de fazer alguma coisa financeiramente, de se estabilizar, mas a necessidade daquele apoio humano era muito grande, então pelo menos, parecia uma coisa muito sincera, aquela união, aquela auto-ajuda. E o Sr. Ariosto então nem se fala, ele ajudava mesmo, ajudava todo mundo. (MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

Com esse espírito de solidariedade, de ajudar uns aos outros, a Indeco distribuía incentivos aos professores como no caso de facilitar a compra de lotes urbanos. Foi aberto um loteamento próximo da escola Vitória Furlani da Riva e os professores foram os primeiros a serem chamados na Indeco para escolherem seus lotes que teriam os pagamentos facilitados pela empresa. Muitos professores desta escola ainda residem neste bairro que pela proximidade da escola e pela facilidade na hora da compra adquiriram seus lotes. O pagamento dos lotes foi dividido em prestações, sendo que a entrada ficava para quando saísse o pagamento do Estado, e como pelo atraso o pagamento era feito integral, a entrada tinha um valor mais expressivo.

Outro momento que a escola sempre contava com o apoio da Indeco era nas datas comemorativas, quando eram realizadas grandes festividades. A

escola promovia muitos eventos sociais durante o ano, pois ela era considerada como um centro onde todos poderiam festejar as vitórias do projeto de colonização. Datas como o aniversário da cidade, eram momentos onde a escola levava todos os seus alunos para rua em desfiles, sempre fazendo homenagens ao colonizador. Também a semana da Pátria era muito comemorada e o encerramento sempre era feito com um grande desfile onde todos participavam.

Nesses eventos a Indeco sempre participava, com a presença do colonizador, seus familiares e de convidados ilustres como governadores do Estado e até de presidentes da República. A escola sempre foi um dos pontos obrigatórios, que estas autoridades ou personalidades importantes que faziam questão de visitar no projeto. Quando o visitante chegava numa sala de aula todos os alunos ficavam em pé para recebê-lo e somente depois que este saía da sala é que eles retornavam aos seus lugares para dar continuidade as suas tarefas. E quando se tratava de uma visita mais importante, os alunos eram reunidos no pátio da escola e normalmente cantavam a Canção da Indeco e a Canção de Alta Floresta.

Durante as festas e comemorações nos eventos mais importantes como aniversário da cidade e semana da Pátria, eram feitas homenagens especiais para o colonizador. Eram homenagens feitas através de peças de teatro, músicas, jogral, poemas, e até mesmo de preparação de carros alegóricos

e bandas, homenageando Ariosto da Riva, e também aos seus familiares. Eram usadas todas as formas possíveis para enaltecer e sobretudo agradecer o esforço, a coragem e a dedicação do colonizador para com o projeto e principalmente para com os colonos. Seus feitos assim como as suas qualidades de homem simples e humilde, eram ressaltadas a todo momento.

A comemoração que começava na escola normalmente se estendia pelas ruas com desfiles dos alunos e das pessoas que acompanhavam. Todos guiados pelo colonizador que ia a frente como ocorrera no processo de colonização, ele conduzia o povo até o palco erguido especialmente para o evento. Ali eram feitos os discursos e dentre eles o de Ariosto era sem dúvida o mais esperado e também o mais aplaudido. Ele costumava falar das conquistas que o projeto já alcançara e também da nobreza do colono que ali estava e depois ainda sempre fazia uma dedicatória do projeto a todos aqueles que haviam acreditado e ali estavam lutando para fazer de Alta Floresta o melhor lugar do mundo para viver.

Ariosto tinha a habilidade de conduzir um discurso, sabia como falar ao colono, como mexer com os sentimentos das pessoas, durante suas falas muitos colonos choravam de emoção. E quando falava da escola então, ele não poupava elogios e sempre prometia que ia lutar para dar para os alunos que ali estavam, para os jovens um futuro muito promissor se caso eles continuassem a

lutar por Alta Floresta.

Assim para os alunos que seguiam a fanfarra, cujos instrumentos foram doados pela Indeco, enfrentando um sol de mais de 30°C e uma nuvem de poeira avermelhada que cobria a todos, isso devido as ruas ainda não serem asfaltadas e do longo período de estiagem. Mas mesmo diante das dificuldades a presença dos alunos e da comunidade era total, pois ninguém media esforços para homenagear a cidade que agora não era apenas uma cidade onde um dia nasceram, mas era muito mais do que isso, era uma cidade que eles viram nascer e estavam fazendo ela crescer. Cada um estava construindo uma parte e assim todos tinham muito a comemorar. Esses eventos eram realmente

um acontecimento, sete de setembro os desfiles saíam maravilhosos, nunca mais eu vi desfiles igual ao de 78, em 77 também teve desfile, simplisinho mais teve, em 78 teve um maravilhoso, 79, 80, 81, 82 e até 83 eu estava ali dentro. Depois já começou a diminuir o interesse pelo sete de setembro. Pelas fotos dos desfiles você pode ver que era um acontecimento, todo mundo se preocupava, eram feitas muitas roupas bonitas, eram desenhadas pelas professoras, era discutido em reuniões. [...] então esses desfiles iam para as ruas lindíssimos, mas muito coloridos, muito bonitos, e todo mundo ia. (MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

Outro evento que merece destaque é a realização de feiras de ciências que eram realizadas todos os anos na escola e que trazia toda a comunidade para ver os trabalhos que os alunos faziam. Essas feiras continuam a serem feitas até hoje, contudo já não possuem a mesma relevância das primeiras feiras que eram realizadas. Durante muito tempo a feira recebeu prêmios doados pela Indeco

que depois eram distribuídos entre os melhores trabalhos apresentados na feira. Os trabalhos eram julgados por uma comissão de professores da área de ciências que avaliavam tanto a criatividade como o processo de pesquisa realizado pelos alunos que muitas vezes se dedicavam o ano inteiro para apresentar um bom trabalho. O grande momento da feira era a abertura e o encerramento que sempre contava com a presença do colonizador. No ano de 1984 foi realizado uma grande feira e a

abertura da feira de ciências desse ano contou com a presença do Sr. Ariosto da Riva e de sua companheira dona Helena da Riva. Ariosto é o patrocinador da feira este ano e o encerramento que será no dia 28/10 contará com a sua presença para a entrega de troféus para os três primeiros colocados. Todos os trabalhos apresentados estarão sendo avaliados durante os três dias de mais um evento promovido pela direção da escola Vitória Furlani da Riva. (JORNAL DA CIDADE, 1984, p.01).

A escola considerada como espaço neutro, no seu dia a dia mostrava que não era bem assim pois ela serviu muitas vezes para o lançamento de campanhas políticas e outras promoções que fossem realizadas na cidade por esta ser considerada como um centro onde podia se atingir todos os jovens da cidade, independente de credo, classe social e até mesmo de grupo étnico. Até porque nos primeiros anos, a escola era a promotora da maioria dos eventos sociais posto que, ela era considerada como o ponto de encontro onde os jovens iam para estudar, mas também para se encontrar com outros jovens, já que não havia mais nada que pudesse ser feito a noite. Então as pessoas que chegavam

na cidade logo procuravam a escola e ela servia de

primeiro contato porque na cidade, tirando a escola não tinha mais nada aqui, não tinha televisão, não tinha nada, não tinha nenhum lugar para os jovens freqüentarem, não tinha nada para fazer, então eles ficavam no portão esperando a gente trancar o portão a chave de cadeado porque senão o povo queria entrar, os rapazes queriam entrar lá atrás das meninas, ficavam esperando as moças saírem da escola, porque não tinha nada para fazer, e os jovens alvoroçados demais por falta de atividade, eles concentravam tudo na escola, aí a gente incrementava as festas. (MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999)

Mesmo com os cadeados nos portões para evitar que a escola fosse invadida durante o período das aulas, a escola era vista como um espaço democrático e assim se constituía no ambiente ideal para divulgar idéias e formar opiniões. Conhecedores desses atributos da escola e com sabedoria, a empresa colonizadora ocupou esse espaço para si, e qualquer outra idéia que tentasse se projetar ali era imediatamente abafada pela equipe administrativa da escola. Assim em cada atitude, cada relação podemos observar claramente o interesse e a presença da Indeco. E o momento que isso mais se evidencia é quando eram feitas as famosas **acolhidas**. Nesses momentos que antecediam a entrada dos alunos nas salas de aula eram reunidos os alunos no pátio da escola, e cada turma em fila e posição de sentido, acompanhados pelos professores entoavam nada mais, nada menos do que a Canção da Indeco, não era o hino nacional ou então o de Mato Grosso, era antes de tudo a canção da empresa colonizadora.

Essa canção era entoada com toda a emoção pelos membros da escola e acompanhado diversas vezes pelo colonizador, que sempre que tinha um tempo no escritório da empresa, ia ouvir seus colonos cantarem. Essa acolhida durou apenas alguns anos, mas deixou uma marca bastante profunda nas pessoas, professores e alunos, que antes de iniciar as suas atividades, se juntavam para entoar essa canção. Era um momento sem igual,

Ai meu Deus! Rosane eu acho que já te contei isso, não sei... Gente do céu, olha era cantado aquele hino, a Canção da Indeco, a Canção de Alta Floresta e/ ou de Mato Grosso as vezes, era cantado assim, sempre que nós entrávamos. Então quando formava aquela fila, cada professor com a sua turma e os próprios professores que já estavam assim craque né, na letra e na música e que eles começavam a cantar e a gente também ajudando, seguindo. Eu não conseguia cantar, eu achava lindo, muito bonito, eu me arrepiava inteira assim e eu chorava (risos). Eu chorava porque era uma emoção muito grande, porque a letra é muito bonita, ela tem um sentido muito bonito e a melodia também, a melodia é tocante sabe, e ai juntava a saudade que a gente tinha, as lembranças lá de fora e aquela música, então no começo eu não cantava, servia assim para mim desabafar, para mim chorar, mas era gostoso, mas era muito bom, até que eu aprendi a cantar também e até hoje eu canto e tenho muita admiração por essa letra e essa música. (CRUZ, Maria Antonieta. 14 fev. 1999).

A Canção da Indeco e a Canção de Alta Floresta foram escritas pelo Dr. Rui Ramos e elas retratam o início da colonização. A escola se apropriou dessa canção a partir do primeiro momento em que ela se tornou pública, isto é, foi gravada em disco de vinil, em São Paulo pela gravadora Continental no ano de 1978. Tanto a Canção de Alta Floresta como a Canção da Indeco falam da coragem dos pioneiros, da nobreza do colonizador em proporcionar a

oportunidade de participar do projeto de colonização. Propõe um futuro brilhante para Alta Floresta, em que todos poderão desfrutar de momentos de glória e que para chegar até lá seria necessário muito trabalho e empenho de todos.

A canção da Indeco é a legítima representação do que o colonizador esperava que os colonos fizessem para retribuir, tudo aquilo que ele estava proporcionando para eles. Ao observar a Canção da Indeco podemos notar o porquê de ela ser a mais cantada pelos alunos, afinal de contas, não era sem razão que ela previa justamente o futuro que todos almejavam.

Meu sertão está em festa/ Do Carlinda ao Paranaíta,
Pois nasceu a linda cidade/ que se chama Alta Floresta.
No meio da selva tão verde/ tratores de cor amarela
Num céu azul de turquesa/ cresce a pátria brasileira.

Suor dos homens de longe/ de todos os rincões da pátria
Formando uma nova cidade/ nesta terra abençoada.
Criando fatura e riqueza/ saúde ao seu povo, por certo,
Em muitos milhares de anos/ lembrarão sempre da Indeco.

São sonhos que se realizaram/ são vidas que se completaram
Um teto bom para morar/ muita terra para plantar
Café, cacau e castanha/ arroz feijão e muita fruta

Água pura e gado no pasto/ alegria é o final desta luta.

(autor da letra e música Dr. Rui Ramos)

A letra dessa canção sugere ainda que não é só o compromisso em fazer acontecer, um projeto de colonização, ou de formar o Altaflorestense comprometido com um futuro promissor, é necessário ir além disso é em última análise a formação do cidadão que deveria povoar a Amazônia. E com isso *“conquistar a Amazônia deixava de ser simplesmente uma questão de luta por melhores condições de vida e realização pessoal, para ser uma contribuição do cidadão à sua nação.”* (GUIMARÃES NETO, 1986, p.35).

Já a Canção de Alta Floresta pela sua melodia mais suave, causava uma certa melancolia e provocava em quem ouvia, principalmente nos colonos, um sentimento de estreitamento de laços com Alta Floresta. E sobretudo, era uma música que retratava exatamente a situação, ou seja o momento vivenciado pelos colonos

“Quando a lua vem surgindo, iluminando o meu sertão.” Nossa Senhora, era assim muito interessante porque tudo era muito bonito, você não tinha luz elétrica, a luz elétrica começou a funcionar, mas demorou um pouquinho, quando funcionava era tipo assim, era das seis as dez da noite, então a gente podia observar a natureza né. Aquelas castanheiras lindas assim, e aquela lua muito bonita e você cantando. Nossa! Era muito romântico e aquilo ajudava assim na socialização entre as pessoas. (CRUZ, Maria Antonieta. 14 fev. 1999).

Com todas as características específicas de um projeto de colonização, mais ainda do próprio projeto de colonização de Alta Floresta, o

currículo da escola Vitória Furlani da Riva não era diferente dos demais currículos das escolas de Mato Grosso. Os conteúdos eram os mesmos repassados pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEE – MT) e a orientação pedagógica também era dada pelos seus funcionários. Porém a Indeco também patrocinou alguns cursos nos primeiros anos de funcionamento da escola, sem contudo descartar a ajuda que era dada pelo Estado. Os cursos eram patrocinados pela empresa normalmente estavam voltados para a questão da socialização, e foi deste modo que no início do ano letivo de 1978 realizou-se

um treinamento para os professores, foi o primeiro e eles trouxeram dois instrutores do Rio Grande do Sul, Tânia e Beto, eles ministraram esses cursos para nós, esse treinamento de duas semanas, era o projeto... Foi o projeto Projedi, não sei o que significa, mas sei que entrava a questão de relações humanas e tal, nós fizemos esse curso em duas semanas e foi muito bom[...] foi assim de um conhecimento muito grande e terminou esse curso com uma confraternização, um almoço muito especial naquele dia e já também com as pessoas, com a Indeco também. (CRUZ, Maria Antonieta. 14 fev. 1999).

A escola já no ano de 1977 tinha em torno de 1.000 alunos matriculados e esse número aumentava todos os dias, pois os colonos iam chegando e logo procuravam a escola para os seus filhos. Alguns iam abrir suas terras e enquanto isso a família ficava na cidade para que as crianças pudessem ir para a escola e até mesmo para que pudesse ser construída instalações mais adequadas para morar. Então a escola pôlo recebia praticamente todos os alunos que depois iam sendo transferidos para as escolas rurais.

A escola que no primeiro ano de funcionamento atendia somente o 1º grau no ano seguinte já teve que ampliar e assim foi implantado o segundo grau, que teve como primeiros cursos o técnico agrícola e o magistério. Dois cursos no mínimo intencionais que tinham como objetivo o atendimento das necessidades da região. A formação de professores era primordial porque o número de alunos aumentavam muito e já não havia professores formados para atender a demanda. E o técnico agrícola que deveria formar os filhos com o objetivo de orientar os pais no cultivo da terra e assim permanecer junto da família no trabalho com a lavoura.

Devido a falta de estrutura para o funcionamento e de professores qualificados o curso de técnico agrícola foi desativado, e no seu lugar foi aberto o curso de contabilidade, que durante muitos anos foi ministrado na escola e que só foi desativado com a reforma do ensino médio.

A clientela da escola urbana era formada basicamente por filhos de colonos, funcionários da Indeco e dos profissionais liberais que estavam adentrando ao projeto como médicos, advogados e outros. Então como os colonos eram provindos da região sul dava para notar que

pelo aspecto físico, a maioria das crianças eram filhos dos colonos do sul, por incrível que pareça as pessoas eram todas do Paraná e muitas, muitas do oeste do Paraná, de onde eu tinha vindo também.[...] algumas pessoas vieram direto para cá de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, mas a população era mais de

paranaenses. E depois já no final de 79 começou a mesclar, começou a mesclar por causa do garimpo e aí veio gente de todas as partes do Brasil, mas principalmente do norte do país. (CRUZ, Maria Antonieta. 14 fev. 1999).

Esse encontro de culturas ocorrido em função do garimpo, teve o seu lado positivo que foi a troca de informações, de costumes, de dialetos regionais, enfim de conhecimentos diferentes que possuem o norte e o sul do país. Mas teve também o seu lado negativo, promovido pelo conflito entre as etnias e por conseguinte o choque cultural provocando todo o tipo de discriminação onde ninguém abdicava dos seus hábitos em função do outro para não perder suas raízes.

Assim cada grupo permanecia em seu espaço lutando para manter-se afastado do outro, porém como o espaço não era tão grande assim e todos tinham de ocupar sempre os mesmos lugares foram encontradas formas de conviver, mas nunca sem conflitos. E a escola foi um desses espaços que teve de ser partilhado, pela sua condição de escola pública tinha de aceitar e promover a conscientização dos alunos para uma convivência mais harmônica. E como o próprio colonizador afirma, *“nós tivemos muito trabalho, mas eu pedi ajuda para que se fizesse a conscientização do garimpeiro para que ele se adaptasse aos nossos costumes e não nós com os deles.”*(RIVA, apud FOLHA DE LONDRINA, 1986, p.07).

Era uma situação bastante difícil, pois para o colono o garimpeiro

estava invadindo o projeto posto que, ele não tinha permissão para estar ali. Por outro lado o garimpeiro como já morava na região norte do país ele se achava o dono da terra, e como o subsolo das terras não estavam documentados, já que as escrituras são apenas do solo, ele considerava o colono como invasor. Diante desse impasse é que foi sendo estabelecida a cultura do sul como superior enquanto a do norte era vista como uma cultura inferior.

Esse povo que veio para cá, os maranhenses, esse pessoal de lá, e eles ajudaram a formar uma etnia que eu prefiro nem fazer comentários, de pessoas aqui em Alta Floresta que eu não considero legal. Sinop por exemplo que não teve, tem outro tipo de gente lá. Aqui teve uma mistura que eu não considero legal.[...] no início as crianças tinham uma aparência saudável, mas depois de algum tempo já não tinham mais esse aspecto que tinham no começo. Você vê as fotos de crianças da época, eu tenho algumas. As crianças saudáveis, bonitas, depois é que a coisa começou a ficar mais difícil, não sei porque, mas no início as crianças tinham um aspecto melhor. (MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

Mesmo que algumas pessoas não aceitassem esse encontro de culturas, e o tratassem como se fosse algo negativo, isso acabou acontecendo e tornou-se impossível criar um isolamento entre garimpeiros e colonos, até porque os garimpeiros começaram a formar famílias dentro do projeto, não com a mesma base das famílias do sul, mas que acabaram dando frutos e esses filhos proporcionavam o entrosamento entre ambos mesmo quando os colonos se demonstravam resistentes.

Alguns colonos, principalmente os que chegavam no projeto nos anos

de 1982 a 1985 começaram a misturar-se com os garimpeiros e seduzidos pela riqueza fácil acabaram se aventurando no garimpo também. Isso tudo contribuiu significativamente para que ocorresse essa convivência que se no início foi muito conflituosa, com o passar do tempo foi sendo considerada normal. E o entrosamento entre as pessoas dessas duas regiões acabou sendo tanto que hoje você identifica as diferenças mais pelo aspecto físico, porque os hábitos e costumes já estão muito incorporados pelos dois lados. É comum você observar gaúchos, maranhenses e paranaenses tomando chimarrão juntos ou então saboreando um suco de açaí ou cupuaçu.

Ao recordar um pouco da história da escola Vitória Furlani da Riva, podemos observar que este espaço, como um importante colaborador no processo de formação de um povo Altaflorestense foi guiado pelos objetivos da colonizadora, que possuíam também uma preocupação de cunho religioso neste processo. A escola da zona urbana não tinha a presença constante do padre dentro da escola porque na cidade havia o prédio da escola e o da igreja separados. No entanto a diretora, mesmo não tendo importância para ela, demonstra que houve uma certa preocupação com relação a isso, pois ela não era católica praticante e então ela dividiu a direção da escola com um padre.

Era o padre Jorge Albertine, e esse padre Jorge, muito idealista, cheio de coisas na prática, e ele tinha um pouco de dificuldade de praticar mesmo as coisas, ele considerava uma porção de coisas, mas ele era inovador, ele ia pedir as coisas no comércio, todo mundo fez

uma porção de coisas, ele movimentou bastante.[...] ele foi colocado justamente pra me assessorar, pra me ajudar e como diretor ser uma pessoa de linha de frente. [...]porque esses assuntos que envolve religião eu nunca me ocupei e eles sabiam que eu não freqüentava igreja, eu não tenho religião e nunca fiz assim, aquela fachada de amigo só porque o cargo exigia, então foi dado essa parte de ocupação com religião foi colocado a Ir. Margarida como coordenadora e o Padre, também como diretor da escola para fazer essa parte. (MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

Esse cunho religioso dado pela presença do padre e da freira dentro da escola servia para reforçar os princípios religiosos que sustentavam a formação familiar como base da produção agrícola. E também para forjar nos filhos dos colonos uma identidade com a terra, afinal o projeto ali era criar um novo pólo agrícola do país. Assim a escola devia prepará-los para se voltarem para as questões relativas ao trabalho, como forma de conquistar um futuro melhor e quanto mais difícil a tarefa maior a recompensa.

Desse modo, a terra prometida era uma dádiva a ser conquistada com muito esforço e empenho e sobretudo com obediência, onde todos deviam entender-se como parte de uma família. Deste modo Alta Floresta tornou-se uma grande família, o que garantiu aos ,Altaflorestenses um chefe, um colonizador que era chamado de pai. E como o papel do pai dentro de uma família, é conduzir os membros à obediência e disciplina, todos passaram a ver em Ariosto da Riva o grande pai que deveria ser amado e respeitado por todos.

Com esse cenário onde se desenvolvia um currículo com duplo

caráter, um formal e outro informal, podemos dizer que a escola conseguiu conciliar muito bem os dois, e desenvolver suas atividades até com um certo mérito. A escola apresentava um currículo formal que consta nos registros das atividades escolares, porém sobre as atividades extra – escolares nada se fala, no entanto, esse momento em que a ideologia que se desenvolvia dentro do projeto, sempre foi amplamente divulgado na comunidade.

Estudar o currículo escolar do ponto de vista ideológico é realmente um grande desafio que tem que levar em consideração “*a preocupação em analisar o modo como as escolas, enquanto instituições sociais de preservação e distribuição cultural, produzem e reproduzem formas de consciência que permitem a manutenção social sem que os grupos dominantes tenham que recorrer a mecanismos declarados de dominação.*” (APPLE, 1982, p. 10). Essa apreciação de Apple sobre a questão da atuação da escola como entidade mantenedora dos ideais de um determinado grupo é relevante para entender como a escola de Alta Floresta se constituiu como um espaço de formação de indivíduos, no caso os colonos, para serem obedientes e permanecerem dentro do projeto de colonização.

A análise dos registros escolares como livros de atividades dos professores, diários de classe e outros não demonstram nenhuma referência a essas atividades comemorativas e outras realizadas pela escola a não ser como

um tópico a mais dentro dos outros conteúdos como por exemplo, “*Dia do aniversário de Alta Floresta, Sete de Setembro e ou Semana da Pátria.*” (DIÁRIO DE CLASSE, - prof. Helena Malicheschi, 1978), porém nos meses de preparação para esses eventos o registro de atividades demonstra que praticamente não havia aula pois, são vários dias de registro apenas de “*Ensaio para o desfile de sete de setembro.*” (DIÁRIO DE CLASSE, - prof. Raimunda L. dos Santos, 1978).

A acolhida não é citada como atividade, mas ela era uma norma que foi determinada por uma portaria interna da direção da escola. Mesmo não tendo registrado com detalhes essas atividades realizadas na escola por não estarem inseridas no currículo escolar, os eventos realizados são muito destacados nas entrevista da diretora da escola e da professora que não mediram palavras e nem emoções para exprimir a importância dos mesmos para elas e para a comunidade escolar.

O registro dessas atividades são os álbuns de fotografias, organizados cronologicamente, e muito bem guardado pela direção da escola até hoje; e os jornais da cidade que passaram a fazer a cobertura desses eventos a partir de 1984. Além destes registros, existem também fotografias e correspondências particulares, que os colonos mantêm em seus arquivos pessoais.

A escola não possuía uma proposta pedagógica escrita e portanto não

encontramos a filosofia da escola registrada em nenhum livro, mas podemos percebê-la no comportamento das pessoas que ainda permanecem na escola e mesmo naqueles que só a freqüentaram naquela época, que a filosofia ali trabalhada deixou marcar profundas em todos aqueles que por ali passaram. É uma filosofia que se expressa muito bem na intenção dos seus organizadores e colaboradores, em considerá-la como uma das condições primordiais para manter o colono na sua propriedade, ou mesmo, de formar neste colono a sua nova identidade cultural, ou seja a identidade do colono Altaflorestense. Entendendo que era necessário ter uma escola

não só na zona urbana, mas também na zona rural porque dentro de pouco tempo foram construídas muitas escolas na zona rural para atender mesmo esses colonos e na cidade além dos filhos dos colonos atendia também os filhos dos funcionários da empresa e os filhos dos profissionais que estavam se estabelecendo. Qualquer uma delas servia mesmo era para ajudar a preparar a terra e o atendimento era assim analisando o que as crianças realmente precisavam para viver nesta lugar que era muito isolado, além do básico que a escola costuma ensinar né. (CRUZ, Maria Antonieta. 14 fev. 1999).

O projeto da escola aqui se expressa justamente pelo cuidado que a escola teve em fazer o acolhimento dos filhos dos colonos, e também dos próprios colonos, demonstrando que ali existia uma organização e que ele poderia confiar tanto no que o projeto oferecia para ele naquele momento como para os seus filhos no futuro. A religiosidade sempre presente na escola na figura do Professor Benjamim e dos religiosos, também determinava essa filosofia que deveria observar as normas dogmáticas da igreja católica.

A escola da zona rural sempre manteve como professores alguém da comunidade e sempre filhas ou esposas de colonos, mas a escola da zona urbana com a chegada dos garimpeiros começou a entrar professoras de outras regiões que traziam idéias diferentes ou mesmo de pessoas que eram qualificadas para atuar na área de educação, porém ninguém conseguiu por muito tempo refutar a filosofia que ali estava impressa. Esses professores acabaram dobrando-se diante da organização e do domínio financeiro que a empresa colonizadora possuía sobre a escola, e então passaram a agir exatamente como os outros, isto é, dando continuidade na formação de um colono obediente, prestativo e sonhador.

A escola não tinha uma metodologia específica, ela era constituída por uma diversidade de métodos e procedimentos didáticos que normalmente os professores traziam de seus locais de procedência e também pela criatividade, e que eram trocados entre eles. Basicamente todos faziam o repasse dos livros didáticos, mas em relação as datas comemorativas cada um trazia uma atividade que era feita na sua região e reproduzia ali com os seus alunos.

As atividades práticas envolviam outros parceiros para a sua realização, como no caso do curso de técnico agrícola que precisava da colaboração da CEPLAC e da Indeco, então muitas dessas atividades eram orientados por técnicos ou mesmo pelos pais que tivessem conhecimento do

assunto. E de acordo com as necessidades da escola essas pessoas eram convidadas a colaborar com a atividade que estivesse sendo desenvolvida, o que nos primeiros anos era muito fácil, devido a espontaneidade das pessoas em colaborar com as atividades escolares.

Neste contexto o processo de avaliação era feito através de verificação do que havia sido ensinado pelos professores, e as atividades práticas que acabavam sendo desvinculada da teoria eram avaliadas à parte usando para isso conceitos traduzidos em pontos que eram somados as notas. Era ainda observado o comportamento dos alunos que também tinha uma pontuação a ser somada a nota da prova. Assim como em qualquer outra escola os alunos realizavam quatro provas semestrais e no final do ano havia o exame final cuja média devia atingir cinco pontos para a aprovação.

Os conteúdos formais estão expressos no registro dos diários de classe onde podemos observar a cópia fiel de livros didáticos até com citações de unidades e páginas. Obedecendo o planejamento anual e sob a orientação da SEE-MT, eram ministrados alguns conteúdos relativos a história e geografia de Mato Grosso, porém restritos a região sul do Estado. Questões como a colonização do norte do Estado, dos conflitos nas ocupação das terras, desmatamento e suas conseqüências ambientais, não faziam parte destes conteúdos.

Sobre o processo de colonização de Alta Floresta o que se falava na época era sobre os fatos que enalteciam os seus pioneiros e o colonizador e nada mais. Qualquer outro comentário que surgisse a respeito dos fatos ocorridos, como no caso das freqüentes Tacas nos garimpos, podia ser interpretado como crítica a empresa Indeco e isso causava sérios problemas para quem falasse no assunto e por isso, ninguém ousou questionar os métodos da expulsão dos garimpeiro, as derrubadas indiscriminadas nos grandes latifúndios por empresas multinacionais, ou mesmo os problemas causados pela implantação de culturas inadequadas à região.

Considerando que essa realidade não era trabalhada dentro da escola por estes serem considerados pontos que poderiam ofuscar o brilho de um projeto que servia também como referência, para os projetos de Paranaíta e de Apiacás que estavam sendo lançados pela Indeco. Então os conteúdos ministrados na escola, sejam os retratados nos registro de atividades dos professores, ou aqueles que estavam ocultos pelas atividades extra-classe, atendiam os interesses da colonizadora e tornavam a escola, um dos seus instrumentos para formar no colono uma identidade do homem trabalhador disposto a tudo para atender os objetivos de uma proposta curricular baseado no processo de repetição e de atividades colonizadoras.

Como as atividades extra-classes serviam mais para moldar comportamentos, do que para a preparação do agricultor, também os trabalhos

manuais na horta, não foram usados apenas para ensinar ao aluno os conhecimentos escolares, mas também para conscientização da sua condição de colono. Os conteúdos ministrado serviram então de formação de um homem que devia pensar que tinha força, persistência e sobretudo coragem para enfrentar os dias de trabalho. Essa era a condição para que o colono fixar-se definitivamente na nova terra e com os seus próprios braços edificasse uma nova sociedade onde eles teriam uma casa melhor, uma cidade melhor, enfim uma vida melhor para todos que ali estivessem.

A organização das disciplinas oferecidas pela escola seguia a normatização prevista na Lei de Diretrizes e Bases 5692/71 que constava de um núcleo comum e de uma parte diversificada. Nesta parte diversificada as disciplinas oferecidas davam margem a preparação das atividades extra-classes, como no caso dos eventos escolares ou da comunidade e da preparação e manutenção da horta e dos jardins. Nesses momentos todos se empenhavam o máximo que podiam e

era uma coisa muito espontânea a ajuda das pessoas e a colaboração em qualquer tipo de coisa, havia muita espontaneidade! E dentro da escola também eu via isso na dedicação com o magistério, hoje pra você conseguir uma hora extra de um professor é muito difícil, mas naquele tempo era vontade de participar, até porque a maioria nunca tinha feito aquele tipo de trabalho. (MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

Para a realização das aulas práticas contavam com a colaboração de toda a comunidade, mas principalmente da Indeco que fornecia desde os livros

da biblioteca até as enxadas da horta. A diretora da escola diz que

eu me lembro que as carteiras eram de fibra nas cores verde e amarelo e foram doadas pelo Sr. Nino da NB, Sr. Nino e o Sr. Benety.[...] Eles faziam muitas doações, muitas coisas eles doaram para a escola e até pra bancar os funcionários também e os professores trabalharem ali até que viesse o primeiro salário do Estado a Indeco tinha uma folha de pagamento para a escola. (MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

Apesar da colonizadora sempre fornecer a maioria da estrutura da escola, ela nunca deixou de buscar parcerias e de procurar sempre trazer a comunidade a participar da escola, tanto em relação a doação da estrutura física como em prestigiar os eventos realizados na escola com a sua presença. O Estado também participava com os programas de doação dos materiais didáticos como os livros, cadernos, lápis e outros, além disso era fornecido também a merenda escolar porque

o professor Benjamim queria que tivesse o básico que seria a sala de aula, o professor pras crianças, o banquinho escolar, a merenda escolar que tinha garantido, sempre teve a merenda escolar, a merenda escolar quando não era a Indeco que bancava, o prefeito de Aripuanã, ele mandava uma pessoa aqui e depois mandava a merenda que vinha lá para eles, e daí eles mandavam um pouco para cá, essa merenda que é distribuída pela secretaria de Educação.(MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

Essa preocupação com a escola representa o interesse de que os filhos dos colonos, não importando a sua condição financeira, pudessem frequentar a escola. No entanto, isso não foi o suficiente para manter todas as crianças na escola, pois no decorrer dos anos a população começou a se deslocar dentro do

próprio projeto ou então para as novas frentes de colonização e o número de transferências e desistências aumentou significativamente.

O garimpo também contribuiu para que as crianças deixassem a escola para acompanhar os seus pais e assim mesmo com toda a estrutura da escola e o número de aluno aumentando a cada dia, muitos desistiam de estudar. Criou-se dentro da escola uma população de alunos flutuantes, que chegavam e saíam com a mesma intensidade. Isso causava sérios problemas para a administração da escola, pois até mesmo os professores foram atingidos por essa onda, e como a maioria dos professores não eram qualificados para a área de educação, e sim eram profissionais liberais que

chegavam na cidade, então muita gente como o Celso Bevilaqua chegou, e o primeiro momento dele foi na escola. Fui fazer contato e já convidei ele para dar umas aulas de biologia.[...] era também muitas pessoas que vinham para cá, então as vezes eu emprestava o nome, as vezes elas até davam aula um tempo, mas as vezes em seguida, enquanto a papelada ia e voltava, chegava outro mais qualificado, então os maiores problemas que eu enfrentei no Furlani foi a falta de professores[...] e o número de alunos que era sempre maior do que a previsão.(MASSARELLI Amélia P. Marins. 02 fev. 1999)

Com todas essas questões a capacidade de manter os objetivos dado a escola pelo professor Benjamim, e que atendia os requisitos propostos pela Colonizadora eram assegurados por um currículo escolar que, mesmo não estando registrado é o que mais marcou as pessoas que compartilharam do ambiente escolar no início da colonização. A missão social da escola em

organizar as relações humanas e que eram realçadas pelos cursos que a Indeco financiava, assim como a acolhida onde professores e alunos aprendiam a olhar com os olhos do compositor a realidade que os cercava demonstram a força de sobrepor a qualquer situação adversa que pudesse existir.

O filho do colono ensinava e trazia os pais para vê-los cantar, rezar e enaltecer a nova terra, que não era qualquer terra. Se ali não era a sua terra de origem, a identidade criada tornava-se tão forte, que era agora no entender do colono

eu não nasci aqui, eu sou paranaense de nascimento, mas eu nem me lembro de lá direito. Então aqui agora é o meu lugar. Aqui eu ajudei a construir, em cada árvore, em cada tijolo, em cada pedacinho daqui eu vi e ajudei a construir, então tudo o que eu tenho está aqui. Eu estou aqui, minha família está aqui, minha vida é aqui. Por isso eu nem penso em sair daqui. Eu amo esta terra. Sou paranaense de nascimento mas sou Altaflorestense de coração. (OLIVEIRA, Dalva Lelis. 09 fev. 1999).

Essa prática deu frutos, diante da falência de tantos projetos de colonização, Alta Floresta resiste. E a escola que colaborou neste processo, nos seus 20 anos de existência continua a ocupar um lugar de destaque na cidade. Como no início ela é uma escola estadual de 1º e 2º Graus, cujo terreno e construção ainda pertence a Indeco, mas os salários e manutenção são feitos pelo Estado. Constituída como um símbolo de poder atualmente tem sofrido com as depredações constantes em suas condições físicas, mas ainda é alvo de disputa entre os professores mais antigos que a consideram como parte de suas

vidas e não abrem mão de dar aula na mesma escola.

Com o passar dos anos, foram sendo criadas outras escolas estaduais na cidade e ampliando a capacidade de atendimento dos alunos, mas a construção desta ainda contava com a colaboração da comunidade. Porém a escola Vitória Furlani da Riva nunca perdeu o status de primeira escola e também de pertencer a Indeco, tanto que, sempre que possível Ariosto da Riva se fazia presente em seus eventos.

3. Escola ou igreja na formação do colono

Fazendo parte da escola estadual, as escolas rurais foram criada como extensões da escola Vitória Furlani da Riva e portanto também eram estaduais. As escolas rurais no início da colonização faziam parte das propagandas de venda das terras para os colonos que visitavam o projeto. Elas foram construídas em “*madeira, com piso em alvenaria e telhado de eternite – ou seja em muito boas condições*” (ARAUJO, 1999, p. 131), e para a região elas apresentavam um espaço considerável, que era composto de uma sala de aula, uma área coberta e banheiros, e um amplo terreno aberto no meio da mata.

A escola da zona rural não tinha tanta projeção como a da zona urbana, mas ela exercia uma função muito maior porque ela tornou-se o local de encontro da comunidade, desde a sua criação até o uso da mesma que era feito em parceria com a igreja. A escolinha que também era a igreja, era um local de encontro para os colonos.

Durante a semana os filhos dos colonos iam para a escola aprender os conteúdos escolares e nos finais de semana juntamente com toda a família se dirigia novamente para lá assistir o culto. Isso quando não havia missa durante a semana, porque se houvesse as aulas eram suspensas para que todos pudessem participar. A presença do padre nas escolas determinou o seu caráter de espaço religioso e formador que preparava o colono para aceitar a sua condição de vida que estava se estruturando dentro do projeto.

Os professores dessas escolas eram pessoas da própria comunidade, escolhidas segundo os critérios da igreja, portanto não precisava ter formação para ensinar. O que realmente importava era que fosse um pessoa de família, com princípios morais católicos e que pudesse exercer também a função de catequista. Então esses professores davam aulas durante a semana, catequese aos sábados e ainda coordenavam as celebrações dos domingos. Sendo assim quem normalmente assumia o cargo de professora eram as *“filhas dos agricultores que tinham chegado aqui. A Nilza Tramontim foi uma dessas moças que tornou-se uma professora. Eram pessoas simples, mas que representavam a comunidade. Então sempre que se formava uma comunidade já vinha alguém para ser treinada para assumir a função de professora.”* (MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

A rigorosidade moral exigida dos professores provocava uma seleção entre as pessoas da comunidade e a maioria delas eram filhas dos colonos ou

então esposas. A indicação para o cargo era feita pela comunidade que tinha o poder de decisão de contratar e/ou substituir a professora no momento que julgassem necessário. A partir do momento que assumia essa função, a professora tinha na escola o seu segundo lar, pois os pais reclamavam dela um comportamento de mãe. Uma mãe capaz de cuidar das crianças e de educá-las de acordo com o seu próprio exemplo de vida.

Além da relação com a igreja, a escola também era o local de divulgar as novas experiências com as culturas ainda não conhecidas pelos colonos, como é o caso do plantio do cacau, do guaraná, e outros. As professoras também aprenderam com os técnicos a formar mudas de café para depois vendê-las para os colonos. Os técnicos, no início da colonização, não se preocuparam diretamente com o plantio do café devido aos colonos já conhecerem este tipo de cultura. No entanto eles se orientaram os professores para produzirem as mudas de café em viveiros improvisados nas escolas para depois comercializá-las.

Os professores trabalhavam com seus alunos e formaram viveiros com capacidade de atender a demanda da comunidade. Este trabalho se estendeu por muitos anos e mesmo depois que as escolas se tornaram municipais ainda possuíam os seus viveiros e prestavam contas dos seus lucros com a secretaria de educação do município.

Quando Alta Floresta tornou-se município as escolas rurais deixaram

de pertencer a escola estadual para serem municipais, e a partir daí, a Indeco deixou de construir as escolas para apenas ajudar com a doação de alguns materiais. Nesse momento o projeto já era um sucesso e os colonos chegavam todos os dias, e a escola já não precisava ser construída para a propaganda, na verdade agora se instalava uma nova estratégia, onde o próprio colono deveria construir a sua escola através da organização da comunidade. A partir do momento em que o padre instituía a comunidade dando a ela o nome de um santo ou de uma cidade bíblica e celebrando uma primeira missa, que tanto podia ser na casa de um dos colonos ou então até mesmo em baixo de uma árvore, estava criado o compromisso de construir a escola.

A igreja atuava em todos os sentidos e a própria Indeco se baseava nesta parceria, que era um lado importante para o projeto, justamente porque a maioria das pessoas que vieram para cá eram católicas, eu senti esse apoio espiritual. Quantas vezes eu vi o Pe. Geraldo celebrando as missas em baixo do mato.[...] porque ele deu realmente sustentação a essa parte comunitária, então tudo dependia muito da conscientização das pessoas em participar da comunidade, e isso era feito, geralmente era junto, a base da igreja era junto com a parte da escola.(ARAÚJO, Divino Correia. 13 fev. 1999).

O padre Geraldo muitas vezes intermediava o pedido dos materiais de construção na Indeco, ele como um grande amigo do colonizador, levava os coordenadores da comunidade lá na empresa e os apresentava a Ariosto da Riva e deixava que eles formalizassem o pedido. Essa função de mediador é devido a posição subalterna ocupada pelo colono. “Logo a vida fora da colônia é mediada por alguém ‘que sabe falar’, a quem se delegam responsabilidades[...]

alguém que ‘fale’ por ele.”(RENK, 1995, p. 28). Desse modo o padre exercia essa função e assim se constituía no representante das comunidades nas negociações com a colonizadora e depois até mesmo com a prefeitura. Apesar do município ter assumido as escolas rurais, ainda assim, o colonizador continuou a doar os materiais de construção, que depois eram utilizados na construção das escolas usando o sistema de mutirão

Quando a turma chegou aqui foi feito uma reunião e como eles eram tudo meio católico, então o Sr. Passos liberou para construir a igreja nas terras dele e a escola também foi a mesma coisa, só que na terra da Indeco. Quando eu cheguei aqui não tinha nada, nem escola, nem estrada, mas no outro ano a Indeco construiu. Nessa parte o Sr. Ariosto foi muito homem, ele entrou com farmácia, escola, hospital e logo no primeiro ano.(MENDES, Benedito. 11 fev. 1999).

Se no primeiro momento era importante saber da existência da escola, agora era muito mais importante permitir que o colono, que ao observar as comunidades em funcionamento, começasse a construir a sua comunidade. Assim cada comunidade foi sendo formada com o processo de mutirão dos seus próprios moradores, mas sempre com a orientação do padre e com a colaboração da Indeco, que mesmo com a criação do município e com a atuação da secretaria municipal de ensino continuava a cuidar para que os colonos pudessem construir a sua escola que também era a sua igreja.

O currículo da escola rural tinha algumas especificidades que atendiam o ensino da região, ou seja, o currículo foi adaptado as necessidades dos colonos e questões como a criação do viveiro de mudas e a criação de um

calendário especial para a zona rural.

O viveiro era um incentivo ao plantio e também uma orientação para o colono que chegava, pois a medida que os seus filhos preparavam as mudas de café na escola, ele levava para a casa tanto as técnicas para a produção da muda como o modo de cultivá-las. Isso se refletiu na formação de grandes plantações de café na maioria das propriedades do projeto. Sobre esses viveiros o professor afirma que

tinha escola que tinha, mas na minha escola não houve, mas em quase todas tinha, as crianças plantavam junto com os professores e as vezes até com alguém da comunidade e depois vendi aquelas mudas e investia em alguma coisa que a escola ou que a comunidade precisava, eram umas aulas boas, uma aula de técnica agrícolas que estavam entrando ali na vida da criança. (SILVA, Francisco Luiz. 02 fev. 1999).

A preocupação com a preparação do colono para utilizar a sua propriedade ia além de ensinar os filhos a produzir as mudas de café na escola, chegando mesmo a adaptar o calendário escolar com os períodos de maior utilização de mão de obra na lavoura. Isso porque a agricultura baseada no trabalho familiar exigia da escola uma adaptação para que as crianças não tivessem que deixar o trabalho para ir as aulas. A preocupação do sistema escolar com o filho do colono, teve no professor Benjamim, uma pessoa com soluções muito criativas para conciliar a necessidade do aluno participar da escola e ao mesmo tempo não desfalcara a mão de obra na lavoura. E com essa preocupação,

a escola sempre via o atendimento a essas crianças, filhos de colonos, mas sempre analisando o lado que muitas vezes, dessas crianças porque, e aí diferenciavam. Por exemplo, as férias escolares para conciliar com as colheitas, porque nesta época elas deixavam as escolas para ajudar os pais, então a agricultura é aquilo que você já sabe, ela tem épocas.[...] então foi aberto uma instrução e foi aberto um calendário para as escolas da zona rural em virtude de que, dessa necessidade que surgia lá. (CRUZ, Maria Antonieta. 14 fev. 1999).

A participação nos eventos comemorativos se destacou nos primeiros anos, onde as escolinhas eram convidadas a participar das comemorações na cidade. Então os alunos eram trazidos para desfilar, ou mesmo apresentar seus trabalhos nos eventos promovidos pela escola pólo. Como a direção das escolas era a mesma, então a recepção e preparação dos alunos da zona rural ficava a cargo da direção da escola. A diretora Amélia afirmou ser esse um momento muito especial, e que ela demonstrava todo o empenho para receber essas crianças.

As escolinhas rurais vinham e todo mundo de caminhãozinho e a gente servia lanches para eles cedo, que tem essa das crianças desmaiarem de fome, então eu tocava comida nessas crianças e água.[...] então a gente orientava, ia na fila e dizia: Tome bastante água, oferecia água para eles, porque era tudo muito árido ainda, tudo muito grande, as distâncias eram muito grandes, então as crianças pareciam. Umas coisinhas, e a gente se sentia essa sensação de desproteção com a natureza. (MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

Os alunos das escolas, principalmente da zona rural, eram somente filhos de colonos e a maioria provindas da região sul. Sobre essa clientela, os professores da época descrevem como, crianças bonitas, loirinhas e de olhos

claros, assumindo assim um perfil completamente diferente das crianças de Mato Grosso. Isso de acordo com a diretora da escola causava grande impressão aos visitantes da Secretaria de Educação do Estado, pois durante as visitas eles costumavam elogiar muito a dedicação dos professores, a forma de organização e sobretudo a beleza das crianças. No início da escolas toda a orientação pedagógica vinha de Cuiabá, sem levar em consideração que a

demanda não tinha nada a ver, em termos estudantil, com a de Cuiabá, absolutamente nada. Inclusive nós não tínhamos aqui na escola nenhum aluno mato-grossense, eram noventa e tantos por cento do Paraná e especificamente do norte do Paraná, não era aluno de Curitiba, nem de Campo Largo, nem de (pausa) eram de Goioêre, de Umuarama, de Campo Mourão, Maringá, e mais ainda dos fundão lá do Paraná, como cruzeiro do oeste, Paraná do oeste, desses lugares que vinham para cá, que formaram, nós formamos a população de Alta Floresta. (MASSARELLI, Amélia P. Marins. 02 fev. 1999).

A ausência de alunos da região norte era total nas escolinhas, pois normalmente os filhos dos garimpeiros se dirigiam para a escola da cidade, onde ficavam instalados enquanto eles iam para os garimpos. Mas mesmo assim a escola rural seguia a mesma orientação dada a qualquer escola do Estado em relação ao conteúdos básicos ensinados nas escolas de primeiro grau, contudo sempre voltado para o atendimento das necessidades dos colonos.

Essa escola que hoje é fruto deste período histórico continua a realizar dentro das suas paredes, mas com reflexos em toda a sociedade a sua função primeira que foi e continua sendo a formação de uma identidade do colono

voltada para a necessidade de ocupação da Amazônia de forma ordenada e seletiva. Assim todas as ações que eram desenvolvidas dentro das escolas, estavam sempre voltadas para o sentido de preparar o colono para o trabalho e a aceitação da sua condição de pequeno agricultor. E também pela tentativa de mostrar a sua condição de espaço neutro, desvinculada de qualquer compromisso político ou social, criou um terreno fértil para que a ideologia do colonizador fosse amplamente divulgada.

Assim podemos dizer que num pequeno espaço de tempo, com as condições sociais propícias e os instrumentos ideológicos adequados, as primeiras escolas de Alta Floresta formaram seus alunos, professores, funcionários e comunidade em geral. Esse processo estava voltado para a formação de um colono detentor de um sentimento de amor e até mesmo de idolatria, pelo projeto que ele estava ajudando a construir.

A preparação do colono para viver em terras Amazônicas, feita por uma educação atrelada aos princípios morais da igreja e sob o lema do trabalho, teve na ação do colono todo o seu empenho, para que ele conquistasse como recompensa um futuro melhor, para si, para a família e até mesmo para a nação brasileira. E o colonizador, por conseguinte, viu os seus objetivos tornando-se realidade diante das estratégias que ele aplicou no projeto e principalmente pelas ações que a escola desenvolveu e ainda continua a desenvolver dentro da

sociedade Altaflorestense.

Os colonos reunidos na escola é que vão formar a comunidade, e quando fazem parte desta já não estão mais sozinhos, o sentimento de isolamento, a ausência dos familiares, dos vizinhos são trocados pela presença novos companheiros de colonização e pela nova família, pois Alta Floresta era considerada como uma grande família. E as dificuldades e os problemas começam a ser discutido por todos, perdendo assim a sua particularidade, uma situação problemática na vida de um determinado colono passa a ser um problema para a comunidade.

A igreja-escola e ou a escola-Indeco, guiada pelos princípios morais da igreja católica reuniu todos os colonos para dar a eles uma nova identidade, um novo jeito de ser colono. Pois se a maioria destes já eram descendentes ou mesmo colonos, o que realmente ocorreu foi a preparação, ou seja a formação do colono Altaflorestense, preparado para trabalhar na selva Amazônica.

O projeto estava localizado numa região muito isolada e selvagem, o único acesso por terra era a estrada Cuiabá – Santarém e depois a J-1 que adentrava a floresta amazônica, atravessava o rio Teles Pires e chegava na cidade de Alta Floresta. Esse era o ponto final, dali só voltando para trás, porque para frente era só mato. Apesar dos esforços da empresa em tornar o local habitável, havia muitos problemas com relação a floresta e com o clima e

que o colono do sul não conhecia.

Então diante de todas essas adversidades, o colono resistiu e se adaptou e fixou na terra. Isso se deu em função de que havia lá uma pessoa, ou grupo de pessoas, que os aconselhava a continuar lutando para construir um futuro melhor para todos e também para lembrá-los que voltar seria um sinal de fraqueza. Assim neste espaço da escola, a presença do colonizador, seus funcionários, do padre ou mesmo dos próprios colonos, que se mantinham unidos, recebiam doses constante de incentivo para não desistir nunca.

Esse incentivo vinha com as celebrações da colonização, ou seja com os eventos comemorativos que se constituíam em verdadeiros momentos de adoração ao colonizador e a colonização. As homenagens prestadas pelos filhos dos colonos ao colonizador, bem como a todas a sua família iam, desde os mais simples versos e poesias, até a verdadeiros shows com direito a músicas, presentes e longos discursos sobre a coragem e a determinação que associadas a bondade extrema de Ariosto da Riva. Falavam sobre a grandeza de um herói, e a beleza da sua missão em conduzir outros homens para uma terra de fartura, de riqueza e certeza de um futuro garantido para os colonos e seus descendentes.

E então a escola, ou igreja, ou associação de colonos, este espaço doado, acenado no início da colonização como bandeira de civilidade, de futuro garantido, de cidadania e que depois se transforma na possibilidade de organização e de preparação da própria comunidade é sem dúvida a estratégia

primordial para que ocorresse o processo de formação do colono.

É no espaço da escola, como poderia ser em qualquer outro, desde que este lugar aparentasse neutralidade e a acessibilidade aos colonos, que se preparou um colono forte, decidido e sem restrições para alcançar a sua esperança de possuir uma terra grande, com espaço e riqueza para si e para toda a família. A certeza de um futuro só de progresso e de riqueza apagava as dores e os sofrimentos provocados pelo isolamento e as dificuldades.

As relações estabelecidas no projeto apontavam para o consenso geral de que Alta Floresta se apresentava como a solução para todas as mazelas sociais, e que fazer parte do processo de colonização era mesmo uma grande oportunidade. Essa era a chance de garantir um futuro promissor para si e para todos os descendentes. E os rituais praticados dentro da escola e nas relações que a escola estabelecia com a comunidade, fortaleceram a formação de um colono especialmente preparado para a colonização de Alta Floresta.

Como o sonho do colono é possuir um pedaço de terra, ele ali tinha que lutar para manter essa tão sonhada terrinha, pois seria uma decepção muito grande depois de ter conseguido realizar esse sonho, mesmo que lá na Amazônia, deixar tudo e voltar para o sul onde ele já não tinha mais nada. E assim com todo o respaldo da colonizadora, o colono foi se identificando com o lugar, usando o próprio exemplo do colonizador que deixou São Paulo para se

embrenhar naquela mata. E no caso de Ariosto, como ele mesmo afirmava, nem era preciso pois já havia feito fortuna, então não havia mais dúvida, ali era realmente o seu lugar. Era a esperança de um futuro melhor para os filhos proporcionado pela quantidade abundante de terras, pela escola próxima dos lotes, enfim por uma grande chance que se apresentava num lugar novo onde o colono poderia crescer junto com o município que ele estava construindo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos fatos mais marcantes quando se estuda o processo de colonização de Alta Floresta é a admiração que os colonos possuem do colonizador. Para eles todo o processo de construção do projeto aconteceu devido a existência de Ariosto da Riva. E assim todo o trabalho despendido para a construção do projeto torna-se mérito apenas do colonizador.

Existe ainda uma preocupação excessiva com as afirmações sobre o colonizador, algo que faz os colonos se calarem, e depois buscar meios de compensar as afirmações e as emoções com demonstrações de gratidão e admiração ao colonizador. Um silêncio que apesar da insistência em demonstrar transparência, ainda denota insegurança.

O silêncio dos colonos é promovido pela força e o poder de Ariosto que mesmo depois de sua morte, continua presente em todos os espaços, provocando o mesmo medo e incerteza do futuro dos que ousaram questionar a sua atuação. Pois quando alguém teve essa pretensão logo foi calado pelas inúmeras virtudes do colonizador, ressaltadas pelos próprios colonos como sendo, uma justificativa a todo e qualquer ato extremo, tomado em defesa do projeto, como por exemplo a questão da expulsão dos garimpeiros.

A história do colono é sempre a história de Ariosto da Riva, pois ele não admite jamais que, fora incentivado pelo colonizador e assume a autoria do

conflito com os garimpeiros como se fosse de sua, e mais do que isso, como se fosse necessário para a continuidade do projeto. As palavras que fazem parte desta realidade mais recente, atropelam as que tenham mais significação na experiência passada. As novas palavras passam a ter um conteúdo cada vez mais estranho às suas vidas desordenando o seu imaginário social e assim “*as lembranças pessoais e grupais são invadidas por outra história, por outra memória que rouba das primeiras o sentido, a transparência e a verdade.*” (CHAUI, apud BOSI, 1994, p.19).

A outra história – a do colonizador – aparece e rouba a história dos colonos, até porque eles eram os **seus colonos**, e o progresso da cidade conseguia abafar qualquer insucesso individual. Mas o que foi realmente banido da memória dos colonos? Com certeza todas as dificuldades e as longas jornadas de trabalho. Em seus lugares são colocadas as recordações dos fatos que somente enobrecem o colonizador e o projeto.

As dificuldades do passado são relembradas como fatos irrelevantes diante da realização do sonho, e ninguém se incomoda de lembrar que trabalhava doze ou dezesseis horas por dia. Afinal de acordo com os próprios colonos e funcionários da Indeco, “*era preciso construir uma cidade e isso dava trabalho, mas que agora é muito bom pois, dá uma sensação muito boa, uma sensação de um dever cumprido*”(TELLES, Valdir. 06 fev. 1999).

A memória de um trabalho social, coletivo, repunha as diferenças e a exploração social que era a expressão viva da degradação do trabalhador que havia migrado para lá. As dificuldades de recordar os tempos da chegada, fundava-se um novo lugar que tudo evocava sempre o presente, expulsando da memória a história dos sofrimentos, ficando substituídas pelas marcas do progresso atual.

O grande empresário, com cognomes que viajam pela história desde o Bandeirante do século XX até o Homem da Reforma Agrária, realizou o seu sonho que era ver o sucesso do seu investimento. Assim no lugar que ele foi projetado para o mundo como exemplo de pessoa bem sucedida, de coragem e que estava civilizando a Amazônia, também foi o lugar que escolheu para ser a sua última morada, num túmulo simples enterrado no chão o corpo do homem que não mediu esforços para conseguir seus objetivos, agora repousa. E de lá mesmo em silêncio ainda está vivo na memória daqueles que realmente foram os **seus colonos**.

Os colonos quando são questionados sobre o porquê de permanecerem no projeto até hoje os colonos dizem que é exatamente pelos primeiros anos do projeto, por uma experiência sem igual de solidariedade, de amizade, de companheirismo, onde todos tinham um mesmo objetivo e trabalhavam juntos para que isso viesse a acontecer. Isso foi criando o sentimento descrito como amor,

Eu me apaixonei por Alta Floresta, mesmo quando eu cheguei e ela praticamente nem existia né, eu gosto muito dessa população, eu tenho verdadeira adoração por essa cidade. Então eu ainda sonho, como sonhadora também, eu acredito que pode ser que demore um pouco, mas ela vai se transformar numa grande cidade, então eu estou aqui porque eu gosto da cidade mesmo e porque acredito no que ela possa vir a ser.[...] Porque nós chegamos aqui em Alta Floresta e nós tínhamos um barraco de lona para morar, então de vagarinho, com muito trabalho a gente foi construindo, e hoje a gente tem uma casinha melhor, tem um carro, tem um sítio, umas vaquinhas, tem alguma coisa. Então a gente cresceu rápido, mas cresceu, cresceu com estrutura, base né. Então aqui praticamente está tudo o que é nosso, é como se a gente estivesse enraizado aqui, é como se a gente tivesse praticamente nascido aqui. Então é como se fosse a cidade natal. E eu permaneci por amor mesmo, por gostar.(OLIVEIRA, Dalva Lelis. 09 fev. 1999).

Esse sentimento comum a todos, criado também pelo laço da propriedade da terra ou de bens, é que sustentava a relação dos colonos com o projeto e por isso Ariosto jamais retirou a terra de quem atrasou prestações, ou então teve problemas para pagá-las. Muito pelo contrário, ele sempre estudava junto com o colono uma saída para que todos fossem beneficiados. E os colonos, até mesmo pela sua formação, achavam que isso era um favor. Enquanto que na verdade, ele queria mesmo era manter os colonos na terra, pois só o sucesso dos primeiros colonos seria a garantia de que outros colonos adentrariam ao projeto.

Hoje, quando perguntamos aos colonos se eles, depois de todo esse tempo tem vontade de deixar Alta Floresta, posto que agora possuem condições financeiras de se estabelecer em qualquer outro lugar do país, eles respondem

de imediato que não, pois

Alta Floresta precisa das pessoas que querem vencer, não só financeiramente, mas vencer do ponto de vista pessoal, familiar, né e eu gosto muito daqui, gosto do clima, gosto das pessoas, tem sido uma escola para mim né, as próprias dificuldades que a vida oferece servem de lição para nós reciclarmos os nossos temperamentos, a nossa personalidade, então eu me sinto bem, eu acho que eu posso ser útil né, em alguma coisa, e isso me dá forças para que eu pense em não deixar Alta Floresta, cada vez mais acreditar nisso daqui. Eu não trocaria Alta Floresta por nenhum outro lugar, em meus planos eu acho que vou continuar em Alta Floresta e tentar realizar os projetos, aquelas idéias né, realinhando as metas. Mas eu jamais pensei, por mais dificuldades que tenha passado, jamais pensei em buscar, em sair de Alta Floresta e buscar outras regiões para viver, eu acho que não me adaptaria mais, acho que já faço parte dessa sociedade e é aqui, com dificuldades ou com sucesso, que eu vou ficar. (ARAUJO, Divino Corrêa. 13 fev. 1999).

Essa é a opinião de quem participou do processo de formação dos colonos e acabou tomando para si o mesmo objetivo de vida daqueles que foram orientados e auxiliados, na sua adaptação nesta nova região. E também de quem assumiu Alta Floresta como sua terra, onde deveria viver para sempre, porque de acordo com o colonizador, este projeto tinha futuro, e esse futuro estava sendo colocado nas mãos das pessoas que estavam construindo.

A formação dessa consciência social na colonização, forjando no pensamento de todos o vínculo que parte para o lado da adoração do lugar, como se ali fosse a terra prometida, foi a grande estratégia que o colonizador, para criar um processo de formação de um colono preocupado com o seu projeto de vida. Desse modo, como este estudo partiu do ambiente escolar,

como parte das ambiências sociais da colonização, ainda resta outros espaços do projeto que, ao também serem investigados com certeza poderão fornecer elementos para uma visão mais ampla desse processo.

Além disso, existem outros segmentos sociais, como no caso dos garimpeiros, que tiveram uma participação muito importante no projeto, e que vai além da relação estabelecidas entre estes e colonizador, e ou colonos. Outro elemento que poderia ser abordado em relação ao projeto é a atuação dos religiosos, que ao organizar as comunidades, implantaram um processo de organização das Comunidades Eclesiais de Base.

Todos esses aspectos e outros mais, ao serem abordados poderão contribuir em uma pesquisa sobre a colonização e assentamentos dos colonos. A opção pelo estudo de como a instituição escola se organiza e atua nos projetos de colonização demonstra que existe uma estreita relação entre os processos de formação humana. A escola como um dos espaços de ambiência cultural onde se desenvolveu algumas das relações da colonização torna-se instrumento do colonizador na consecução dos seus objetivos em preparar um colono que estivesse apto a enfrentar uma nova realidade.

E mais do que isso faz com que este colono assuma para si uma nova identidade capaz de quebrar o vínculo com a sua terra de origem e de adotar a nova terra como se fosse agora sua terra pátria. Então o colonizador utilizou-se do interesse do colono de ter uma casa para morar, terra para plantar e criar

seus animais, escola para os filhos estudar, a garantia do futuro dos seus descendentes, enfim a segurança e a tranquilidade de poder dar aos seus condições de um futuro seguro, para construir seu próprio projeto de vida.

Nesse sentido Ariosto colocava Alta Floresta como “*uma oportunidade sem igual, para que os pequenos proprietários possam se tornar em grandes empresários da terra.*” (SUPLEMENTO DA INDECO, 1978). E a maioria dos colonos que ouviram essa frase foram em busca dela, senão pela ingenuidade, com certeza pela necessidade, forjada pela sua situação de não ter condições de permanecer no local onde participou da abertura da terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APLLE, Michael W. Ideologia e currículo. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ARAÚJO, Ricardo Torri. O movimento boa nova. Belo Horizonte: O Lutador, 1999.
- BENJAMIM, Valter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política sobre o conceito de história. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOIXADÓS, Roxana. Fundaciones de ciudades como rituales: análisis de tres casos en el contexto de la conquista del tucumán colonial. In: Anuario Antropológico. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1994. p.145 a 177.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.183 a 191.
- CHAUÍ, Marilena. In: BOSI, Ecléia. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.
- GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. A lenda do ouro verde. Campinas, 1986. Dissertação (Mestrado em História) Setor de Humanas, UNICAMP.
- IANNI, Otávio. A luta pela terra: história social da terra e a luta pela terra numa área da Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1981.
- JATENE, Heliana da Silva. Reabertura da fronteira agrícola sob controle: a

- colonização particular dirigida de Alta Floresta. Campinas, 1983.
Dissertação (Mestrado em Sociologia) Setor de Humanas, UNICAMP.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes;
AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação
Getúlio Vargas, 1996. p.168 a 182.
- MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. Trad. Maria Lúcia Cumo. Rio de Janeiro:
Paz e Terra, 1996.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos. Rio de
Janeiro, vol. 5, nº 10, 1982. p. 200 a 215.
- PRETI, Oreste. A colonização oficial em Mato Grosso. Cuiabá: UFMT, 1994.
_____. Colonização. Cuiabá: UFMT, 1993.
- RENK, Arlene. Questões sobre a migração urbana e o êxodo rural em Chapecó.
In: Grifos. Forianópolis: UNOESC, 1995. p.25 a 39.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de
Moraes; AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro:
Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 93 a 101.
- VIEIRA, Carlos Eduardo. Historicismo, cultura e formação humana no
pensamento de Antonio Gramsci. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado em
História e Filosofia) Setor de Humanas. PUC – SP.
- VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade: estatísticas e fontes orais. In:
MORAES, Marieta.(org.) História Oral. Rio de Janeiro, 1994. p 45 a 73.

WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karem Elsabe Barbosa. Brasília: UNB, 1991.

Jornais e Revistas

MATOS, Herles de. O perfil do colonizador. **Folha da Floresta**, Alta Floresta, 1ª quinzena de abril de 1989.

_____. O perfil do imigrante. **Folha da Floresta**. Alta Floresta, 1ª quinzena de março de 1989.

_____. Primeiro agricultor de Alta Floresta. **Folha da Floresta**. Alta Floresta, 1989.

_____. Alta Floresta – capital do norte. **Folha da Floresta**. Alta Floresta, 1989

PEGORARO, Paulo Roberto. Ariosto da Riva um eterno pioneiro. **Folha de Londrina**, Londrina, 21 maio 1983.

_____. Milagres na selva amazônica. **Folha de Londrina**. Londrina, 21 maio 1983.

_____. A coragem de acreditar. **Folha de Londrina**. Londrina, 21 maio 1983.

_____. Dona Alice chegou, gostou, e vai ficar. **Folha de Londrina**, Londrina, 21 maio 1983.

QUATI, J. Carlos. A saga do colonizador. **Folha de Londrina**, Londrina, 05 jun. 1986.

_____. Aventura. **Folha de Londrina**, Londrina, 05 jun. 1986.

QUATI, J. Carlos. O colonizador de batina. **Folha de Londrina**, Londrina, 05 jun. 1986.

_____. Modelo de reforma agrária. **Folha de Londrina**, Londrina, 05 jun. 1999.

JORNAL DA CIDADE. A crise tem saída. Alta Floresta, 1984.

- _____. Feira de Ciências nos dias 27 e 28 de outubro. Alta Floresta, 1984.
- _____. Ariosto acreditava no sucesso, mas Alta Floresta superou as expectativas. Alta Floresta, 1986.
- _____. Mérito maçônico para Ariosto. Alta Floresta, 1987.
- _____. Alta Floresta recebe o embaixador da Alemanha Oriental. Alta Floresta, 1987.
- _____. Ariosto receberá mais um mérito. Alta Floresta, 1987.
- _____. Ariosto é homenageado no Paraná. Alta Floresta, 1988.
- JORNAL DA FLORESTA. Collor de Melo em Alta Floresta. Alta Floresta, 1989.
- JORNAL DA TARDE. Onde o crime jamais é castigado. Cuiabá, 4 jan. 1999.
- SUPLEMENTO DA INDECO. O construtor de cidades. Cuiabá, 1978.
- _____. Alta Floresta ano II. Cuiabá, 1980.
- _____. Um outro Brasil na Amazônia. Alta Floresta, 1983.
- _____. Projeto de colonização “Apiacás”. Alta Floresta, 1983.
- GUIA DE SERVIÇO – EDIÇÃO CENTRO-OESTE. Alta Floresta e o seu colonizador. Cuiabá, 1984.
- INFORME DA SUDAM. Ministério do Interior, 1977.
- REVISTA ALTA FLORESTA ANO 7. O garimpo passado a limpo. Alta Floresta, 1983.
- _____. A real aventura amazônica. Alta Floresta, 1983.
- _____. O falso mito do ouro inesgotável. Alta Floresta, 1983.
- _____. O bandeirantismo de hoje, segundo Ariosto. Alta Floresta, 1983.
- REVISTA ALTA FLORESTA ANO 7. A mamãe Indeco parabeniza a filha Alta Floresta. Alta Floresta, 1983.
- _____. Uma aposta empresarial. Alta Floresta, 1983.
- _____. Jogo de cintura: quem é esse misterioso pioneiro? Ariosto. Só. Alta Floresta, 1983.

_____. A fronteira agrícola vista de fora. Alta Floresta, 1983.

PETTA, Eduardo. Uma aventura na selvagem Alta Floresta. **Revista Terra**. São Paulo. Abril 1999.

MALICHECHI, Helena. Diário de classe da escola Vitória Furlani da Riva. Alta Floresta, 1978.

SANTOS, Raimunda L. Diário de classe da escola Vitória Furlani da Riva. Alta Floresta, 1978.

Entrevistas

ARAÚJO, Divino C. Entrevista realizada em Alta Floresta, 13 fev. 1999.

CRUZ, M^a Antonieta. Entrevista realizada em Alta Floresta, 14 fev. 1999.

LUEDKE, Ercio. Entrevista realizada em Alta Floresta, 18 fev. 1999.

MASSARELLI, Amélia P. M. Entrevista realizada em Alta Floresta, 02 fev. 1999.

MARTINS, Paulo Roberto. Entrevista realizada em Alta Floresta, 24 jan.1999.

MENDES, Benedito. Entrevista realizada em Alta Floresta, 11 fev. 1999.

OLIVEIRA, Dalva Lellis. Entrevista realizada em Alta Floresta, 09 fev. 1999.

OLIVEIRA, Valdir Telles. Entrevista realizada em Alta Floresta, 06 fev.1999.

SILVA, Francisco Luiz. Entrevista realizada em Alta Floresta, 02 fev.1999.

TEZA, Hitor. Entrevista realizada em Alta Floresta, 06 fev. 1999.